

# O B I S T U R I



**25<sup>o</sup> ANIVERSARIO**

*1958, set-out.*

**ANO XXV — N. 89**



# Relatório da Diretoria do C. A. O. C.

Aproveitando as comemorações da passagem do 45.º aniversário de fundação do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" vem a sua atual Diretoria, através da edição comemorativa de "O Bisturi", trazer aos colegas um relatório sucinto do que foi por ela realizado até o presente.

Assistimos em outubro de 1957 às eleições do C.A.O.C. a mais disputada destes últimos anos, da qual resultou a eleição da Diretoria atual, empossada em Dezembro do mesmo ano e formada por elementos de várias chapas, o que revela muito bem o espírito democrático dos associados do C.A.O.C. Isto porém não determinou a formação de uma Diretoria heterogênea, pois a compreensão de cada um dos diretores possibilitou a realização de um trabalho conjunto, visando apenas o engrandecimento do nosso Centro Acadêmico e a concessão de maiores regalias aos seus associados.

Entre as principais realizações desta Diretoria podemos citar:

## 1 — REFORMA DA SEDE SOCIAL

Ao iniciarmos nossa gestão notamos a necessidade de reformar a sede social, pois ela se encontrava em péssimo estado de conservação. Em princípio pretendíamos apenas pintá-la, porém verificando a possibilidade de uma reforma mais ampla foram convidados os colegas diretores Zuza, Amaury e Giovanetti para fazerem um projeto e orçamento dessa reforma. Aprovados estes, foram percorridas várias firmas desta Capital com o propósito de adquirirmos os materiais necessários ao menor preço possível. Conseguimos assim 40% de desconto com a Eucatex no material de revestimento do teto do nosso atual salão de estar. O madeirame utilizado nos foi cedido graciosamente pela Diretoria da Faculdade.

A reforma consistiu de revestimento do teto com Eucatex, pintura do teto e das paredes internas, reforma e pintura de todas as portas, reforma e melhoramento da cabine telefônica, com instalação de um novo telefone e colocação de vidros nos vitreaux. Além disto foram adquiridas novas poltronas, ta-

petes, banquetas, cinzeiros e reformadas as mesas de bilhar e a rádio-vidrola.

As novas instalações foram inauguradas no mês de junho, com a presença de vários professores e colegas. Na ocasião foi prestada justa homenagem ao Prof. Dr. João de Aguiar Pupo, mui digno Diretor da Faculdade em agradecimento aos inúmeros benefícios prestados pelo mesmo ao Centro Acadêmico, que constou da colocação de uma placa com o seu nome no novo salão de estar.

## 2 — DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Finalmente o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" criou o Departamento de Publicações, o que veio preencher uma grande lacuna; para isso adquiriu do colega Clóvis Serra, pela importância de Cr\$ 40.000,00 todo o material indispensável para a produção de apostilas e trabalhos científicos.

Este Departamento, além do trabalho de mimeografia, cuida dos serviços de datilografia e, o que é importante, da distribuição de suas publicações.

Para um trabalho eficiente e disciplinado, conseguiu-se da Diretoria da Faculdade uma sala adequada, dotada de todo conforto. O Diretor Luiz Manoel, imbuído de boa vontade e seriedade, em franca atividade, vem, a cada dia que passa, ampliando e aperfeiçoando um dos mais novos e preciosos departamentos deste Centro.

## 3 — GABINETE DENTÁRIO

Sempre foi propósito da atual Diretoria do C.A.O.C. manter um serviço dentário à altura dos sócios desta agremiação.

Destarte não poupou sacrifícios a fim de que um gabinete dentário atendesse condignamente os acadêmicos desta Faculdade.

Como fruto de suas atividades incessantes, conseguiu reorganizar o serviço dentário, de modo que os interessados de todos os alunos fossem respeitados.

Assim é que, como primeiro passo, foi providenciada a compra de todo o material necessário, o que ficou orçado em Cr\$ 30.000,00.

A reforma do gabinete, compreendeu, além dessa despesa obrigatória, a pintura de suas dependências, a aquisição de móveis, a readaptação de suas instalações elétricas, etc.

O gabinete dentário, assim reestruturado, funciona, às segundas e quintas-feiras, das 9 às 13 horas sob a direção do Dr. Remo Brasil.

Cumprir salientar que este período de trabalho é experimental, de modo que está sujeito a modificações que as necessidades tornarem prementes.

## 4 — TERRENOS DA CASA DO ESTUDANTE

Em janeiro do corrente ano o Senhor Governador do Estado promulgou a lei que autorizava da Fazenda do Estado a alinear por doação ao Hospital das Clínicas os terrenos ocupados por aquele nosocômio, ao mesmo tempo que autorizava sua Direção a ceder por comodato ao C.A.O.C. uma área de 3.000 m<sup>2</sup> situada na esquina da Avenida Rebouças com a rua Ovidio Pires de Campos para que aí se erguesse a Casa do Estudante. Todavia nessa mesma área foi edificado o Pavilhão de Isótopos Radioativos. Como os entendimentos entre esta Diretoria, o Hospital e a Diretoria se processassem de maneira muito lenta, foi dirigido, em audiência especial, um apelo ao Senhor Governador Jânio Quadros que prontamente determi-

nou a Assessoria Técnico-Legislativa o envio de mensagem à Assembléia Legislativa, solicitando aprovação da lei que cede ao C.A.O.C. o terreno situado defronte ao Estádio onde se localiza atualmente o campo de frontão, para que aí se erga a Casa do Estudante.

Desta forma, graças à pronta intervenção de Sua Excelência o Governador Jânio Quadros vimos resolvido o impasse criado pela construção do Pavilhão de Isótopos em terrenos do Centro.

## VERRA PARA A CASA DO ESTUDANTE

Em audiência especial em maio do corrente ano foi solicitado ao Senhor Governador o pagamento da verba de dois milhões de cruzeiros prometida na gestão Mário Cinelli para o início da construção da Casa do Estudante. Foi determinado imediatamente pelo Senhor Governador a inclusão no orçamento de 1959 da referida verba.

## 5 — AUDIÊNCIA COM O REITOR

Em junho do corrente esta Diretoria foi recebida pelo Prof. Gabriel S. Teixeira de Carvalho para discutir os problemas do doutoramento e internato no H.C. Foi solicitada a nomeação de uma Comissão de Estudos da qual participem estudantes das Faculdades, tendo sido essa sugestão bem recebida pelo Magnífico Reitor.

## 6 — POLÍTICA EXTERNA DO C.A.O.C.

A — Participação junto à União Estadual dos Estudantes e à União Nacional dos Estudantes

a) Colaboração na reforma da Constituição dos Estudantes Paulista, da U.E.E.J. com elemento do C.A.O.C. na comissão, que elaborou o anteprojeto de reforma da Constituição, apresentado pela Diretoria da U.E.E. ao X Congresso Estadual dos Estudantes, convocado para reforma da Constituição.

b) Participação de elementos do Centro na campanha encetada pela U.N.E. e U.E.E. ao lado da Federação das Indústrias de São Paulo e do Pacto Operário da Unidade Inter-Sindical, contra a entrada da empresa estrangeira American Can no país.

c) Participação com uma bancada completa do C.A.O.C. no X Congresso Estadual dos Estudantes, que teve sede na Universidade Mackenzie em fevereiro, para a reforma da Constituição.

d) Participação de liderança de elementos do Centro nos trabalhos da greve dos universitários de São Paulo em abril p.p. que com a duração de 5 dias atingiu sua finalidade de conseguir: 1 — a redistribuição dos estudantes bolsistas em excesso na Escola Paulista de Medicina; 2 — o restitudo dos convênios de intercâmbio cultural com os países latino-americanos; 3 — e de conseguir a liberação das verbas destinadas ao curso de geologia da Faculdade de Filosofia da U.S.P., que estavam retidas pelo Sr. Jurandir Lodi, da Diretoria do Ensino Superior do Brasil, do Ministério de Educação e Cultura.

e) Participação com bancada completa do C.A.O.C. no XI Congresso Estadual dos Estudantes que teve sede em São Paulo, na Faculdade de Medicina.

f) Colaboração de elementos do C.A.O.C. na Campanha contra a Companhia Telefônica Brasileira, que pretende continuar com a exploração dos telefones do Município da Capital.

Esta campanha está sendo dirigida por uma comis-

são mista de universitários, operários e elementos das sociedades amigas dos bairros.

Sua atividade até agora foi de esclarecimento da opinião pública e luta junto à Câmara Municipal para que não fosse aprovado projeto que pretende fazer novo contrato de concessão de exploração dos telefones do Município, com a Cia. Telefônica Brasileira, nos moldes atuais por mais 20 anos.

g) Participação de bancada completa do C.A.O.C. junto ao XXI Congresso Nacional dos Estudantes, que realizou-se em julho em Baurá.

h) Presença de representantes do C.A.O.C. em todos os Conselhos da U.E.E., com participação ativa e mesmo de liderança.

i) Trabalho do Centro Acadêmico na campanha da UNE e da UEE de esclarecimento da opinião pública a respeito da vinda de Foster Dulles ao Brasil.

## B — PARTICIPAÇÃO NO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

a) Participação na Diretoria do D.C.E., com o cargo de 2.º secretário de um elemento do C.A.O.C., o colega Thomas Maack.

b) Comparecimento e participação nas reuniões do Conselho do D.C.E.

c) Participação na Campanha da Diretoria no sentido de conseguir junto ao governo do Estado uma sede própria para o Diretório Central dos Estudantes.

## 7 — CASA DO ESTUDANTE

Fechado que foi o curso "Oswaldo Cruz" vimos a possibilidade de ali instalar provisoriamente a Casa do Estudante do C.A.O.C. que viria beneficiar um número relativo de estudantes que residem fora da Capital, quer pelo conforto da proximidade, quer pelo pequeno aluguel.

Feitos os estudos preliminares constatou-se a possibilidade de ali serem instalados 32 estudantes em quartos para duas pessoas. Desta forma o prédio do Cursinho será dividido em 16 quartos, com 6 box de chuveiros e 6 W.C.

O início da reforma se deu a 20 de agosto p.p. estando prevista a inauguração para 45 dias depois, isto é, para início de outubro, de acordo com o contrato lavrado entre o C.A.O.C. e a firma José Zungão S. A., encarregada da obra.

As inscrições dos interessados acham-se abertas com o vice-presidente e o tesoureiro, estando marcado o seu encerramento para 30 de setembro p.f., quando haverá reunião de todos os inscritos para se proceder à seleção, visto o número de inscritos ultrapassar o número de vagas.

Todo o lucro auferido pelo aluguel cobrado reverterá em benefício da própria Casa, havendo a possibilidade deste aluguel que de início

será de Cr\$ 500,00, ser reduzido.

Maiores detalhes sobre a Casa do Estudante são dados em artigo especial desta edição.

## 8 — LIGA DE MEDICINA PREVENTIVA

Com a criação de um número muito grande de Ligas Assistenciais, surgiu uma série de problemas que a Diretoria do C.A.O.C. dificilmente conseguiria resolver. Existem mesmo Ligas Assistenciais, que foram criadas há vários anos e nunca funcionaram. A centralização dessas Ligas no Departamento de Ligas Assistenciais do C.A.O.C. não foi capaz de resolver totalmente os problemas existentes.

Surgirá agora a Liga de Medicina Preventiva que englobará todas as Ligas do C.A.O.C. em uma espécie de policlínica com Diretores Clínicos especializados em cada ramo da medicina e o que é mais importante, esta Liga não cuidará apenas da terapêutica mas exercerá uma ação social de marcada importância, que vem a ser a medicina preventiva.

Após o Congresso Americano de Medicina Preventiva do qual participou o Prof. Aguiar Pupo foi nomeada uma comissão de estudos para planificação do trabalho da Liga de Medicina Preventiva. Desde já o Prof. Aguiar Pupo abriu mão do acervo da Liga de Combate à Sífilis no montante de Cr\$ 500.000,00 para início das atividades da Liga de Medicina Preventiva, previsto para o início do próximo ano.

## 9 — FARMÁCIA DO ESTUDANTE

A nossa farmácia se encontra atualmente em fase de reorganização e em futuro bem próximo ela estará atendendo com a máxima eficiência as necessidades de todos os colegas.

## 10 — BIBLIOTECA CULTURAL

O C.A.O.C. está atualmente organizando uma Biblioteca Cultural, que sanará uma grande lacuna em nosso meio. Além da aquisição de obras será necessária a construção de uma sala onde seria instalada a futura biblioteca.

Entramos em entendimentos com a Direção da Faculdade, que nos prometeu a construção de uma sala, no porão da Faculdade, simétrico ao atual salão de barbeiro.

## 11 — DEPARTAMENTO SOCIAL

Foi realizado no mês de maio nos salões do Club Transatlântico o tradicional Balle dos Calouros em homenagem aos nossos novos colegas. O balle foi social e financeiramente um acontecimento coroado de pleno êxito graças às atividades do Departamento Social e

da Tesouraria do C. A. O. C.

Infelizmente não nos foi possível a realização este ano do baile Noite de Maio. Após vários estudos verificamos, baseados em anos anteriores, que fatalmente este baile nos traria prejuízos, que dificultariam a realização de obras já projetadas.

## 12 — REFEIÇÕES NO H. C.

Conseguimos junto a direção do Hospital das Clínicas o fornecimento a preços acessíveis, de refeições aos colegas do interior, nos domingos e feriados. Essas refeições vieram de encontro às necessidades desses colegas, pois o nosso restaurante se encontra fechado nesses dias.

Caros colegas! Estas foram em resumo as principais realizações da diretoria do C. A. O. C. até o presente momento, entretanto temos pela frente inúmeros problemas, que pretendemos resolver antes do término de nossa gestão. Dentre estes problemas salientamos: 1.º) a reestruturação de nosso Bar-Restaurante. Esse se encontra presentemente nas mãos de um novo concessionário; 2.º) liberação de verba para barateamento das refeições. Esta verba se encontra atualmente em plano de economia do Governo Federal; 3.º) Limpeza e nivelamento do terreno onde será construída a futura Casa do Estudante; 4.º) Entendimentos para a aquisição de novos armários de aço, abolido desta maneira o acúmulo na utilização de uma caixa por diversos colegas; 5.º) Instalação no Centro de uma discoteca cultural, que já se acha em fase de organização.

Rubens Rodrigues da Cruz  
Presidente  
José Carlos de Paula  
Vice-Presidente

O POLITECNICO, órgão do GREMIO POLITECNICO, creveu na pag. 3 do seu número, de Julho p.p., uma nota a nós referente.

Assinava-o o seu Diretor, Jairo Lisboa; Não foi sem certa surpresa que a lemos. O colega do POLITECNICO refere-se a nós em termos altamente lisonjeiros. Citamos como lídimo representantes do espírito universitário. Que bom se fôsse verdade. Sabemos que o BISTURI não atingiu nem de longe o ideal de jornal acadêmico. Há muitos pontos nem sequer abordados, posições não tomadas, lacunas por preencher.

O ideal não é fácil; Continuemos a trabalhar por alcançá-lo. Ao POLITECNICO e ao seu Diretor os nossos agradecimentos pelo alto conceito em que nos tem. De momento, só podemos acrescentar que é mútuo.

## EXPEDIENTE: "O BISTURI"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º andar - S. 602 - Tel. 35-4672  
REDAÇÃO:  
Av. Dr. Arnaldo N.º 1  
Tel. 52-1729 - S. PAULO

Diretor Responsável:  
José Kinoplich  
Diretores:  
Rudolf Hutzler  
Luis H. C. Paschoal  
Secretaria:  
Dario Yabuta  
Durval K. da Veiga  
Redatores:  
Odilon de Melo Franco,  
Augusto H. Santo, Jeni M. M. Coronel, Nelson Fausto,  
David José Lerer, Thomas Maack, Nelson Simões, A. C. Eva, Bóris Wargaffig e Clóvis Coelho  
Desenhistas:  
Francisco Di Grado  
David José Lerer  
Distribuição:  
Izelinda  
COLABORADORES: Alunos e ex-alunos da F.M.U.S.P.  
Direção Técnica e Comercial:  
REINALDO FAGUNDES  
MICHEL

# ..Estudante Também é Povo

Antônio Carlos Cesarino



*«O Bisturi» seu completo 25 anos, seu ficar cego, homenagem de Paulo Pinotti - Ministro da Saúde - Setembro de 1958*

Temos dois aniversários agora em Setembro de 1958: o do C.A.O.C. (45 anos de uma existência das mais profícuas e cheias de realizações) e o do «O BISTURI», que faz agora 25 anos. É bem verdade que já antes havia publicações outras do C.A.O.C., mas só em 1933 nasceu «O BISTURI», como o conhecemos hoje.

É evidente que a data nos deixa contentes, orgulhosos até. Primeiro, porque sabemos perfeitamente o quanto custa publicar um jornal acadêmico; são os artigos a escrever, as colaborações a solicitar, datilografar, corrigir, revisar, publicar, tudo feito em «horas roubadas», no melhor sentido, ou ao estudo ou ao sono. E, quando pensamos que há 25 anos isso vem sendo feito, que os escrevedores mudam, o jornal continua, sentimos-nos como um pequenino elo, ligação momentânea do esforço passado às lutas de outros no futuro. É bom sentir-se assim, nasce a certeza de que, como tantas outras coisas da Casa de Arnaldo e do seu corpo discente, «O BISTURI» também é tradição.

Em segundo lugar, porque nesse quarto de século passado, muita coisa de primordial importância aconteceu e foi registrada e interpretada no jornal. Em qualquer sentido que a memória nos conduza, o jornal tem em seus números o registro. Desde um plano internacional, dos anos tristes da Segunda Guerra Mundial, a um plano bem interno, passando pela construção do Hospital das Clínicas (alvo, aliás, de uma campanha notável por parte de «O BISTURI»), às modificações de currículo do curso médico, atividades da escola à realizações do Centro Acadêmico.

«O BISTURI» é hoje mais velho que aqueles que o escrevem. É agradável folheá-lo na coleção da Biblioteca da Faculdade, os números já velhos de 2 décadas, as piadas antigas, as conjecturas por vezes austera e filosóficas, e seus autores, muitos deles, nossos conhecidos, nossos mestres de hoje.

Também nem tudo foram rosas, houve as paralizações da publicação, os longos hiatos, que a edição seguinte explicava e entrava logo a fazer planos de futuro, discutindo problemas, a criticar ásperamente fatos e nomes, com uma naturalidade de espantar em quem por tão longo tempo havia primado só pela ausência. Não deixa de haver um encanto próprio nisso, estudante, tudo vale... e como vale, 25 anos são bem uma festinha valiosa.

Já que o sentimento extravassou, passou da conta, e até já usamos a palavra «encanto», continuemos ainda um pouco em considerações dessa ordem. É que e outra vez, é se levado ao sorriso, ao ver como o jornal muda. Uma vez sério, outra piadista, para logo em seguida alçar o programa e cair em profundas considerações sobre os destinos da FMUSP, e às vezes os da nação.

Ditas assim, as coisas passadas dão a impressão de tudo não ter passado de um gracejo. Engano, muito foi feito, realizações hoje consumadas e estáveis tiveram seu início em reportagens e comentários do jornal. Erros foram corrigidos e sem medo de parecermos equivocados ou precipitados, não hesitamos em considerar bem grande a contribuição de «O BISTURI» na crítica construtiva, que promove a melhoria das instituições afetantes aos interesses dos alunos da Faculdade de Medicina da U.S.P.

Ao se completarem os seus 25 anos, é necessário fazer-se o balanço do que já se passou e fazer planos para atuar no que vier. Sabemos que não adianta muito, os que escrevem e o que se deita ao papel difere de ano a ano, já vimos que o jornal sofre essas mutações também. De muito ameno antigamente, passou agora a muito sério. Seria interessante, agora, verificar a influência que ele talvez possa exercer nos seus leitores. Com isso, passamos ao presente de «O BISTURI» e fiquemos nele, já que é por demais arriscado prever-lhe o futuro.

Nós somos um jornal acadêmico. A nossa esfera de atuação está nos universitários e os problemas desse grupo da população são grandes. Tomando por base a nós mesmos, na FMUSP, os nossos problemas de ensino existem, as falhas persistem e insistem; há Departamentos Cirúrgicos, que não funcionam, há os programas curriculares, que se tornam obsoletos. É preciso estudá-los, dar opiniões, que ajudem a solucioná-los. Isto num plano interno e particularizado. Mas, e na «classe» universitária (classe, entre aspas, é óbvio), existirá o universitário no Brasil? Parece que não, há só um frequentador de escola superior, arranja um diploma qualquer e sai pela vida inconsciente do seu desejar valor, como integrante de uma elite intelectual, com probabilidades de moldar os destinos da nação. Se, nós, brasileiros de INSTRUÇÃO SUPERIOR, não temos consciência desse papel, de uma coisa estamos certos, o mal já começa muito cedo, enquanto visitamos, as nossas escolas superiores e somos EGOISTAS E PREGUIÇOSOS demais ou em grau altamente diferenciado BURROS, para das questões político-econômico-sociais do Brasil não tomarmos conhecimento.

Fazê-lo, ou, em tempo, mais modestamente, lutar por trazer a essa gente toda, na nossa ESFERA DE ATUAÇÃO, alguns aspectos, ao alcance da nossa compreensão e da nossa crítica, da problemática brasileira de hoje, em seus pontos mais notáveis, e, por infelicidade, mais chocantes, quando o país quer entrar numa fase de expansão, que por todas as formas merece, é um programa e um esquema para o futuro.

Como cumprimento e saudação de aniversário, principalmente no setor médico-sanitário, e a análise dos problemas da própria faculdade, seria esse programa, o que desejaríamos ao nosso «O BISTURI».

R. H.

Este é um artigo desvirtuado, de exposição do que entendemos por política e movimento universitário, para o esclarecimento dos leitores.

O SENTIDO — Qual é o sentido de se fazer política universitária? essa é uma das perguntas que aqueles que militam nessa ordem de atividades enfrentam com mais frequência. E à sua resposta segue-se geralmente uma série grande de outras interrogações, que de modo geral denotam desconhecimento (e geralmente descrença) absoluto do que venha a ser movimento universitário.

Mas seria possível, de dentro dessa barafunda aparentemente incompreensível e um pouco ridícula de congressos, em que se perdem noites em discussões aparentemente incúcias; de reuniões cansadas, em que se repisam esquemas e argumentações; de trabalho insano, que tem feito muito estudante perder anos a fio de seu curso; de «conchavos», de comícios, de correrias, de tudo isso seria possível extrair algum rumo, vislumbrar alguma diretriz geral?

Existe um rumo. E de há muito ele está traçado. Não foi fixado por aqueles que, no momento, vivem o movimento universitário, mas obedece inapelavelmente às leis de uma dinâmica social que não permite paradas nem retrocessos definitivos. Podem surgir períodos de reacionarismo e mesmo de venalidade dentro do movimento, como já tem acontecido em determinadas oportunidades; mas essa queda não será senão momentânea. Basta olhar o que já existe: há uma série de posições, que já constituem quase um patrimônio histórico do movimento universitário e elas se traduzem pela Declaração de Princípios que vem publicada em algum lugar deste jornal. E essas posições são uma conquista definitiva. Nunca mudarão para pior. Isso simplesmente porque são reflexos do momento social que vivemos.

OBJETIVO PRÓXIMO (E REMOTO) — A finalidade pode ser resumida em duas palavras: criar consciência.

O que se pretende é que o universitário adquira o poder de se libertar da pior herança, que a estrutura social vigente lhe legou: a alienação. Egresso geralmente de um meio pequeno-burguês e educado dentro do clima de liberalismo econômico e filosófico que o coloca permanentemente à margem da sociedade. Quando reage diante de algum problema, o faz de acordo com o pensamento médio da classe que provém. (É por isso, entre outras características, que não se pode definir uma «classe» universitária). Mas, frequentemente, o universitário nem sequer chega ao limiar de esboçar qualquer atitude. O país marcha apesar dele e não com ele. Suas preocupações são sempre de caráter eminentemente individualista: move-se (preguiçosamente) quando algo ameaça sua formação profissional. Quando seu Diploma (e consequentemente seu futuro) estão em jogo. E a isso se junta seu baixíssimo nível de cultura. Nunca houve erro tão grande como o de se caracterizar o grupo universitário como um grupo intelectual. No máximo existe certa

margem de ilustração localizada e mesmo esta problemática. (Seremos «bacharéis em apostilas», como já disse um antigo líder universitário, Francisco Brandão. De qualquer forma há sempre uma grande miopia no que diz respeito a uma visão do conjunto. Em suma; o universitário pensa pela metade (no máximo) e não chega às transformações sociais que atabalhoadamente se processam em torno dele e pedem seu concurso. E permanece alienado de todas as realidades. Orgulhosamente cioso de sua situação de «intelectual». E aí surge o objetivo imediato (cuja consecução é remota): dar ao universitário consciência de seu papel, de suas possibilidades e obrigações e da efervescência do momento atual.

DE QUEM É A CULPA?

Porque o universitário tem essas características? Influência do meio e do momento histórico, certamente. Mas há mais; a falha é das universidades. Estas, que deveriam ser as geradoras de um pensamento nacional, que deveriam ser reais fontes de cultura (no sentido social do termo), deveriam, como disse Ortega y Gasset, ser a consciência da nação, são entre nós velhos e empedrados casarões, em que milenares telas de aranha protegem livros raramente abertos, enquanto velhotes enrascados discutem eruditamente o aumento de seus vencimentos. Isso tudo em francês (às vezes em inglês). É evidente que essa visão é caricatural, mas retrata aproximadamente a realidade de nossas universidades: sem adequação alguma dentro de país, transplantadas quase sem modificação de civilizações de características diversas da nossa, nossas universidades, caducas e decadentes estão a pedir com urgência uma reforma de base. O que existe é que a maior parte dos responsáveis por essa direção está ainda inconsciente do papel real das instituições universitárias, encarando-as mais como centros de aprendizado técnico (que devem ser também), do que como local de formação de pensamento nacional. Assim aí está outra finalidade do movimento universitário: ensinar aos professores.

A POLÍTICA UNIVERSITÁRIA, UM INSTRUMENTO

— E que é política universitária afinal? Tem um papel importante como campo de adestramento em atuação política — é o lugar onde se revelam os líderes de que estamos tão carentes atualmente. E mais: é o lugar, onde nós, estudantes, podemos aprender atualmente o nacionalismo. E fazer uma opção ideológica. A menos que continuem ignorantes ou sejam mal intencionados, todos os universitários, que fazem política universitária, deixam de ser reacionários. São raras as exceções. Isso simplesmente, porque aí se aprende algo. E daí que tiramos uma conclusão (pessoal) importante: o reacionarismo político é sempre fruto da ignorância. Ou da preguiça. Ou da desonestidade.

Mas, há coisas sórdidas na política universitária? Sim; e tudo o que de mau ela apresenta (como alguma coisa do

(Cont. na página 12)

## Prof. Octavio de Paula Santos

Faleceu, o dr. Octavio de Paula Santos, professor-adjunto da cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O extinto, formado em 1925, pela Faculdade de Medicina de São Paulo ingressou logo no corpo docente, do Instituto, na qualidade de assistente de Fisiologia, em cujo Departamento trabalhou durante 32 anos. Desempenhou com brilho os cargos de 2º e 1º assistente, livre-docente e professor-adjunto. Substituiu por diversas vezes o professor catedrático e durante muitos anos foi o encarregado da parte do curso de Fisiologia.

No campo do ensino e da pesquisa foi elemento de relevo no corpo docente da Faculdade de Medicina, onde, a par de sua elevada cultura prestou relevantes serviços. Notável pesquisador, o professor Paula Santos publicou numerosos trabalhos entre os quais diversos premiados. As suas pesquisas sobre o valor nutritivo dos alimentos brasileiros, serviram para a organização racional de

dietas alimentares em várias regiões do país. Seus estudos sobre os sais de cálcio e de ferro constituem, pelo elevado numero de pesquisas realizadas e de problemas estudados, uma das mais completas contribuições existentes no gênero. Por mais de uma vez, tomou parte na organização de centros de ensino e de pesquisas em varios pontos do País. Ministrou cursos práticos nas Universidades do Paraná, de Recife, Salvador e Belém. Estudou com especial dedicação, problemas de grande interesse social, como os referentes à alimentação brasileira. Ultimamente, concentrava a sua atividade de pesquisador nos problemas referentes aos reflexos cardíacos, elaborando uma monografia sobre o «Reflexo de Bainbridge».

O extinto era filho do sr. José Antonio de Paula Santos e de da. Elisa Montenegro de Paula Santos. Deixa os filhos da. Beatriz Amalia de Araújo, Lígia e Gilberto de Paula Santos.

## Dr. Enéas Carvalho de Aguiar

Faleceu nesta Capital, vítima de um mal súbito, o Dr. Enéas, que era até o ano passado o superintendente do nosso H. C.

Nascido a 16-2-1902 na cidade de Capivari, fez seus primeiros estudos no «Araraquara College», antigo Curso Alfredo Paulino. Formouse em medicina no Rio de Janeiro, pela F. M. U. B.

Foi inspetor sanitário em Cruzeiro, depois inspetor do Serviço de Profilaxia da Lepra em Bauru, onde foi diretor e fundador do Sanatório Aímorés. Mais tarde, veio para São Paulo para ocupar o cargo de diretor do Serviço Social de Menores.

Posteriormente veio dirigir o H. C., na qualidade de superintendente geral, cargo que muito honrou. Atualmente era o diretor da Beneficência Portuguesa, onde faleceu.

Publicou inúmeros trabalhos sobre profilaxia da Lepra e assistência social. Era membro de inumeras sociedades científicas do Brasil e do Exterior.

Deixa viúva D.ª Lúcia B. Aguiar.

O Prof. Isaias Raw, docente livre e chefe do Laboratório de Enzimologia do Depto. de Química da F.M.U.S.P., que se encontra em viagem de estudos na Universidade de Indiana, recebeu da Fundação Rockefeller uma doação no valor da quarenta e cinco mil dólares, a fim de continuar importantes pesquisas que vinham sido feitas no departamento.

A doação será recebida em duas partes: Uma, consta de aparelhagem de pesquisa que virá com o Prof. Isaias no início de setembro; outra parte será dividida em pequenas parcelas recebidas no decorrer das pesquisas para sua manutenção.

Os principais aparelhos que virão serão: Um espectro fotômetro registrador, espectro fotômetro simples, centrífugas refrigeradas, potenciômetros, perfazendo ao todo o número de setenta e seis aparelhos diferentes.

O Prof. Isaias Raw e seu assistente Dr. Nicola Petragani, continuarão as pesquisas sobre oxidação fosforilativa, fenômeno que ocorre nas principais funções vitais. (Ex. metabolismo glicídico). Esse fato reveste-se também de importância, quando se considera a relação desses estudos bioquímicos com as pesquisas médicas. Pesquisas clínicas com provas funcionais, que levariam meses a serem feitas, serão resolvidas automaticamente, em curto prazo por esse novo aparelhamento.

Portanto os trabalhos do Departamento de Química, além de representarem um novo impulso às pesquisas em nossa Faculdade, contribuindo à manutenção de seu alto padrão, constituem também novas possibilidades no campo da Investigação Médica.

J. M. M. C.

# Notas do Exterior

O. M. F. F.

## ONDE ESTARÁ O EQUILÍBRIO

Se analisarmos os movimentos universitários que existem aqui e ali, encontramos-os de um lado absorvidos em problemas qualificados de práticos e de outro, em plena luta política. Poderão esses extremos de atividade estudantil alcançar resultados positivos se um faz omissão do outro? A resposta é naturalmente negativa.

A proeminência de um desses extremos resultará indubitavelmente prejudicial. Porém, em organizações que atuam em lugares e circunstâncias diferentes, poderá efetuar-se essa conciliação? Poderá se exigir do estudante de Oxford as mesmas condições da intervenção em assuntos nacionais que do estudante de Cuba ou da Argélia? Evidentemente não. Enquanto um estuda num ambiente de ordem e tranquilidade, o outro está rodeado pela tensão e desequilíbrio. E enquanto um pensa na organização de suas férias de verão, o outro medita no estabelecimento da ordem constitucional, tendo pela frente uma missão de grandíssima responsabilidade: a luta, de proporções nacionais, pela independência de sua pátria.

(De Mario Reyes Chavez, da Bolívia)

## POR ACASO O PROBLEMA DO BRASIL É DIFERENTE DO RESTANTE DA AMÉRICA LATINA?

Temos problemas comuns a resolver — Cada vez mais surge a consciência de uma unidade de atitudes

Os povos latino-americanos têm hoje problemas comuns a resolver: a busca de uma superação de sua condição de povos de países subdesenvolvidos; a luta contra as ditaduras de força; o combate a grupos econômicos minoritários; a erradicação da asfixia do capital estrangeiro. Em outros termos: há uma inegável efervescência social que repercute enormemente em todos os âmbitos da atividade política, cultural e econômica.

Todos esses fatos, é claro, atingem a consciência estudantil, originando um traço comum de atitudes no plano político, que nos vários países, inclusive no nosso, adquire o caráter de «Terceira Posição».

Uma expressão desse desejo da aproximação dos estudantes em relação às aspirações populares, aos problemas das nações em que vivem, é o desenvolvimento das chamadas «União Operário-Estudantis». Nesse sentido, além do caso do Brasil, poderíamos citar as uniões existentes atualmente na Argentina, Uruguai, Bolívia, Equador e Chile.

Outro passo também está sendo dado, o da cooperação estudantil internacional no âmbito de toda a América Latina. Vários fatos já demonstraram que ela é possível e desejável.

# ENSINO MEDICO

## Alunos e Congregações de Alunos

CECIL JOSE REZZE

De uma maneira geral, quem pensa em melhoria de ensino médico, «bola» uma sugestão, uma crítica e chega a escrever para o «O BISTURI», é um indivíduo bem intencionado.

Mas daí ao resultado prático desses artigos há uma grande distância.

Observamos que em geral os artigos são marcados por forte tendência pessoal, mostrando uma opinião e não um estudo. Os artigos são incisivos, protusos.

A consequência é que os criticados, como o foram publicamente, tomam uma atitude. Frequentemente há uma resposta também pública. Cada um firma o seu ponto de vista e ninguém muda ou modifica nada.

2 — Entrevista da comissão com o professor e assistentes.

3 — Elaboração de um questionário, que foi respondido pelos alunos.

4 — Discussão entre os membros da comissão e os professores.

### Finalidade do Questionário

a) Averiguar onde os alunos acharam maiores dificuldades ou maiores deficiências.

b) Informar ao professor os pontos positivos e de valor, que os alunos sentiram no correr do curso.

c) Sentir a opinião geral dos colegas sobre o curso ministrado.

### ALGUMAS PERGUNTAS

Foram feitas 27 perguntas abrangendo o mais completamente possível as atividades do Departamento.

Dessas selecionamos 5. Aqui vão elas juntamente com as respostas:

1 — Quantitativamente o material didático é: Suficiente? 52 Insuficiente? 1.

2 — Qualitativamente o material didático é: Mau? 0 Regular? 14 Bom? 38.

3 — O número de alunos por aula prática é: Muito elevado? 34 Satisfatório? 16.

4 — Julga o número de demonstrações sobre moldes de embriologia: Suficiente? 13 Insuficiente? 35 Excessiva? 0 Desnecessária? 1.

5 — Julga o anfiteatro para as aulas teóricas: a — apropriado? 14; b — impróprio? 35

### ANÁLISE DESSAS PERGUNTAS

Relativas a essas perguntas saíram as modificações que vêm dar outro aspecto ao ensino ministrado por essa Cadeira.

Lembramo-nos muito bem, das nossas aulas práticas do ano passado, em que um Assistente era submetido ao bombardeio de 90 alunos curiosos.

Aquele anfiteatro espremido para as aulas teóricas, sempre convidativo para uma boa piada e uma conversa amena.

### AS COISAS MUDARAM

Encontramos o 1.º ano com grandes modificações.

As instalações foram ampliadas. As aulas práticas contam não somente com a sala antiga, mas também com as ótimas instalações de aulas práticas, da Parasitologia. Bom exemplo de colaboração entre Cadeiras.

As aulas práticas com um outro auxiliar; as papeletas de orientação microscópica, e ao que parece, estão funcionando.

Silêncio?! Encontramos silêncio nas aulas práticas, pois a turma está dividida em grupos de 20 alunos.

A Cadeira transormou-se em curso de semestre. Foram trocadas as aulas com a Anatomia. Indubitavelmente isso vem ajudar os primeiranistas no estudo da Histologia.

As aulas teóricas são dadas no anfiteatro da Parasitologia, com melhor rendimento. O número de aulas permanece o mesmo. Mais um bom exemplo de cooperação.

Aliás já não é de agora que a Histologia, a Fisiologia, a Anatomia vêm tentando entrosar-se.

Em 1957 o 1.º ano teve o seu programa distribuído de tal forma, que as diferentes Cadeiras estudariam os assuntos na mesma época. Assim poder-se-ia correlacionar melhor a anatomia, a fisiologia e histologia entre si.

### PESQUISA CIENTÍFICA

— E a pesquisa científica? Não foi esquecida!

A resposta à pergunta (\*) vem provar que um número grande de alunos poderia iniciar-se em pesquisa científica, se assim o quisesse. Alguns de nossos colegas o fizeram e lá continuam até hoje.

O mérito e quantidade de pesquisas realizadas pelo Departamento escapam à capacidade de julgamento da comissão que estudou o assunto.

### EXPECTATIVA

Não se pode dizer de quanto melhorou o curso.

Mas uma coisa é certa, pudemos estudar o problema. Discutimo-lo com os mestres, que o fizeram com muito boa vontade, auscultamos a opinião dos colegas e apresentamos uma série de sugestões.

Nesse nosso caso a boa vontade imperou e as transformações vieram. Esperamos que elas sejam proveitosas e temos certeza de que se o forem, elas serão mantidas.

No fim desse período letivo tudo vai ser examinado de novo. Ai teremos uma noção real do progresso realizado.

### CONCLUSÃO

É útil que os alunos colaborem com a melhoria do ensino médico. Não somente útil, mas imprescindível.

A maneira de fazê-lo cremos nós, é estudando, fazendo um trabalho positivo. Nunca abandonar a luta. «O BISTURI» sempre será importante quer na difusão dos resultados, quer em casos de reinvidicação de certas soluções, se for necessário.

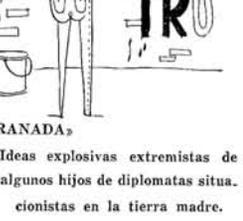
Mas, antes de tudo, sempre um estudo básico e objetivo.

Acredito que um indivíduo, que pense, que conheça a Faculdade, tomando de lápis e papel faça um artigo interessante. Mas tomar resoluções e fazer modificações em ensino médico não é só meditar e escrever.

É preciso discutir com outros, verificar bem a dificuldade dos alunos, abstrair-se da simpatia ou antipatia pessoal, enfim fazer um trabalho de equipe, pois só assim ele será eficiente.

(\*) O incentivo que se dá à pesquisa para os alunos é:

Suficiente? 24 Insuficiente? 23.



EL NEGRON CALIPSISTA ES BUENO AMIGO, PERO EL «FORJANDO AMIGOS» DE LA «A GAZETA ESPORTIVA» ES «MATERIA PAGA»

# O Banco de Sangue do H. C. Campanhas Públicas

Nos últimos tempos, mormente nos meses de Maio, Junho e Julho de 1958, a Imprensa de São Paulo ocupou-se do Banco de Sangue do Hospital das Clínicas.

Inegavelmente, o acidente hemorrágico é um dos que mais cuidados inspira à Medicina, dada a terapêutica radical e especializada, que exige.

Tudo o que refere ao assunto sangue, encontra de parte do leigo uma reação pronta, dado o aspecto sentimental, inerente a ele.

Num hospital do tipo do nosso, com o numero impressionante de doentes, de todos conhecidos, onde:

1) desenvolvem-se tipos de grande cirurgia, com a maior correção possível.

2) grande porcentagem dos internados está em péssimo estado geral, necessitando recuperação.

3) o Pronto Socorro recebe as vítimas da maioria dos desastres ocorridos na cidade e nas circunvizinhanças. O gasto de sangue em

transfusão é grande e grátis. Arranjá-lo não é fácil, depende da boa vontade popular, para poder-se atender a um gasto de 25 litros diários. Lá também as campanhas pelo rádio, jornais e TV.

Uma vez no âmbito do conhecimento publico acusações foram feitas contra a organização do Banco de Sangue e do próprio Hospital. Algumas justas, outras não.

Por isso colocamos em contacto com o Dr. Oswaldo Mellone, chefe do Banco de Sangue, que nos contou algo das dificuldades da instituição, das causas das queixas surgidas e do que se faz por solucioná-las.

Para os que vivem em relação direta com a vida do H. C. não serão propriamente novidades as declarações do Dr. Mellone. Serve, porém de esclarecimento aos cidadãos quase atritos de opiniões e da confusão então originada.

O que se segue, é em linhas gerais o por ele a nós contado.

Se aprovados, esse prepa-

rados seriam de utilidade imensa em qualquer época. Foi obrigatório o seu estudo, dada sua possível utilidade. Infelizmente, os resultados não foram satisfatórios. No H. C. experimentaram-se (1950) os plasmas bovinos e equinos, e a que o organismo humano reagia, substâncias estranhas que eram.

Os produtos sintéticos (Dextran, succo; Poli-vinil-Pirrolidona, francês) revelaram-se (estudos de 1952) de utilidade restrita, já que têm simples função mecânica de preencher o sistema vascular do sangue perdido.

—oO—

No tratamento da Doença Hemolítica do Recém-nascido, foi o Banco um dos pioneiros no Brasil, em 1949.

Esses trabalhos foram feitos, juntamente com pesquisas sobre o fator Rh, em conjunto com o Departamento de Microbiologia e Imunologia (Serviço do Prof. C. S. Lucax).

Uma das grandes questões na transfusão é a possível transmissão de uma afecção do doador ao receptor.

Uma das doenças assim transmissíveis é a sífilis. Feito um levantamento sorológico, verificou-se que 3% dos doadores poderiam ser portadores de lues. Torna-se necessária a feitura das provas de Kahn, Kline e Wassermann. De qualquer maneira, mesmo sangues positivos podem ser utilizados, uma vez que os Treponemas são esterilizados em 72 horas de geladeira.

Um problema muito nosso é a Doença de Chagas. Sua transmissão acarretaria ao receptor prejuízos incalculáveis.

veis, causados pela miocardiite chagásica.

Já que a anamnese na pesquisa do conhecimento do barbeiro e suas eventuais picadas, mostra-se falha, torna necessária a reação de Machado-Guerreiro de uma forma sistemática.

O levantamento sorológico para a Tripanossomose em São Paulo deu uma positividade de 2%. Mesmo o sangue com parasitas pode ser utilizado desde que tratado pela violeta de genciana na proporção de 1/4000, durante 24 horas.

Essa descoberta foi feita aqui na FMUSP, no Departamento do Parasitologia, pelo Dr. Vitor Nussenzeig, e é de importância capital em zonas do Triângulo Mineiro, São José do Rio Preto, etc., onde a positividade da reação de Machado-Guerreiro para doadores, oscila entre 10% e 20%.

Uma das objeções que se fazia ao tratamento pela violeta, era de que, talvez, a vida da hemácia fosse por ela afetada. As pesquisas feitas no Banco de Sangue provaram que o método é completamente inócua. Para se ver a importância disso, basta dizer que em Uberlândia, de elevado índice de incidência da moléstia de Chagas, o sangue é, por sistema, colhido em violeta de genciana. A própria população já se habituou à prática, preferindo mesmo o que chama de "sangue desinfetado".

Também em conjunto com o departamento de Hematologia, com os Drs. Michel Abu Jamma e Vittorio Maspes, foram feitos trabalhos nos campos das anemias hemolíticas, e nos mecanismos etiológicos das anemias em geral.

Para poder atender ao consumo de 25 litros diários o Banco de Sangue depende das doações dos familiares dos doentes, que avisados, não podem negar-se a vir doar sangue, já que são interessados diretos. Mas em geral, essas doações não são suficientes, e às vezes inexistentes, nos casos dos doentes vindo do interior, quase sempre desacompanhados.

Apela-se então aos voluntários, por meio de campanhas pela imprensa, rádio e TV. É aí que os fatos chegam ao domínio público e se solucionam, momentaneamente, a falta de sangue mais presente.

Por vezes diversas tem vindo auxílio espontâneo. Em 1956 (novembro) o jornalista Roberto Corte Real fez com que se instituisse ali no Mappin um posto coletor de sangue que funcionou por três meses. De um ano para cá tem sido por demais valiosa a campanha que faz o Lyons Clube de São Paulo, percorrendo os diversos bairros e pedindo à população a colaboração necessária.

Por diversas vezes toda a imprensa paulistana lançou apelos à coletividade no sentido de uma arregimentação maior de doadores.

O problema tornou-se agudo em 1957 quando houve um aumento brutal das necessidades do H. C. Nesses últimos tempos, por mais lamentável que seja, operações tiveram que ser adiadas, doentes deixaram de ser atendidos, pois o estoque do Banco estava praticamente a zero. A última vez foi no dia 8 de julho.

Quase todos os jornais de São Paulo deram notícias e fizeram apelos para o Banco de Sangue nos meses de Maio, Junho e Julho do corrente ano. Através deles, soldados do Exército, da Aeronáutica vieram doar. Muitos populares acorreram à sangria. Havia na época, dois postos coletores principais; um, no próprio H. C. e o outro, mantido pelo Lyons na Praça Ramos de Azevedo. Este ultimo movimento, só funcionava na parte da tarde. Pois bem, no dia 10 de julho, respondendo à campanha dos jornais, muita gente, inclusive repórteres, foram ao posto do Lyons pela manhã e o encontraram fechado.

No dia 11 de julho os jornais publicam manchetes sobre

bre a desorganização do Banco de Sangue, a negligência dos responsáveis por tantas vidas em perigo. O que houve é que não se esperava a chegada de tantas pessoas a um local onde antes se recolhiam 3 ou 4 frascos de sangue por dia. Além do mais, no Banco mesmo, no dia 10, havia mais de 150 pessoas para serem atendidas. O pessoal que antes perdia seu tempo no posto da cidade, havia sido transferido para o H.C. Iai a demora do atendimento do serviço também à tarde. Já no dia seguinte, porém, o horário estendeu-se pela tarde e puderam ser feitas as colheitas de voluntários na cidade.

Houve até um certo tom de sensacionalismo nas notícias, aliás muito bom do ponto de vista propagandístico, que se tinha em vista.

"Até sangue de cadáveres já foi usado no H. C.", o que não é verdade, apesar de ser um processo viável.

E por aí a fora. Um jornal, ante o que considerou desinteressante dos próprios responsáveis do Hospital, encorrou com um lamento a campanha que vinha fazendo para obter sangue. E outro acusou a política financeira do sr. Jânio Quadros, que não provia nem sangue para os doentes.

A política do "aperta o cinto" do Governador pode estar errada, não discutamos com os seus adversários políticos, mas na questão do sangue para o H. C. é uma questão de voluntariado popular, já que não se cogita de obter o sangue em bases mais comerciais, por compra.

Má ainda a salientar a co-opeção do CAOC na campanha, agora de rotina, do Lyons. Os seus associados, trabalhando nos fins de semana nos bairros, e a sua perua, cedida ao Banco de Sangue, para o transporte de técnicos e do material entre o H. C. e os diversos postos de coleta.

No momento, sempre através do Lyon, há oferecimentos de fábricas e instituições outras, cujos empregados têm ofertado sangue. Acha o Dr. Mellone, que, de momento, o problema está solucionado, sendo melhores as perspectivas atuais. É bobagem fazer previsões para o futuro, pois uma vez caído no esquecimento o assunto, o sangue faltará outra vez. O jeito é não deixar cair, pedir sempre.

E de se desejar que as doações sejam contínuas; não há necessidade de 200 por dia e depois uma semana sem nada. Na prática da transfusão, entre a doação e a chegada do sangue às veias do doente, há muito trabalho (tipagem em grupo, esterilização e limpeza do material, etc.). O ideal seria o equilíbrio em tempo de todos esses fatores. A coisa está resolvida no momento, mas ainda não há uma solução a longo prazo.

## Organização

O Banco de Sangue do H. C. nasceu no dia 19 de abril quando deu entrada ao P. S. um sujeito inencho, bêbado, que enchia todo o P. S. de uma fedentina abominável. Ia ser operado das facadas que levava numa briga, e na operação recebeu os primeiros frascos de sangue empregados no Hospital das Clínicas.

Decidiu a Direção do Hospital ceder ao Serviço duas salas no 4.º andar, ao lado da Seção de Fisioterapia. No projeto do edifício, datado de 1937, não estava planejada a sua instalação e daí a impressão de provisoriidade, que ainda causa, após quase 15 anos de instalação.

Após alguns anos, a Fisioterapia mudou-se para o 8.º andar, o Banco de Sangue pode ser aumentado um pouco.

Hoje funciona com 4 boxes de sangria (eram primitivamente destinados aos serviços de Ortopedia), podendo colocar 2 macas num corredor. Pode-se dizer que esse é o seu maior problema: só pode atender por vez 4 doadores. Ora, cada doador leva na sangria e descansando depois, no mínimo meia hora. Um outro doador tem que esperar, por isso, às vezes, espaços de tempo grandes. Como é um voluntário, que inclusive pode estar perdendo o seu trabalho, ali naquela espera, reclama, não gosta, e passa a pensar duas vezes antes de voltar de outra.

Tentou-se solucionar o problema com um corpo grande de doadores mais ou menos fixo, e que avisados pelo correio viriam em dia e hora certa, evitando-se assim o excesso e falta de doações, que são inoportunos se vêm revelando. Numa experiência feita, de 500 convites desse tipo, no horário aprazado

compareceram oito doadores. É falha, portanto que ainda precisa ser corrigida.

As instalações do Banco de Sangue contam ainda um box de Ambulatório (para pacientes anêmicos, etc., que sem precisarem de internação, vão dali para casa); salas de conservação, testes, limpeza e esterilização, secretaria e dormitório do médico de Plantão. É um espaço muito pequeno para as operações complexas que ali se realizam. Esse, sim, é um problema de difícil solução, só resolvido através de considerável soma de dinheiro na construção de novo local, pois dentro do Hospital, não há lugar nem para os internos, nem para os externos.

Segundo o Dr. Oswaldo Mellone, o numero de médicos (7) e técnicos (18) é perfeitamente suficiente, para o serviço do H. C. O que acontece, às vezes, é que o grande afluxo de doadores mobiliza tudo e todos para o trabalho de sangria e cuidados aos doadores, ficando retardada a parte de esterilização, limpeza, etc.

No caso de futuras ampliações, que hoje parecem bem remotas, seria necessária a ampliação do quadro de pessoal.

A despesa do H. C. com o Banco de Sangue é da ordem de Cr\$ 550.000,00 mensais, mil de material e 400 mil de pessoal), fornecendo 700 litros nesse mesmo período de tempo, o que custaria a uma instituição particular (Cr\$ 1.400.000,00 (Cr\$ 2,00 por grama de sangue).

Deve-se considerar sobre essa despesa, que o doente ao qual é fornecido sangue tem possibilidades de recuperação mais rápida, por conseguinte diminui a sua permanência no leito e no Hospital, baixa o preço diário do leito no Hospital.

## Problemas atuais

O número de transfusões realizadas no H. C., foi aumentando gradual e rapidamente.

### QUADRO I

Ano	Transfusão
1944	713
1945	3.609
1946	5.247
1947	6.428
1948	7.919
1949	10.814
1950	10.373
1951	11.252
1952	12.803
1953	14.467
1954	16.396
1955	18.123
1956	18.711
1957	25.911

—oO—

Em ano de 1956 a 1957 houve um salto notável. E é onde surgiram as maiores dificuldades no fornecimento de sangue.

São diversos os fatores, que influem nesse aumento de consumo:

a) o aumento natural de doentes atendidos no conjunto, pelo Hospital.

b) a triagem maior, feita pelo Serviço Social, dos doentes atendidos nos últimos anos, caiu muito o número de doentes da Capital, desviados que foram para os serviços médicos de outros institutos (IAP, IAPC, I. A. P. E. T. C. Centros de Saude, etc.); em seu lugar estão doentes do Interior, que quando vêm a São Paulo estão em precário estado de saúde, necessitando uma recuperação geral, com maior consumo de sangue.

c) Os maiores conhecimentos de equilíbrio hídrico e eletrolítico na fisiopatologia, com a introdução generalizada das transfusões de soro, e também plasmas e sangue.

d) O advento de novas modalidades de grande cirurgia com quantidades grandes de sangue perdido e que precisa ser repostas. Na prevenção de choques postoperatórios, generalizou-se o uso da transfusão pelos anestesiistas. Parece mesmo que a última colisa em que se pensa é em economizar sangue nesses casos, com um consequente gasto muito alto.

## OBSERVAÇÕES

As soluções por ora apresentadas são de caráter provisório, sendo de se esperar para o futuro novas crises, com as consequentes campanhas populares de doações.

Que, não fora o esforço enorme do LYONS CLUB do S. PAULO, o serviço estaria

em condições difíceis de prover, o que não é de se desejar numa organização hospitalar

O Banco de Sangue precisaria sempre do apoio popular; nenhuma política de finanças estaduais proverá sangue para o H. C.

R. H.

## ATUAÇÃO CIENTÍFICA

A instituição da transfusões de sangue, nos moldes como nós as conhecemos, é relativamente recente.

A descoberta dos grupos sanguíneos, por si, já não é muito antiga, mas se considerarmos que os trabalhos de Landsteiner e Wiener sobre o fator Rh são de 1939, é fácil a conclusão que da forma atual, a ciência transfusionalista tem menos de 20 anos.

As pesquisas no ramo são muitas, e o Banco de Sangue também tem a sua participação na evolução dos conhecimentos mais novos.

No desenvolvimento da II.ª Guerra Mundial, no afã de atender aos muitos feridos e na falta de sangue nos diversos fronts, tentaram-se os então famosos sucedâneos do plasma.

## Dr. Duilio Crispim Farina

DIRETOR SUPERINTENDENTE DO INSTITUTO PAULISTA  
1.º ASSISTENTE DE OBSTETRICIA DA CASA MATERNAL  
OBSTETRA DO IAPETC



Cons.: RUA ITAPEVA, 636 — Telefone: 36-5373  
Resid.: AVENIDA EUROPA, 592 — Telefone: 8-5219



## DEXTROSOL

(Glucose-d)  
DEXTROSE PURA  
Indicado em  
PEDIATRIA DOENÇAS DO FÍGADO  
NA CIRURGIA E MEDICINA EM GERAL  
Teor calórico - 100g - Cerca de 400 calorias

# Retificação do Rio Tietê e Esquistossomose

# Esquistossomose

## Tese apresentada no Congresso da UEE

BOLIVAR F. PEREIRA

Dia 20 de agosto na APM realizou-se interessante reunião na qual, pela primeira vez, médicos e engenheiros discutiram um problema de importância capital e interesse comum; trata-se do problema de retificação do Tietê e suas repercussões médico-sanitário-urbanísticas.

O prof. Luiz Rey, da cadeira de Parasitologia da Escola fez um comentário sobre a maneira pela qual se instalou a esquistossomose na cidade de São Paulo e como solucionar o problema.

Apresentamos em linhas gerais esse comentário, deixando para outra ocasião a parte urbanística e de Higiene, dada a extensão e complexidade da matéria:

### 1 — PORTADORES:

Em média 10% dos indivíduos naturais de regiões do país que constituem focos de alta endemicidade sofrem da moléstia; em São Paulo cerca de 10% da população provém de regiões do país altamente endêmicas quanto a doença, logo, por estimativa indireta temos em São Paulo um mínimo de 1% de portadores. Este número hipotético é inferior à realidade.

Além da estimativa indireta há inquéritos parciais, como por exemplo o de Marcelo Correia, da Hospedaria de Imigrantes, que dá uma incidência média entre os recém chegados do Nordeste de 24,5% de portadores. Exames do Serviço de Saúde do Estado realizados com material obtido de habitantes do Tatuapé dão uma incidência de 4% nesse bairro, o que tra-

duz a existência aproximada de trinta a sessenta mil esquistossomóticos.

### 2 — POLUIÇÃO DO SOLO:

Os esgotos se restringem a uma área urbana de 12%; cinquenta mil dos quatro milhões de prédios não possuem instalações sanitárias adequadas, sendo os excretas humanos depositados em fossas negras ou sépticas, córregos, muitas vezes a fossa abrindo-se no quintal a céu aberto.

O maior problema é o das favelas, que crescem em torno dos lagoas da várzea do Tietê. O favelado geralmente provém de zonas rurais e tem arraigado o costume de defecar no solo; as chuvas lavando os terrenos arrastam os detritos humanos para os córregos, e os ovos de esquistossoma e agentes bacterianos vão poluir as águas das lagoas.

### 3 — MOLUSCOS TRANSMISSORES:

Em São Paulo há um molusco que satisfaz as condições de hospedeiro intermediário, é o «Australorbis nigricans», felizmente não há o «A. glabratus», que é um hospedeiro mais eficiente; se este existisse aqui, o problema da esquistossomose a esta hora já constituiria calamidade pública! Apesar disso a moléstia se transmite porque a dispersão do caramujo é muito grande: Em Janeiro de 1957, Ruiz, em trezentos quilômetros quadrados entre o Tietê ao Norte, o Pinheiros a Oeste, Tamanduaí a Leste e Ibrapuera ao Sul, descobriu setenta e um focos de esquistossomose, em trinta encontrando caramujos nigricans.

### 4 — CONTACTO COM OS FOCOS:

Por diferentes razões a população se põe em contacto

com as águas contaminadas, a maior é sem dúvida a falta de rede de águas suficientes. De acordo com o censo de 1950, 42% dos prédios não são abastecidos de água encanada, os moradores então se servem de águas de lagoas, riachos e outras coleções líquidas das proximidades dos domicílios. Lavadeiras procuram as lagoas, podendo ser vistas em grande número nas horas mais quentes do dia, nas coleções marginais entre Ponte Grande e Tatuapé. As crianças procuram as lagoas para seus folguedos, pois geralmente não têm nenhuma ocupação o dia todo. É a contribuição da falta de escolas e do abandono dos menores à propagação da moléstia. A lagoa é o banheiro da casa do pobre!

Outros locais de contaminação são as hortas existentes em grande número ao longo da várzea, onde chega-se a encontrar «A. nigricans» em 100% dos casos.

### 5 — RETIFICAÇÃO DO TIETÊ

A retificação do Rio Tietê trará benefícios na profilaxia da esquistossomose por afastar as possibilidades de inundações responsáveis pelo acúmulo de água nas depressões de terreno, remoção de meandros, aterros de lagoas (dentro do plano traçado), porém não é a solução integral dos problemas sanitários das populações ribeirinhas. A esquistossomose é um aspecto particular de um problema geral criado das condições de vida infra-humanas daquelas populações: A ampliação da rede de esgotos e encanamento de água, a urbanização dos bairros pobres e favelas, a destruição efetiva dos moluscos são condições que se impõem para a erradicação da esquistossomose da cidade de São Paulo.

Jeni M. Martino Coronel

### 1 — Resumo e conclusões

#### A — Medidas imediatas:

1 — Tratamento do doente — O tratamento do doente é providência necessária mas não suficiente para erradicação de moléstias que incidem de maneira endêmica, epidêmica ou pandêmica. Além disso, o tratamento específico do paciente oferece dificuldades do ponto de vista terapêutico pois exige instalação hospitalar adequada para internação e nem sempre oferece os resultados esperados. De maneira geral os doentes são pobres e o tratamento só é possível em instituições oficiais ou beneméritas (raríssimas).

2 — Combate aos vetores — Como foi visto, as drogas moluscicidas até o momento não ofereceram bons resultados. Só os estudos futuros poderão dizer-nos a palavra final. Por enquanto qualquer tentativa com moluscicidas para sanear as lagoas é infrutífera.

#### B — Medidas a longo prazo:

1 — Educação sanitária — O analfabetismo é dificuldade a vencer em qualquer campanha sanitária. Ele decorre de uma precária situação social, tornando inaplicáveis, na prática, as medidas educativas.

2 — Saneamento dos focos — Já existe, nas lagoas do Tatuapé, uma drenagem destas para o rio Tietê; a vazão não é suficiente, mas obras

com maior rigor técnico poderão drenar totalmente a água que está servindo de criadouro de moluscos, fazendo com que a zona atualmente insalubre, torne-se habitável. Outras medidas como aterramento do local de extensão das redes de esgotos e água encanada possibilitarão o saneamento total daquela área da cidade de São Paulo.

3 — Remoção das populações — As casas populares em pontos mais saudáveis e com algum melhoramento poderiam resolver o problema. E uma solução possível de ser executada, se certo critério for dispensado ao emprego de verbas públicas.

4 — Destino do lixo — Outro destino deve ser conferido ao lixo; que não seja depositado em campo aberto, atitude criminosa do ponto de vista de saúde pública. Não estamos sendo teóricos se propusermos o seu tratamento e muito menos estaremos levantando uma questão nova já que isso tem sido objeto de estudos por parte de técnicos e aplicado em muitos países. Enquanto não houver estações de tratamento o lixo deve ser suficientemente incinerado ou colocado no sub-solo.

5 — O latifúndio e o desnível social — A esquistossomose, como muitas moléstias que acometem o nosso povo, constitui antes um problema social do que realmente um problema médico. Resultado de um crescente desnível entre a esmagadora maioria da

população que vive miseravelmente e a minoria que assiste, impassível, ao seu drama. Isso é demonstrado pela extremamente baixa renda «per capita» e pela expansão latifundiária progressiva. — «Três quartas partes de todas as terras estão reunidas em apenas oito por cento das propriedades, devendo-se notar que em muitos casos um mesmo proprietário tem mais que uma propriedade grande». (Salomão Schattan; Reforma Agrária, Revista Brasileira, página 96).

Todas as medidas tendentes a fixar o homem nos campos devem, pois, merecer também consideração para solucionar problemas como o da esquistossomose mansônica.

Diante dos fatos expostos neste trabalho, acreditamos ser de interesse coletivo a adoção das seguintes medidas:

- 1 — que a U.E.E. dirija-se aos poderes competentes no sentido de que seja saneada a várzea do Tatuapé; fica claro que o saneamento deve ser desenvolvido nas bases em que foi defendido no presente trabalho;
- 2 — manifestação pública no sentido de esclarecer a verdadeira significação do problema a fim de evitar explorações da opinião pública;
- 3 — execução do proposto no trabalho elaborado pela bancada do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» e aprovado no IX Congresso da U.E.E. no sentido de apressar o processo da reforma agrária.

**Dr. Alberto Raul Martinez**  
 Docente-Livre de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Moléstias de Senhoras — Partos

★

Consult.: Alameda Santos, 500 - Das 16 às 18 hs. - Tel.: 7-8904  
 Residência: Rua Bahia, 843 — Fone: 52-6259

**PEDRO BADRA**  
 PEDIATRIA

RUA LIBERO BADARÓ, 158 - 20.º ANDAR  
 TELEFONE: 34-2226  
 SÃO PAULO

**Hospital Regina Coeli**

★

Rua Azevedo Macedo N. 113 -- Telefone: 7-8513

Vila Mariana  
 SÃO PAULO

# Aspectos da Medicina que não se aprendem no curriculum escolar

Josué de Castro, médico e sociólogo brasileiro de projeção universal, é atualmente uma das vozes mais sinceras e autorizadas que se tem levantado no auditório imenso das nações para apontar com base científica e espírito apaixonado as causas do problema da fome no mundo e como solucioná-lo humanamente.

Seus livros, «Geopolítica da Fome» e «Geografia da Fome», constituem um libelo à injustiça social e erro de estruturação econômica que oprimem milhões de indivíduos sob condições infra-humanas.

O último livro, «Ensaio de Biologia Social», como o próprio título indica, é uma coletânea de artigos sobre diversos assuntos e discursos pronunciados na Câmara Federal. É um livro diferente dos demais trabalhos do autor e provavelmente é o que mais transparece a condição de médico de Josué de Castro, por isso é de importância fundamental para nós, estudantes de Medicina. O amor à sua terra e a humanidade dão a esta obra um sentido altamente humano sem contudo diminuir-lhe a correção científica.

Questões de interesse nacional são discutidas nos artigos sobre problemas de nu-

trição, higiene e epidemiologia. Exemplos temos nos artigos «O milho e sua utilização racional», «Valor nutritivo da mistura milho e leite», «Carência alimentar e vermíose na América Latina», «A iodetação do sal na profilaxia do bócio endêmico», etc.

O problema da imigração e fixação do imigrante é discutido nos artigos: «Alimentação e aclimação» e «Alimentação e colonização do Brasil Central». As causas psicológicas dos tabus alimentares de nosso povo são vistas num artigo de cunho psico-fisiológico, «Fisiologia dos tabus».

Por outro lado há artigos de interesse universal. «A função social das Universidades», «Malthus e o caminho da perdição», artigo em que ele ataca todas as teorias neo-malthusianas, que nada mais são que a defesa de uma pequena minoria de privilegiados que vê seu bem estar ameaçado pela massa humana de famintos e sub-nutridos, que constituem a maioria da população do mundo.

«A função social da ciência», — como contribuição ao bem comum e não à destruição atômica. «O Papel da juventude na reconstrução do mundo» — em que ele apela para o ideal puro, ainda não corrompido pelos interesses individualistas. «Uma econo-

mia humanizada» — onde explica o conceito de Economia Humana e onde se percebe o mesmo ideal de que estão impregnadas as obras do Padre Lebrez.

Com maestria Josué de Castro encara os problemas políticos do mundo contemporâneo nos artigos «A Coexistência política e a paz», «O Brasil e o caso de Suez», em que ele traça um paralelo entre a política franco-inglesa de 1882 e a de 1956 com relação ao Egito.

Josué de Castro soube prestar, neste livro, um tributo de homenagem aos grandes homens que no seu campo de ação, nestes últimos anos, contribuíram de qualquer forma para o bem estar da humanidade: «Fleming e o futuro da Humanidade», «Roosevelt, estadista do Mundo», «O gênio de Einstein», são discursos de incomparável beleza e magníficos exemplos.

«Ensaio de Biologia Social», de Josué de Castro, é um livro que esclarece, aponta problemas, e não permite que se fique neutro num momento tão grave como este pelo qual o mundo passa. É um livro que, ao se terminar de ler, dá-nos orgulho de que tenha sido escrito por um brasileiro.

Jeni Maria M. Coronel

# Carta do Prof. E. Bastos | A B C do Brasil «Incorporation»

São Paulo, 22 de Agosto de 1958.

Ilmos. Srs. Redatores de «O BISTURI»

Prezados Senhores:

Com referência ao questionário, que me foi enviado e atinente ao ensino da cirurgia, alinho, abaixo, a minha opinião sobre os seus vários itens:

**A** — Estou convencido de que o sistema de Departamento inaugurado na nossa Faculdade, constitui um notável adiantamento. O programa único, de toda a matéria didática, distribuída em disciplinas, permite que os alunos, pela primeira vez na história da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tomem contato com todos os aspectos da cirurgia. Desapareceram as falhas e omissões do currículo, por falta de pacientes nas enfermarias para exemplificar determinadas afecções — às vezes de grande importância para o médico — e também as quase sistemáticas repetições nos 3.º, 4.º e 5.º anos de vários assuntos. Agora, existem sempre nas 8 disciplinas, de Janeiro a Dezembro, pacientes numerosos, permitindo, a qualquer momento, o ensino e também a pesquisa de todas as partes do programa. Também o regime de disciplinas é a condição essencial para o funcionamento do internato e da residência adotados no Hospital das Clínicas com reais e indiscutíveis vantagens para os doutoran-

dos e para os médicos residentes.

**B** — O decreto 26.488 de 29-9-1956 é imperativo, estabelecendo que o ensino de cirurgia deve ser feito pelo Departamento de Clínica Cirúrgica em «programa único de toda a matéria didática e científica, que será distribuída em disciplinas». Esta determinação entrou em vigor com o decreto que criou o D.C.C. e independe do número de professores integrados no referido D.C.C.

**C** — O sistema de rodízio — fórmula provisória, válida apenas, enquanto houver mais de um catedrático no D.C.C. — estabelecido para a disciplina de cirurgia do aparelho digestivo e glândulas anexas, inclusive as afecções das paredes abdominais, parece ser a maneira mais razoável de distribuir as tarefas pelos professores e a que melhor consulta os interesses do ensino, evitando pluralidade doutrinária. O ensino desta disciplina, a mais importante, pela extensão de seu programa — cerca de 2/3 do programa geral do D.C.C. — e pelo número de pacientes a atender — 75% do movimento cirúrgico do Hospital das Clínicas e do Pronto Socorro — não pode ser feito, por falta de tempo, em uma única série de curso médico. Foi então distribuída nos 3.º, 4.º e 5.º anos.

Tendo porém, o prof. Vasconcelos obtido segurança judicial para não fazer rodízio, nem para lecionar o programa do D.C.C., foi possível — graças a maior disponibilidade de horário do 4.º ano do curso médico — cumprir, sem graves prejuízos, o

programa único em apenas 2 anos: 3.º e 4.º, com exceção da disciplina da Neuro-Cirurgia, que ficou ligada à Neurologia, sendo lecionada no 5.º ano.

**D** — O sistema de seminário tão bem aceito, não se limitou, como se poderá talvez reduzir do editorial Falam os professores sobre o D.D.C. de Julho do corrente ano, apenas ao 4.º ano médico atual. Também vem sendo realizado e, parece com igual agrado no 3.º ano. Diante do sucesso do sistema, está sendo estudado pelo Conselho Diretivo do D.C.C. um meio de aumentar o número de seminários, estendendo-se à todas as disciplinas.

A questão da nota separada para a Técnica Cirúrgica nos exames parciais decorre de uma determinação da Diretoria da Faculdade. E' que o Conselho Nacional de Ensino exige, para o registro dos diplomas médicos, que no currículo escolar dos mesmos contem notas especiais para determinadas disciplinas, entre outras: — Técnica Cirúrgica, Biofísica, Tisiologia, etc. No atual regime do D.C.C., os exames de cirurgia, nos 3.º e 4.º anos constam sempre de duas partes: — uma de clínica e outra de técnica cirúrgica. Apenas para atender as exigências do C. N. E., no 4.º ano, as questões referentes a técnica são destacadas das de clínica, sendo porém formuladas e corrigidas pelos vários encarregados do curso. Atenciosamente, subscreve-se

Prof. Eurico da Silva Bastos

## A CASA DO ESTUDANTE

É necessidade imperiosa a construção da Casa do Estudante do C.A.O.C. E sonho de várias gerações, que têm passado pela Casa de Arnaldo. Há mais de 20 anos o Prof. Rubião Meira, quando Reitor da Universidade de São Paulo cedia ao C.A.O.C. os terrenos e o prédio onde funcionou há pouco tempo o Curso «Oswaldo Cruz» para que fosse aquele prédio reformado e aí instalada a Casa do Estudante. O prédio foi abandonado por vários anos e algumas pessoas dele se apossaram, fazendo ali a sua moradia. Esta situação permaneceu até 1952 quando se procedeu à reforma do prédio para a instalação do Curso «Oswaldo Cruz» que vinha funcionando na Rua Genebra.

Tendo o Cursinho sido transferido para esse prédio, sofreu várias crises e se transformou em pesado ônus para a Tesouraria do C.A.O.C. No início do corrente ano a situação financeira do Cursinho era tal que a Diretoria do Centro houve por bem encerrar definitivamente suas atividades.

Renasceu então a idéia do falecido Prof. Rubião Meira de construir a Casa do Estudante naquele local. A 20 de agosto p.p. foi dado início à reforma para em outubro próximo serem instalados aí alguns colegas residentes fora da Capital.

Esta Casa do Estudante não pretende ser definitiva. É apenas um paliativo para uma necessidade imperiosa. A luta por uma Casa do Estudante, que realmente atenda aos desejos dos colegas continua. A sua construção esteve ameaçada com a edificação da Pavilhão de Isotopos Radioativos no terreno que lhe era destinado. Conseguimos, todavia, ultrapassar tal dificuldade graças ao Senhor Governador do Estado, que resolveu de pronto o impasse. A verba para início da obra será recebida no início de 1959.

Por ora pretendemos apenas dar alojamento a um número de colegas bem menor do que acomodará a futura Casa do Estudante. Isto será um passo a mais para a realização do velho sonho do C.A.O.C. e só assim deve ser interpretado; não será solucionado o problema, será apenas atenuado; que não se

considere a luta vencida; por vários anos, asperações que se sucederem na Direção do C.A.O.C. terão sobre os seus ombros a responsabilidade de continuar esta luta há muito iniciada: A CONSTRUÇÃO DA CASA DO ESTUDANTE.

José Carlos de Paula  
Vice-Presidente.



A atual Casa do Estudante

### STRYCHNANEURIN B12

(VITAMINA B<sup>12</sup> + VITAMINA B<sup>1</sup> + SULFATO DE ESTRICNINA)

Tônico neuro-muscular por excelência

STRYCHNANEURIN B<sup>12</sup> 50 mcg  
(1 mg Sulfato de Estreicina + Vitamina B<sup>1</sup> + Vitamina B<sup>12</sup>)

STRYCHNANEURIN B<sup>12</sup> 100 mcg  
(2 mg Sulfato de Estreicina + Vitamina B<sup>1</sup> + Vitamina B<sup>12</sup>)

STRYCHNANEURIN B<sup>12</sup> 1000 mcg  
(2 mg Sulfato de Estreicina + 100 mg Vitamina B<sup>1</sup> + Vitamina B<sup>12</sup>)

Amostras e literatura à disposição dos Srs. Médicos

**Laboratórios Novotherapica S.A.**

Rua Pedroso de Moraes, 977 — Fone: 80-2171  
São Paulo

## A B C do Brasil «Incorporation»

Numa análise geral os Estados Unidos tiveram e continuam tendo duas finalidades em relação ao Brasil, do ponto de vista econômico e político.

Uma delas é nosso país funcionar como fornecedor de matéria primas estratégicas.

A segunda Guerra Mundial veio revelar a insuficiência dos recursos naturais norte-americanos (apesar de serem extensos e ricos), pois a demanda pela produção de guerra era muito grande. Além disso ressaltou-se a vulnerabilidade da economia estadunidense na eventualidade de uma 3.ª guerra de grandes dimensões.

A solução mais fácil e mais estratégica que apareceu foi a mobilização dos recursos do continente. Incluindo o Brasil, portanto, onde há minérios e petróleo.

\*\*\*

Quanto aos minérios é típica a situação do manganês. As principais jazidas deste estão em Minas Gerais, nas mãos da Companhia Meridional de Mineração (filial da United Steel Corporation). E ainda a United Steel que controla os depósitos de Uruçum, Mato Grosso (problema já esplanado na reportagem dos colegas Rudi Hutzler-Ruy Bevilacqua). No Vale do Amapá (Território do Amapá) a IROMI, subsidiária da Bethlehem Steel Corporation, explora as ricas jazidas da região, tendo até construído 200 quilômetros de linhas férreas com bitola de 1m60.

Com os minérios de ferro é a mesma história. Em 1942 começou a funcionar a Companhia do Vale do Rio Doce em Itabira (Minas Gerais) onde se encontram as maiores jazidas brasileiras. Esta companhia é formada por capitais brasileiros e financiada pelo Export Bank, entidade para-estatal norte-americana. Organizada pelo governo dos Estados Unidos, obrigou-se a vender a este país. Quer dizer: nós ficamos sem o minério e os riscos do negócio são também por nossa conta, pois são brasileiros os capitais investidos. Portanto os concessionários estão como querem: passam a mão no minério enquanto o governo brasileiro agüenta o ônus do negócio, que até 1950 dava grandes déficits.

\*\*\*

Quanto à xilita (minério de tungstênio) é também típica a situação. A Província Tungstifera de Borborema é a maior reserva de metal situada fora da Cortina de Ferro. É um minério que ainda não se industrializou no país, e a produção fica totalmente dependente do comprador único — Estados Unidos — que impõe preços, dita condições e controla os lucros. O quadro abaixo ilustra a situação:

\*\*\*

A coluna «NO MERCADO INTERNACIONAL — dólares» refere-se ao preço imposto pelo nosso comprador único lá fora. Sem mesmo «azer a conversão em cruzeiros percebe-se uma série de fatos:

Anos	Na boca da mina Cr\$	No mercado internacional dólares
1950	16,00	56/55
1951	48,90	62/65
1952	45,00	65
1953	34,00	60/58/48/37/28/25/18
1954	40,00	16
1955	60,00	32/34

Em primeiro lugar que o minerador é explorado de um modo absurdo. Além disso as imposições de preços do único comprador fazem com que os mineradores trabalhem sob um regime de grande insegurança econômica, num regime de trabalho de «garim-

pagem», com uma mecanização mínima e uma carência completa de técnica. A política dos Estados Unidos é de comprar um certo número de «unidades» de certos metais e fazer estoque. Só voltarão agora a comprar se houver alguma emergência na política internacional, tipo Paralelo 38, Suez, etc. Eles pararam, pára também a mina pois não há mercado interno nem outro comprador alienígena. Assim, enquanto as minas de Passagem e Morro Velho paralisam seus serviços depois de quase 150 anos de atividade, na Borborema sociedades com 15 anos de vida paralisaram várias vezes os trabalhos quase às portas da falência. Em vez de haver um aproveitamento contínuo e equilibrado — se houvesse processo normal num plano nacional de desenvolvimento — o que há é regime de escravidão econômica no qual para cúmulo da ironia o minerador ainda «mparta parte dos lucros comprando maquinário ao comprador único; que assim ganha de tudo quanto é lado.

\*\*\*

Quanto ao Cristal de Rocha a situação é parecida. 200.000 trabalhadores autônomos que se dedicam à extração do Cristal de Rocha estão praticamente parados. Na última guerra o Brasil firmou um acordo comprometendo-se a não vender este minério, considerado material estratégico, a outras potências a não ser os E. U. Os norte-americanos acumularam grandes estoques de Cristal de Rocha e pararam de importar. O minerador brasileiro parou de trabalhar.

\*\*\*

Os minérios atômicos também estão sob o controle direto ou indireto de entidades americanas. Para dar apenas um exemplo citamos aqui Gondim da Fonseca:

«Eis o que nos conta o presente relatório:

«O Brasil exporta monazita há muito tempo. Antes e depois que se constatou ser o tório combustível nuclear equivalente ao urânio, a exportação se processou a preços que chegaram ao irrisório nível de 30 dólares a tonelada, menos do que o atribuído ao minério do manganês (depósito do ministro Barbosa da Silva — primeiro ajuste atômico Brasil-Estados em 1945). De 1945 para cá exportamos cerca de 32.000 toneladas de monazita, bruta ou industrializada sob forma de óxido de tório. A quantia apurada com essa venda não chegou a 7 milhões de dólares, não exercendo, portanto, efeito apreciável em nossa economia. E o desfalque energético foi da ordem de 5 bilhões de toneladas de carvão». Leram? Entregamos aos Estados Unidos por 7 milhões de dólares, energia no valor

\*\*\*

de 7 milhões de dólares. Há o segundo aspecto — o do abocanhamento das nossas principais e mais lucrativas atividades econômicas, colocando-as à descrição dos grandes monopólios internacionais ou transformando-as em simples filiais dos grandes trusts — e será visto numa outra vez.

tença contra nós foi de 199.993 milhões de dólares.»

\*\*\*

Quanto ao petróleo: Em fevereiro de 1948 foi enviado ao Congresso pelo então presidente Dutra o projeto do Estatuto do Petróleo. Se este projeto viesse lei significaria entregar praticamente o petróleo brasileiro aos trusts internacionais. A maré levantada pela opinião pública foi porém tão grande que o projeto foi derrotado. A lei n.º 2.004 de 3 de Outubro de 1953 instituiu o monopólio estatal do petróleo por meio do Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobrás) (1).

Com o petróleo dá-se um fenômeno diverso que com as outras matérias primas minerais já citadas. Enquanto no caso destas o Brasil é economicamente interessante por ter grandes jazidas e por ser único possuidor de certos minérios, no caso do petróleo existem outros lugares mais acessíveis, de condições de exploração mais fáceis e de menos controle por parte dos respectivos governos, além de já estarem em processo de franca exploração (Irã, Kuwait, Venezuela, etc.). Ajunte-se a isto o fator de haver no momento uma superprodução de petróleo no mundo — a produção de petróleo vem crescendo em todos os países em escala muito superior à sua demanda e o fato de as reservas no Oriente Médio atingirem a soma fabulosa de 230 bilhões de barris. Ter-se-á então os motivos pelos quais o que interessa aos grandes trusts não é explorar petróleo no Brasil mas sim obter concessões a longo prazo e retardar o mais possível a extração.

Se isto não foi possível — como não foi e não será possível no Brasil — tentar controlar o ritmo de exploração, a indústria petroquímica e a distribuição; em uma palavra opor-se ou pelo menos não colaborar no desenvolvimento da Petrobrás, para que o Brasil não deixe tão rapidamente de ser um comprador de petróleo e derivados produzidos pelos trusts.

Tentamos esboçar da maneira mais sucinta permitida pelo assunto um dos dois aspectos do controle econômico e político exercido sobre o Brasil: o que se relaciona com o nosso papel tipicamente colonial de fornecedores de matérias primas minerais apesar de, excepcionalmente no caso do petróleo, e por várias razões termos saído desta condição de colônia para entrar na trilha da autosuficiência.

Há o segundo aspecto — o do abocanhamento das nossas principais e mais lucrativas atividades econômicas, colocando-as à descrição dos grandes monopólios internacionais ou transformando-as em simples filiais dos grandes trusts — e será visto numa outra vez.

\*\*\*

(1) A LUTA PELO PETRÓLEO BRASILEIRO, artigo de Fernando Luiz Lobo Carneiro (revista FUNDAMENTOS — junho de 1948) é um relato interessante do problema.

DAVID LERER

«História Econômica do Brasil» — Caio Prado Júnior (última edição).

Scheelita — Engenheiro P. A. M. A. Rolf na «Revista da Escola de Minas» de Ouro Preto.

Cristal de Rocha — «Journal de Notícias» de Goiânia de 9-4-58 citado pelo «O Semanário» n.º 20.

Prefácio de Gondim da Fonseca para «Energia Atômica» — um inquérito abalou o Brasil» de Dagoberto Sales.

\*\*\*

Completando o artigo sobre "Favelas", publicado em número anterior de "O Bisturi". abordamos outros aspectos de vida do favelado

#### D) — ASPECTO

##### PROFISSIONAL

1 — Profissões — Os favelados, de modo geral, não têm profissão.

a) — Os homens antes de virem para a favela trabalhavam em zona rural, eram lavradores ou não tinham profissão definida. Daí, encontramos tantos favelados desempregados. Outros, sem emprego fixo, trabalham como serventes de pedreiro, guardas de construções, poceiros, ajudantes de motorista, carregadores ou coletam latas, papéis usados e ferro-velho. Entretanto, nessas condições submetem-se ao recebimento de pequenos salários e a exploração pelos empregadores.

Poucos favelados têm profissão definida e se dedicam a determinado ramo de atividade profissional, sem, no entanto, serem especialistas. Assim, encontramos tecelões, motoristas, funileiros, barbeiros, sapateiros e outros. Estes têm emprego fixo, em fábricas e firmas comerciais recebendo salário mínimo ou pouco mais.

b) — As mulheres, em maioria, cuidam de serviços domésticos nos seus barracos.

Há aquelas que precisam trabalhar fora de casa para sustentarem-se e aos filhos, forçadas pelas circunstâncias particulares de suas "famílias" como acontece nas "famílias" de presidiários e desajustados psíquicos; casos de invalidez e inatividade do chefe da casa; nos casos de abandono da mulher e filhos pelo chefe de "família"; "mães-solteiras". Entretanto nem sempre isso é possível pois, às vezes, a mãe tem que cuidar de 4 ou 5 filhos, todos de tenra idade, não tendo com quem deixá-los.

Um universitário que costuma visitar os presos da Penitenciária soube, em conversa com um deles, que a família do presidiário morava numa favela. Dias depois, encontramos, como referiu o preso, sua mulher e filhos passando terríveis necessidades, inclusive fome.

A mulher queria trabalhar, mas dois de seus filhos eram tão pequenos que não podiam ser aceitos num parque infantil das imediações, deixando a mãe em situação embaraçada.

Muitas faveladas são empregadas domésticas, lavadeiras coletam papéis usados e latas. Outras têm empregos melhores; são tecelãs, costureiras, cozinheiras, etc.

Em algumas favelas, há mulheres que fazem da prostituição a sua profissão.

c) — Alguns menores também trabalham desde a idade de 14 anos. Às vezes, trabalham para sustentar a "família", pelo menos por certo tempo, enquanto o pai não consegue emprego. Outras vezes, colaboram no sustento da "família", com seus parentes ordenados. Esses menores são aprendizes, entregadores engraxates, etc. Ganham muito pouco.

2 — Os locais de trabalho dos favelados são os mais diversos e, até longe das favelas, estando obrigados às despesas de condução, diariamente.

3 — As horas de trabalho são normais quando possuem estabilidade no emprego.

4 — Os salários que recebem homens, mulheres e menores são diversos. Os que têm emprego fixo recebem ordenados de acordo com o salário mínimo em vigor, sofrendo os descontos em pagamento de Caixas de Pensões e Aposentadoria. Os demais têm salários inferiores ao salário mínimo.

5 — O desemprego é o problema da maior parte dos favelados. Suas causas são várias. Eram lavradores, vieram do interior, de zona rural, do Nordeste e, aqui chegados, não conhecem a cidade. Não têm prática nem habilidade em nenhum ramo de atividade profissional. Não têm documentos; às vezes, nem certidões de nascimento porque não foram registrados. Alguns nordestinos não sabem dizer em que cidade ou município nasceram. Não têm recursos financeiros; são analfabetos ou semi-analfabetos. Quer na indústria quer no comércio, têm que se submeter à seleção de pessoal. Como as dificuldades são muitas e não sabem como resolvê-las, permanecem desempregados.

Há favelados que não querem saber de trabalho, estando acomodados à vadiagem ao furto e à delinquência.

As consequências do desemprego abalam a vida e a subsistência do favelado, acentuando-lhe a miséria, a fome, a perda de saúde, a indolência, a decadência moral e a degradação humana.

Alguns não conseguem emprego por causa do preconceito de empregadores em relação aos favelados. Precisam de empregados, mas não querem receber favelados porque ouviram dizer que são malandros, vadios, ladrões, etc.

Nessas condições encontramos uma costureira que vivia com seu marido e 4 filhos. Queria voltar para o Nordeste, onde, com outros parentes, poderia viver em melhor situação. O ordenado do marido não permitia economias. Por outro lado, ninguém iria confiar uns metros de pano a uma favelada, para o feitiço de peças de vestuário.

Uma universitária facilitou a essa mulher o trabalho de costura no próprio barraco, conseguindo-lhe alguns fregueses e se responsabilizando pelos danos e perdas. Três a quatro meses a costureira trabalhou com eficiência, sem prejudicar a ninguém. Foi possível deixar a favela e voltar para o Nordeste.

O problema do desemprego contrasta a existência de indústrias e firmas comerciais nas vizinhanças das favelas; as condições físicas do favelado, para o trabalho e a possibilidade de conseguir emprego.

a) — O ganho é pouco. O salário mínimo não é suficiente para cobrir o aluguel do barraco, despesas de condução, manutenção própria da "família". Não há o que economizar quando num barraco são duas ou uma pessoa a ganhar para o sustento de seis ou sete.

O déficit econômico se agrava com despesas obrigatórias imprevistas como no aparecimento de doenças, o que é muito frequente.

2 — Ao trabalho extra das horas vagas, dedicam-se certos favelados com emprego fixo, para melhorarem seus vencimentos. Assim, há quem trabalhe em tecelagem e, nas horas de folga, faça o serviço de pedreiro.

# FAVELAS

Gáudio Scarabel Nogueira.

3 — Há alguns indivíduos proprietários de barracos, vivendo nas favelas. Não necessitam morar nesse ambiente, têm algum recurso financeiro e exploram o aluguel de seus barracos construídos em terrenos que alugaram para si a preço módico. Assim, encontramos, entre outros, um que diz ser pequeno funcionário da Prefeitura, proprietário de 14 barracos que lhe dão certo lucro.

4 — O favelado não tem outros meios lucrativos. Quando muito, recebe auxílio de associações beneficentes,

idade que não pôde ser matriculado no grupo escolar por falta de registro civil ao nascimento. Outras crianças mais novas, em idêntica situação foram encontradas, na mesma favela.

Entretanto, o número de crianças em idade escolar é grande.

Considerando a instrução de homens, mulheres e crianças constatamos um grau de escolaridade nulo ou mínimo

#### G — O PROBLEMA MORAL E RELIGIOSO

1 — Religião — A ignorância religiosa dos favelados



tes, mas isso não passa de esmolas.

Esses auxílios são mal distribuídos, dados sem atender suas necessidades e sem nenhuma orientação.

O favelado não necessita de esmolas, elas não o tiram da miséria e de condições tão desumanas de vida. Ele carece de tudo quanto lhe permite sair da indolência e acomodação a essas condições de vida; de que lhes facilitem a alfabetização, aquisição de documentos, de habilidade profissional, possibilidades de emprego e, finalmente, de educação. Assim, poderia tomar consciência da triste situação em que se encontra, teria elementos para desejar melhores condições de vida e estímulo para abandonar a favela.

É importante o seu reajustamento na sociedade e não adiantaria lhes dar somente auxílio material sem outras medidas para a mudança de sua mentalidade e combate aos preconceitos sociais que os isolam.

#### F — INSTRUÇÃO E ESCOLARIDADE

1 — Outra característica do favelado é o analfabetismo ou o semi-analfabetismo.

Os adultos vieram geralmente de localidades que não tinham escolas primárias. Isto é verificado principalmente com aqueles vindos de outros Estados do Brasil.

Poucos fizeram curso primário completo.

Em quase um ano de observação, não encontramos um favelado que tivesse cursado alguma série de curso secundário.

Apenas 1/3 das crianças frequentam curso primário. Nem todas podem ir à escola porque a ignorância é falta de interesse dos pais; a pobreza; a carência de roupas, calçados, alimentos e saúde; a falta de vagas nos grupos escolares próximos; a falta de registro civil; etc. não permitem.

Numa favela, encontramos um menino de 12 anos de

deixamos de colocar esse termo entre aspas.

4 — O número de casas nas favelas é grande; em geral, um para cada barraco. A média de filhos para um casal é 3 crianças. Há casais com 5 ou 6 filhos e raros com menos de dois.

5 — As crianças são numerosas, quer sejam filhos legítimos ou naturais. Entretanto, nascidas num ambiente como a favela, condenadas pelas condições sociais desfavoráveis, terão todas as possibilidades de se tornarem, futuramente, desajustados e homens-problemas na sociedade.

Poderíamos dizer, que nasceram condenadas a viver como marginais, enquanto não for mudada a estrutura social de nosso país, economicamente sub-desenvolvido, e a mentalidade do elemento humano das favelas.

6 — Os adolescentes e jovens também são numerosos e sofrem a influência desse ambiente em que vivem.

7 — Nas favelas há bares. São barracos comuns, dotados de pequenos balcões onde é feito o comércio de bebidas principalmente. Permanecem abertos até alta hora da noite; aos sábados, até a madrugada.

Aí se reúnem favelados e depois bebem, discutem, brigam e se matam, alitados pelo álcool, e a música de algum violão, cavaquinho ou pandeiro.

Não raro, há queixas contra a algazarra promovida pelos frequentadores desses locais.

Levando em conta a imundície, as instalações, a falta de água, etc. verificamos que bares existem somente para

res do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

LIGA DE AMBULATÓRIOS POPULARES — A Liga foi criada pelo C. A. O. C., no fim do ano passado.

Origem — Inicialmente, médicos e estudantes de classes mais adiantadas, visitavam algumas favelas, atendendo doentes que, sem outros recursos precisavam ser medicados. Verificaram que só a medicação era irrisória porque grande parte dos favelados atendidos não podiam adquirir os medicamentos, continuando no sofrimento.

Havia necessidade de se dar também os medicamentos e isto foi reconhecido com muito realismo, pois o paciente era atendido no seu barraco. Médicos e estudantes tinham diante dos olhos o paciente cercado pelo ambiente e sofrimento que lhe preparava a miséria.

Outros colegas trabalhavam em colégios, por ocasião da "asiática", auxiliando os postos de assistência médica.

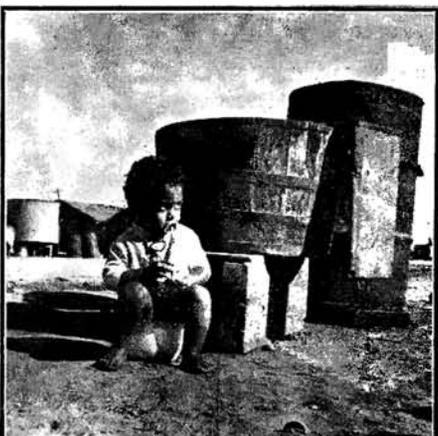
Aproveitando os esforços isolados de médicos e estudantes, foi possível coordená-los através da L. A. P., criada e aprovada pela diretoria, em exercício, do C. A. O. C., em 1957.

Finalidade — A L. A. P. foi criada para atender as pessoas reconhecidamente pobres, como acontece com os favelados.

Organização — A Liga consta de 4 partes fundamentais:

- unidades-ambulatórios
- farmácia
- ambulatório central
- laboratório.

As unidades-ambulatórios estão funcionando em bairros



prejudicar mais o favelado.

8 — As consequências da situação moral e religiosa, somadas aos demais aspectos deficitários do favelado, nos apresentam o quadro triste dos homens que se animalizam coagidos por uma estrutura social injusta.

Esse quadro reflete precisamente o nível de vida do favelado.

#### III — O TRABALHO DESENVOLVIDO POR UNIVERSITÁRIOS NAS FAVELAS

Há um trabalho organizado que vem sendo desenvolvido nas favelas, por universitários das diversas Faculdades de São Paulo. Pertencendo a escolas diferentes, desempenham atividades relacionadas à própria vocação universitária, num trabalho comum.

Restringimo-nos a apresentar a atividade dos acadêmicos de Medicina, através da Liga de Ambulatórios Popu-

lares, nas seguintes favelas:

PERDIZES — aos sábados tarde.

V. PRUBENTE — às 4.45 à tarde e domingos pela manhã.

NOVO OSASCO — aos domingos pela manhã.

VERGUEIRO — aos domingos pela manhã.

TATUAPÉ — aos domingos pela manhã.

A farmácia, já organizada está em atividade.

O ambulatório central que deverá funcionar no H. C. foi previsto, entretanto ainda não está em funcionamento. O laboratório está em fase de organização.

Médicos e acadêmicos — A L. A. P. está aberta aos sócios e ex-sócios do C. A. O. C. que nela queiram trabalhar desde que assumam o compromisso moral de continuidade ao trabalho e de respeito ao favelado.



# UNIVERSIDADE - VAN

## MOVIMENTOS UNIVERSITÁRIOS

### TESE DO «GRÊMIO POLITÉCNICO»

**Autores:**

SÉRGIO DE SALVO BRITO  
ANGELO BARCENE NETTO  
LÚCIO GREGORI

### XI CONGRESSO ESTADUAL DOS ESTUDANTES

A Universidade foi criada nas épocas medievais, com a finalidade específica de se constituir em repertório da herança cultural da humanidade, ou seja, daquele conjunto de idéias que o homem de então possuía, as quais dirigiam efetivamente a vida da coletividade.

Após o renascimento, a revolução francesa e a máquina a vapor ocasionaram a substituição da sociedade feudal e da cultura teológica pela democracia burguesa e cultura científica, criando assim a necessidade de uma nova Universidade adaptada à ideologia da revolução e aos ritmos de vida em rápida transformação. Apresadamente foram se fundando as Escolas Técnicas e as Faculdades Autônomas, conservando-se porém vestígios da antiga estrutura da Universidade através de um vago e indefinido conceito de "cultura geral", agora reduzida a um ornamento intelectual.

As Universidades brasileiras, plasmadas em moldes europeus, padecem destes mesmos males, agravados pela artificialidade desta transplantação, a qual, se na época de sua constituição era explicável, com a natural evolução da cultura nacional torna-se injustificável.

Chega-se assim à época atual.

Numa época marcada pelas grandes inquietações sociais, pela decadência da burguesia e pela ascensão do proletariado, a Universidade está completamente alienada destes problemas, caracterizada como privilégio de uma classe e chegando em consequência a tornar-se um instrumento desta mesma classe na reação contra a nova ideologia.

A uma nova ideologia deve corresponder uma nova Universidade, nova estrutura, novos métodos, novos objetivos imediatos.

A reforma universitária deve ser entendida como adaptação da Universidade ao meio social, de modo que ela possa realmente representar a cultura, a ideologia de um povo e contribuir efetivamente para o Bem Comum.

De tudo o que foi dito deve ficar bem claro este fato: tentar realizar a reforma universitária, agindo sobre a própria Universidade, considerada como uma instituição autárquica, seria pura perda de tempo. A reforma deve vir de fora para dentro de modo a sacudir a própria estrutura da Universidade, trazendo-a à realidade social e econômica do país. É necessário portanto vencer o abismo que separou a Universidade brasileira do seu meio.

#### 2 — O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

No curso deste capítulo procuraremos mostrar que além das responsabilidades que tocam ao universitário enquanto indivíduo e cidadão, existem outras, específicas e mais determinadas, que lhe cabem enquanto estudante universitário.

Comecemos por caracterizar o estudante em seu meio social, segundo a concepção promovida pelos universitários uruguaios em trabalho realizado em 1956, em nome da Conferência Internacional dos Estudantes: *O Estudante Universitário é um jovem proveniente de classes favorecidas da sociedade; o estudante universitário adquiriu um grau de cultura superior ao nível médio da comunidade a que pertence; ao estudante universitário, em consequência, estão reservadas possibilidades superiores às da média social.*

O quadro abaixo mostra dados estatísticos referentes à posição do universitário brasileiro dentro do quadro econômico-social do país.

#### 1 — Classificação por profissão paterna entre estudantes do 1.º ano da Universidade de São Paulo

MÉDIA E ALTA BURGUESIA		
profissões liberais, gerentes, diretores		38,3%
altos cargos de supervisão, etc. ....		36,4%
CLASSE MÉDIA		
cargos inferiores de supervisão, etc. ...		16,1%
TRABALHADORES		
ofícios manuais especializados .....		7,6%
artesanato semi-especializado e não especializado .....		1,6%

(Mirador de los Estudiantes, n.º 147, pág. 3)

#### 2 — Situação da instrução no Brasil, em 1950, entre pessoas presentes de 10 anos e mais

Sem curso completo ....	30.015.311	— 82,1%
Gráu elemental .....	5.388.695	— 14,8%
Gráu médio .....	987.148	— 2,7%
Gráu superior .....	158.070	— 0,4%

(Anuário Estatístico do Brasil, 1956)

#### 3 — Em 1956, as profissões, liberais que representavam 0,30% da população maior de 10 anos, no Brasil, receberam 4,4% do total da remuneração (excetuada a agricultura em ambos os totais), o que mostra que estes profissionais perceberam em média salário a 10 vezes o salário médio da população.

Anuário Estatístico do Brasil, 1956)

Destas constatações podemos agora tirar as seguintes conclusões:

1 — O estudante é um indivíduo não comprometido por interesses econômicos pessoais imediatos, apto portanto a uma atuação desinteressada e idealista.

2 — O estudante padece dos males de que provém: mentalidade individualista, volta da para os próprios interesses; alienação dos problemas básicos da comunidade; medo do risco; comodismo.

3 — A maioria dos direitos devem corresponder maiores responsabilidades. O universitário, portanto tem o dever, mais que qualquer outro, de zelar pelo bem da sociedade que lhe outorgou tal título.

4 — Estando-lhe reservada posição de destaque nos quadros políticos, sociais e econômicos da nação, o universitário deve conhecer a fundo os problemas básicos da comunidade, para poder dirigir as suas atividades no sentido do Bem Comum.

#### 3 — AS ASSOCIAÇÕES ESTUDANTIS E SUAS FINALIDADES

Os estudantes de um determinado país, região, localidade ou Faculdade determinam uma comunidade mais ou menos definida — não podemos considerá-la como perfeitamente definida porque, como mostraremos a seguir, em países como o Brasil, ela encerra imensas contradições internas que são o reflexo do desequilíbrio estrutural da Universidade e mesmo da sociedade.

Esta comunidade, quando começa a se tornar consciente de sua diferenciação, é levada a reconhecer a existência de certos direitos e deveres que lhe são próprios, e as Associações Estudantis nascem então com o objetivo primordial de defender o livre exercício destes direitos por parte de seus integrantes.

Neste capítulo analisaremos quais devem ser os princípios orientadores da atuação de uma entidade estudantil, entendendo-se sempre que tomamos como base a atual sociedade brasileira e nossa organização universitária estudantil.

#### a) BEM ESTAR ESTUDANTIL

Se uma entidade universitária se dedicar primordial ou exclusivamente a cuidar

do bem estar de seus integrantes (Casa de Estudantes, Restaurantes Estudantes, Abastecimentos em espetáculos, serviços públicos, etc.) correrá o grave risco de significar simplesmente a transformação do egoísmo pessoal para o egoísmo de grupo, ainda mais condenável.

Não queremos dizer com isto que esta atividade deve ser abandonada. Chamamos no entanto a atenção para as ponderações que a este respeito fizeram os estudantes uruguaios no já citado relatório da Conferência Internacional dos Estudantes: *1 — "Se esta tarefa se erigir como primordial ou exclusiva, a entidade estudantil terá radicalmente alterado as suas finalidades, transformando-se em mero agrupamento de tipo corporativo e de caráter puramente utilitário".*

2 — *Deve-se repelir enérgicamente toda interpretação que caracterize o bem estar estudantil como um privilégio, e procure definir o estudante como uma casta social arbitrariamente beneficiada. Pelo contrário deve-se conceber o bem estar estudantil somente como um dos meios tendentes a atenuar as desigualdades sociais entre os estudantes, lutando contra o ingresso à Universidade, condicionado por vantagens econômicas, contribuindo finalmente para a democratização do ensino para uma crescente popularização da cultura".*

#### b) DEFESA DAS LIBERDADES ESTUDANTIS

Mais uma vez coloca-se o problema da definição precisa dos direitos a reivindicar. A reivindicação dos direitos implica necessariamente o reconhecimento dos deveres, que dão um sentido, uma coerência, uma autenticidade a estes direitos; e o conceito de liberdade está vinculado à existência de barreiras de limitações: pode-se lutar pela liberdade de escolher um caminho (a estrada é uma dupla barreira na paisagem) pelo qual o indivíduo se aproxima ou afasta de um ponto, mas a liberdade de andar à toa pelo deserto, a liberdade de não conhecer barreiras ou pontos de referência é uma liberdade de loucos, uma liberdade de não existir.

Se o meio universitário, fechado sobre si mesmo, pro-

curar agir junto aos poderes constituídos ou à opinião pública reivindicando tudo o que lhe parece justo, tendo em vista apenas as próprias conveniências, em face daquelas da coletividade total, não se poderá falar em movimento universitário e sim em agitação universitária: desordenada, caótica, inconsequente e infantil.

Para reivindicar é preciso se apoiar em uma escala superior de valores, a qual resumiremos em um único item: a defesa dos ideais universitários.

#### a) A DEFESA DOS IDEAIS UNIVERSITÁRIOS

Já vimos como a Universidade, que deveria representar, além de um repertório de cultura e de técnica, a consciência de uma Nação e a ideologia de um povo, alienou-se da sociedade, ligou-se a uma classe e voltou-se contra sua própria finalidade, transformando-se numa instituição caduca e decadente que obstaculiza o progresso que deveria encarnar e promover.

Defender os ideais universitários, portanto, não deve ser, para nós, ligar-se a uma estrutura ultrapassada, defender supostas tradições que não correspondem a nenhuma herança real, e sim lutar pela readaptação das instituições e pela Reforma Universitária.

Faz-se necessária uma nova arquitetura para a Universidade, mas em seu bôjo não existe nenhuma força capaz de promovê-la. A reforma tem que obedecer à realidade total do país, e, portanto, sua motivação e processo transcendem o "campus" universitário.

O problema foi inúmeras vezes debatido, fizeram-se campanhas, resoluções foram tomadas pelos universitários, propostas concretas foram apresentadas: autonomia da Universidade e a liberdade de cátedra, para lhe garantir o direito de formar os homens segundo os ideais da coletividade, imune do arbítrio dos governantes; a periodicidade da cátedra e a representação dos alunos na direção da Universidade, para lhe garantir a possibilidade de renovação constante, o idealismo, a desvinculação de interesse pessoalista; a criação de cursos técnicos e de Universidades Populares, para realizar a democratização da cultura, para que a Universidade possa servir diretamente ao povo que a sustenta; a adaptação dos cursos e currículos à realidade econômica e social de cada região, são alguns exemplos.

Como julgar da legitimidade, viabilidade e eficiência desses processos e de outros que forem propostos? O objetivo é claro: adaptar a Universidade à realidade nacional; o caminho a seguir é óbvio: mergulhar a Universidade nesta realidade, forçá-la e enfrentar problemas reais, a sentir as aspirações populares. No choque contra esses problemas, de concepção de combate é que a Universidade encontrará elementos para se readaptar, engrandecer, armar, estruturar.

Daí a necessidade imperiosa de colocar a Universidade (arrastada pelos universitários) nas inquietações e nas lutas da comunidade. Destacaremos dois aspectos mais importantes dessa luta: a luta anti-imperialista e a revolução social.

#### a) A LUTA ANTI-IMPERIALISTA

A finalidade do imperialismo, em nossos dias, é a dominação econômica dos países que se acham em sua órbita, que são reduzidos à condição de meros exportadores de matéria-prima,

com economias dirigidas do exterior, graças ao controle dos mercados e dos preços, à desnacionalização da indústria e aos empréstimos, que aumentam em progressão geométrica.

Os baixos salários pagos pela indústria extrativa, a fuga de capitais para o exterior, através da repatriação dos lucros, dos royalties e da amortização dos empréstimos, o gasto de divisas para importação de bens manufaturados são fatores que impedem a capitalização nestes países, comprometendo qualquer programa de desenvolvimento econômico; além disso, como o imperialismo se une na frente interna ao grupo dominante e o mantém no poder, estes países vão submergindo no sub-desenvolvimento e na miséria, e seu povo, exaurido pela fome crônica, pelo nível sub-humano de vida, perde qualquer consciência nacional, torna-se uma massa amorfa e sem vida.

E em tal meio, como pode subsistir a Universidade? Reduzida a um instrumento do grupo dominante, a uma máquina deformadora de consciência, a Universidade

### Consciência Uni

A ação dos universitários que afetam a humanidade e o p importância, pois, são eles os fontes superiores de cultura, qu visão mais ampla e consciente nômico-sociais e culturais que povos. Nos seus quarenta e o «CENTRO ACADEMICO» teve participação ativa na luta pela emancipação econômica d universitária e pela paz mundia os problemas que mais de p boração da Universidade.

«O BISTURI», comemora versário, sente-se orgulhoso de páginas a tese do «GRÊMIO DE «fixa os rumos e objetivos» do sitário, plenamente justificável, qualidade do trabalho e o que é corpo discente desta Faculdade contidos são aqueles pelos qua DEMICO OSWALDO CRUZ ser movimento universitário, mesm ções eram as mais adversas.

«O BISTURI», com a apr balho quer estreitar os laços d dades que compõem a Univers num esforço para que esta na aglomerado de Institutos isolad harmônico a serviço da Cultu Humanidade e da Pátria.

passa a servir à opressão, prostitui-se, trai sua própria definição.

Mas, apesar de tudo, a Universidade é a única fonte capaz de criar as forças morais que abrirão o caminho para a revolução nacional; por isto, nos países sub-desenvolvidos e coloniais, na América Latina, na África e Ásia, a Universidade tem assumido sempre posições de vanguarda na luta pela libertação nacional.

Desde a luta pelo petróleo (cuj motor obstáculo foi a própria alienação de grande parte da massa universitária) até a defesa das riquezas minerais brasileiras e da indústria nacional (que enfrentou menores dificuldades), o movimento universitário brasileiro e particularmente o paulista tem assumido a função que lhe cabe, encarnando os ideais da nacionalidade. Inefelmente, porém, nem todo o meio universitário está consciente desta responsabilidade e a formação de uma mentalidade nacional que represente efetivamente o pensamento do meio erigente-se como tarefa de fundamental importância.

«A luta anti-imperialista, que se integra na luta de

# GUARDA DO POVO

todo o povo pela instauração de regimes democráticos e de justiça social, é também o primeiro dos deveres de uma organização estudantil consciente de sua responsabilidade frente à sociedade em que atua. Desconhecê-la ou abandoná-la não seria outra coisa senão converter-se indiretamente em uma aliada do imperialismo" (2).

## 1) A REVOLUÇÃO SOCIAL

Dentro do sistema capitalista de produção, a formação da sociedade de classes e a concentração do capital (e, portanto, do poder econômico, social e político) nas mãos de uns poucos privilegiados cria uma massa trabalhadora que, embora constituindo a imensa maioria da população, é obrigada a vender seu trabalho pelo preço determinado no chamado mercado de mão de obra.

Nos países sub-desenvolvidos, enouando as classes dominantes mantêm um padrão de vida que pode ser qualificado como luxuoso, a massa trabalhadora vegeta em condições precárias, muitas vezes infra-humanas. Este é o caso de toda a

## Conclusões aprovadas pelo XI Congresso Estadual dos Estudantes

II — Declare que os universitários paulistas, por sua importância central, reconhecem que todas as campanhas reivindicadoras da U.E.E. devem ser coerentes acima de tudo com a realidade social e com as autênticas necessidades dos estudantes, em consonância com aquelas da coletividade total;

II — Repudie a atual alienação da Universidade frente à realidade nacional, fruto de uma estrutura universitária ultrapassada, e afirme a decisão dos universitários paulistas de se empenharem na luta pela Reforma Universitária;

III — Declare desde já como pontos básicos desta reforma:

a) — autonomia da Universidade e a liberdade de cátedra;

b) — a participação dos estudantes na direção universitária;

c) — a garantia de que a Universidade não será desviada de seus rumos e ideais por interesses conservadores ligados ao problema da cátedra vitalícia;

d) — a democratização do ensino, a fim de que a Universidade deixe de ser privilégio e instrumento de uma classe social;

e) — a popularização da cultura por meio de cursos de extensão ou de Universidades Populares anexas aos atuais Institutos superiores.

IV — Solicite à Diretoria da U.E.E. que promova a mais ampla campanha de divulgação e estudo da Reforma Universitária, a fim de que se crie um ambiente universitário favorável à solução do problema;

V — Declare que, a fim de que o movimento universitário possa conservar a posição de vanguarda que lhe cabe nos processos sociais e políticos da sociedade brasileira, sejam reafirmados como deveres elementares e primordiais da U.E.E. a luta pela emancipação econômica do Brasil e a luta por uma estrutura social mais justa, consubstanciada na união operário-estudantil.

dissolvida a sua União Nacional, a Union Générale des Etudiants Musulmans Algériens (U. G. E. M. A.).

Como se sabe, as sanções do governo francês contra os estudantes argelinos culminaram com a prisão há tempos do presidente da UGEMA, de cujo paradeiro ainda não se sabe até hoje.

O fato de delegados de 25 países terem se deslocado a Londres para discutir o assunto bem mostra a sua repercussão no mundo estudantil.

## NA IUGOSLAVIA, ESTUDANTES CONSTROEM ESTRADAS

A U.N.E. da Jugoslávia está com um projeto arrojado: construir uma estrada da juventude, de Ljubliana a Zagreb. Espera-se que uns 6.000 estudantes tomem parte na construção, trabalhando em brigadas de 120 pessoas cada, durante as férias de verão.

O trabalho já começou em Abril e está com término marcado para Novembro.

A nota interessante: na Jugoslávia já existe uma estrada, construída de maneira semelhante.

## CUBA: — HOMENAGEM A ECHEVERRIA

A U.N.E. de Cuba lançou recentemente um manifesto por ocasião do aniversário da morte daquele que fora seu presidente, José Antônio Echeverria.

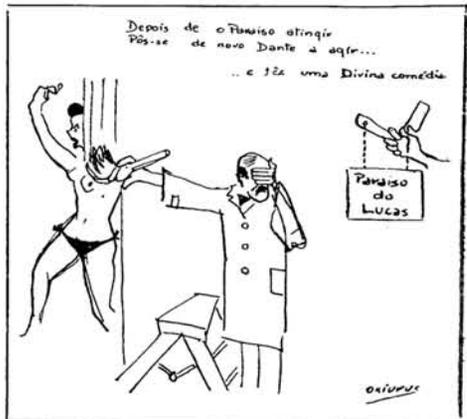
Pelo seu vigor, salientamos o seguinte, do mencionado documento:

«José Antônio Echeverria líderou os estudantes e supôs ser o intérprete das ansias de sua geração, desejosa de desempenhar o papel histórico que lhe corresponde ao lado de seu povo. Para que seu sangue generoso não tenha sido derramado em vão, seus ideais assinalam o caminho da juventude que hoje luta por uma Cuba livre. Os estudantes instam a todos os cubanos honestos a unir seus esforços para derrotar o tirano e trabalhar pela pátria de amanhã, culminando as aspirações pelas quais tanto lutou o povo cubano.»

## NA ESPANHA, A UNIVERSIDADE ÀS VOLTAS COM FRANCO

No fim do ano passado, a polícia deu uma verdadeira caça a estudantes, visando reprimir manifestações de mal-estar pela situação política do país. As prisões foram feitas durante as férias para que a natural dispersão do estudantado, durante essa época, dificultasse movimentos de solidariedade aos detidos.

Como está a situação universitária na Espanha? Na opinião de Antonio Lopez, um estudante exilado em Paris: «Entidade universitária única, professorado sem méritos acadêmicos, falta de liber-



dade para qualquer atividade, assistência social quase nula, falta de autonomia universitária, etc.

## ÁFRICA DO SUL: SEGREGAÇÃO RACIAL NA UNIVERSIDADE

As duas únicas universidades da África do Sul que até agora admitiam alunos de qualquer raça, estão ameaçadas pela lei sobre a Segregação Racial nas Universidades.

Parece incrível, mas isso existe na África, os afri-

canos de cor não podem estudar na escola que querem, no seu próprio país

## QUEM COORDENA ESSES MOVIMENTOS NO PLANO INTERNACIONAL?

Existem no mundo várias entidades estudantis que procuram se constituir no fiel intérprete dos 6 milhões de universitários que vivem em 56 países do mundo.

E' sobre elas que falaremos.

(Continua na pág. 14)

## Declaração de princípios da UNE

No XXI Congresso Nacional de Estudantes realizado em Baurú, definiu-se uma linha de pensamento e de ação para os estudantes brasileiros, que merece tornar-se em código ético de todas as agremiações universitárias do Brasil. Resume-se na Declaração de Princípios elaborada.

Esta Declaração principia por invocar a proteção de Deus, evocando em seguida a atuação da mocidade estudantil brasileira em todos os acontecimentos da vida nacional, desde a época da luta pela soberania política até à época atual, de luta pela soberania.

Em seguida vêm as resoluções tomadas e as afirmações de princípios:

1.0) Reafirma «sue fé nos princípios democráticos e o seu repúdio a qualquer discriminação ideológica, racial, religiosa, econômica e social; a quaisquer tentativas de restrição dos indivíduos, grupos e partidos».

2.0) Reconhece «a necessidade de o Brasil estabelecer política econômica baseada nos princípios da competição entre todos os países no âmbito diplomático, comercial e cultural, ressalvados os interesses supremos da Nação».

3.0) Afirma «os princípios do pacifismo e condena a solução bélica para os conflitos entre os povos».

4.0) Repudiam «o emprêgo da energia nuclear e provas atômicas para fins bélicos, em prejuízo das atividades humanitárias e pacíficas».

5.0) Declaram a «disposição de lutar pela maior aproximação dos universitários com as classes menos favorecidas, pugnando pela melhoria de suas condições de vida».

6.0) Em concordância com os «anseios de autodeterminação do destino político-econômico do país e na formação de ideologia e planejamento exigidos pelas suas próprias condições, e estipulam:

1 — Pugnar pela criação da Eletrobrás e pela defesa do monopólio estatal do petróleo, das jazidas de minérios atômicos, das fontes de riqueza e meios de transporte imprescindíveis à nossa emancipação econômica, ressaltando o propósito de denunciar todos os acordos internacionais lesivos aos interesses da Nação que possam comprometer a sua soberania e retardar a evolução industrial;

2 — Reconhecer a necessidade urgente de efetuar-se a reforma agrária, prevista na Carta Magna, levando-se em conta o melhor aproveitamento e exploração do nosso solo, possibilitando a fixação efetiva do homem do campo à terra;

3 — Exigir o cumprimento integral dos preceitos constitucionais referentes ao combate às secas do Nordeste e ao plano de valorização da Amazônia».

Os princípios restantes (do 7.0 ao 11.0) referem-se à necessidade de uma reforma educacional ampla nos cursos primário, secundário, técnicos e universitários.

Esta Declaração de Princípios não pode permanecer na grandiloquência das palavras escritas: Deve ser uma senha e um programa a ser cumprido — e esta é a missão de cada um de nós.

## iversitária

### T. U.

fronte aos problemas país é de fundamental importância únicos a atingir as suas metas propiciam uma e dos fenômenos econômicos afetam a vida dos cinco anos de vida do OSWALDO CRUZ»

uta pela democracia, do país, pela reforma lial, que foram e são certo exigem a cola-

ando o seu 25.º aniversário e apresentar em suas POLITECNICO» que o Movimento Universitário, se considerarmos a ele representa para o país: os princípios nele contidos, os CENTROS ACADÊMICOS lutou dentro do movimento quando as condi-

representação deste traque umem as Faculdades de São Paulo não, seja um simples dos mais um conjunto de e da Ciência, da

América Latina: 70% de analfabetos, 2/3 da população habitando casebres, sem um mínimo de condições higiênicas e de conforto, consumindo em média 2.000 a 2.600 calorias por dia e por pessoa. No Brasil, a situação dos trabalhadores urbanos e rurais é simplesmente revoltante e podemos dizer, sem qualquer temor de exagero, que a grande maioria do povo brasileiro vive uma existência sub-humana no que se refere à habitação, alimentação, assistência médica, educação, etc., para só falar naqueles requisitos básicos. O trabalhador brasileiro recebe, sob forma de salário, o estritamente necessário para que possa sobreviver e continuar a fornecer aos grupos favorecidos a força de seu trabalho — e muitas vezes nem isso, pois, para vergonha nossa, morre-se de fome e de frio no Brasil.

Em cada operário que se degrada no trabalho embrutecedor que lhe é imposto, em cada trabalhador rural que vende o seu braço ao latifundiário que o explora, é a própria dignidade do homem que é vilipendiada, pois a este homens não foi dada, nunca, desde o seu nasci-

mento, nenhuma oportunidade de expansão de suas qualidades humanas, nenhuma possibilidade de se realizar, segundo seus valores pessoais, suas vocações e suas aptidões, subjugado que está a uma estrutura social que o deprime e esmaga. Este problema, as obras assistenciais e a pretensa caridade, que consiste em lançar à massa as migalhas que não mais podem ser colocadas à mesa dos poderosos, nunca poderão resolver. Este é um problema de justiça, que só será resolvido quando o próprio proletário se tornar consciente da exploração de que vem sendo vítima e se rebelar contra uma ordem social injusta e desumana.

Como a burguesia, na Revolução Francesa, soube interpretar os ideais revolucionários e derrubar o poder de uma aristocracia em decadência, agora chegou, inevitavelmente, a hora da ascensão do proletariado.

Inquietações sociais se processam em todo o mundo e povos inteiros clamam pela justiça social; enquanto isto, no Brasil, como mostramos, a Universidade continua alienada desta situação e, em vez de encarnar a nova ideologia, encarna apenas os princípios de uma classe em decadência.

Ou a Universidade adota posições mais progressistas, transcendendo o mundo bur-

guês e busca no proletariado a nova ideologia, ou estará simplesmente, repetimos, traído sua missão, perdendo sua consistência e dilapidando uma cultura que deveria enriquecer com os ensinamentos reais e vividos da Revolução Social.

A Universidade deve restabelecer o contacto perdido com a nacionalidade; e isto só será possível se os universitários levarem para ela as inquietações populares, estudarão o problema social e se empenharem a fundo na sua solução.

A união operário-estudantil, visando a libertação econômica e o bem estar social é uma doutrina que já se realizou praticamente em inúmeros países da América Latina, sob a influência das inquietações estudantis no sentido da Reforma Universitária.

Indo até aos locais de trabalho, oferecendo assistência técnica especializada, através dos próprios organismos universitários, realizando um plano de popularização da cultura e lutando conjuntamente com os trabalhadores em seus movimentos reivindicatórios, em resumo, através da troca incessante de experiências, a classe universitária, nesses países, consegue conferir à Universidade aquela autenticidade, que ela perdera, transformando-a novamente em organismo vivo e atuante no seio da sociedade.

## ENQUANTO O MUNDO GIRA

PEDEM OS ESTUDANTES MEIA ENTRADA NOS CINEMAS — AINDA DESAPARECIDO O PRESIDENTE DA UNE DA ARGÉLIA — EM PROSEGUIMENTO DAS OBRAS DE REFORMA DO NOSSO ESTADIO — PROTESTO CONTRA A SEGREGAÇÃO RACIAL NAS UNIVERSIDADES DA ÁFRICA DO SUL — NOVA TEMPORADA ESPORTIVA NAS FACULDADES — AINDA REPERCUTE O ASSASSINATO DO PRESIDENTE DA UNE DE CUBA

O contraste acima é chocante mas é real. Ele serve, no entanto, para mostrar que os problemas dos estudantes nas várias partes do mundo são, além de diversos, complexos.

Vamos, pois, passar em revista o que está acontecendo nos arraiais do mundo estudantil. Isto nos ajudará a lembrar que o campo de interesse dos estudantes deve ir um pouquinho além daquilo que acontece nas salas de aula e na sede do grêmio...

O. M. F. F.

## DISSOLVIDA A UGEMA

Cêrc de 25 Uniões Nacionais de estudantes enviaram seus representantes a uma conferência especial, em Londres, para discutir a nova crise que atravessam os estudantes argelinos desde que foi

# Quem são os PLAY-BOYS ?

Dr. J. Carvalho Ribas

Livre Docente e Assistente de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Liga Paulista de Higiene Mental.

Com o rótulo de play-boys, aponta-se, nos dias de hoje, uma modalidade da discutida juventude transviada: jovens na média de quinze a vinte e cinco anos de idade, filhos de famílias abastadas e de maior relevo social, educados no luxo e na prodigalidade, e, no entanto, ao impulso de angustiosos conflitos de personalidade, resvalando em múltiplos desvios de comportamento, desde as brincadeiras de cunho gratuito e pueril até às reações perversas e delituosas. Denunciam-se os play-boys logo à primeira inspeção: usam cabelos cortados à escovinha, ou mal aparados, às vezes óculos de tipo ray-ban, camisas e blusões de cores berrantes, calças de zuarfe blue-jenny, sapatos grossos e esportivos. Com o espírito associativo proverbial na adolescência, reúnem-se em blocos, nos inferninhos, cinemas, bares, clubes esportivos e, principalmente, em certos pontos da cidade, conversando em termos de gíria, mascarando chicletes, fumando sucessivos cigarros, às vezes cachimbos. Em evidente identificação com a figura cinematográfica de James Dean e, em menor grau, com a de Marlon Brando, também herói de filmes consagrados à celebrada juventude transviada da nossa época de crise social, assumem atitudes dramáticas, sofisticadas e displicentes, e às vezes, a serviço de um espírito de bravata, de vaidade e de exibicionismo, explodem em reações intempestivas, espetaculosas e, não raro, anti-sociais.

De madrugada, comprazem-se em acordar e assustar os moradores da cidade, com explosões de fogos juninos, algazarras e outras estrepitantes. Derrubam postes, muros e árvores, quebram vidraças, dirigem expressões ofensivas aos transeuntes. No Rio de Janeiro, puseram álcool num mendigo adormecido e nele atearam fogo, sobrevivendo graves queimaduras. Correm de modo ruidoso e desabalado, nas lambretas e automó-



biaguez motora. No «Baile do Fantasma Amigo» e outras festas clandestinas, entregam-se às mais diversas extravagâncias boêmias, à medida que se embriagam com álcool e outras drogas. No Guarujá, no «Clube dos Cinquentas», só ingressariam os menores que houvessem dado, no mínimo, o prejuízo de cinquenta mil cruzeiros a alguém, à custa de depredações. Em apartamentos, lançam-se em práticas sexuais coletivas. No Rio de Janeiro, a jovem Alda Cúri, alvo de violências sexuais por parte de play-boys, morreu em consequência da queda do alto do edifício sobre a rua. Em marcha para a delinquência, os play-boys, se iniciam no estelionato, no roubo, na prostituição, no assassinato, e, em alguns casos, em crise de angústia, se suicidam, na maioria das vezes à custa da ingestão de tóxicos.

Com a intervenção dos pais, os play-boys são conitados a prosseguirem nos estudos, inclusive em colégios internos, dotados de disciplina notoriamente rigorosa. Mas, por causa dos péssimos comportamentos, são muitas vezes expulsos dos estabelecimentos de ensino. Detestam os estudos, ao mesmo tempo que, em regra, se distinguem nas atividades esportivas. Logo aprendem a guiar motocicletas e automóveis. Então, os pais



decidem que sejam submetidos a tratamentos psiquiátricos, geralmente não realizados com perseverança e regularidade, devido à displicência dos jovens e das suas famílias. Ou então os pais encaminham os play-boys para o serviço. Como se trata de famílias de projeção econômica e social, os jovens muitas vezes são colocados em cargos de direção nas empresas. Mas não se ajustam nos empregos: protestam contra a rotina, propõem inovações pouco sensatas e, porque as suas idéias não são admitidas, declaram-se desiludidos do trabalho, imitam-se a ocupar postos decorativos nas empresas, ou então abandonam os cargos, entregando-se ostensivamente à vida ociosa, mantendo-se à custa da vultosa mesada dos pais. «Para que trabalhar? argumentam. O meu pai é milionário!» Entragam-se às travessuras e reações cada vez mais graves, na convicção de que, com o dinheiro e o prestígio das famílias, estão a salvo das complicações com as autoridades policiais. Efetivamente, quando nas malhas da polícia, os parentes e amigos, depois das recriminações estrondosas e fugazes,



Nas chamadas currais, praticam, em grupos, agressões sexuais nas moças indefesas. Muitos se embriagam com álcool, maconha, aminas estimulantes e barbitúricos. Em São Paulo, traficantes disfarçados em vendedores ambulantes, à porta dos colégios, têm oferecido cigarros de maconha aos jovens, iniciando-os no vício. Com as meninas também pertencentes à roda dos play-boys, características nos cabelos curtos, despenteados, ou em «crabo de cavalo», nas blusas e calças compridas e justas, são vistas em atitudes audaciosas, às vezes sob os olhares complacentes dos pais. Ao ritmo do «Rock and Roll», experimentam estados de em-

se esforçam para que eles se eximam dos castigos. Só depois de se reconhecerem sem possibilidades de salvação, os play-boys tornam-se deprimidos, chorosos, desesperados.

Para se evitarem e se corrigirem tais situações calamitosas, promovam-se medidas, inclusive de esclarecimento do público, no sentido de que seja removido o fator provavelmente mais responsável pelo fenômeno play-boy: a família desagregada, na qual os pais, por causa dos encargos na direção das grandes empresas, ou por causa da intensa vida mundana, na jogatina, no café-society e em outros setores, estão sempre longe dos filhos ainda na infância e na adolescência, totalmente entregues aos cuidados de nurses, pajens, professores e outras pessoas. Apesar do excesso de brinquedos, do conforto material e do luxo desenfreado, as crianças se debatem em estado de insegurança e angústia, devido à carência de afeto dos pais. Nas escolas e nos clubes esportivos, no convívio dos filhos de outros milionários, com os mesmos problemas de personalidade, consolidam os hábitos de dissipação e ociosidade, ao mesmo tempo que, cada vez mais ressentidos com a falta de um lar completo, cultivam uma hostilidade surda contra a família e a sociedade. Certas predisposições psicopáticas, já existentes em alguns casos, contribuem para que tais jovens mais depressa se lancem nas reações mórbidas e anti-sociais. Cabe às autoridades competentes, sobretudo ao Juizado de Menores, exercer uma campanha repressiva de tantos desatinos, realizando, nesses casos, a título de emergência, uma terapêutica sintomática. Em São Paulo, o Juizado de Menores, sob a orientação do Dr. Aldo de Assis Dias, tem empreendido um oportuno e excelente movimento em prol da correção dessa juventude transviada. Em nosso meio, a Liga Paulista de Higiene Mental também está empenhada em contribuir para o êxito da mesma campanha, ao lado de outras entidades. Entretanto, consoante têm advertido os juizes de menores, os psiquiatras, os educadores, os psicólogos, os assistentes sociais e outros técnicos, as raízes do grande mal estão na família mal organizada. Cumpre que os pais, conscientes das responsabilidades de pais, com um preparo cultural e psicológico adequado, proporcionem aos filhos a assistência humana de que tanto necessitam e, não, apenas o dinheiro e o arcabouço material que depende do dinheiro.

**N. R.**  
Esta colaboração foi pedida ao prof. Dr. Carvalho Ribas, após ter-se ouvido uma de suas palestras no Curso de Higiene Mental, que a cadeira de Psiquiatria vem fornecendo aos alunos do atual quarto ano. Em nossa opinião um bom curso, que deverá ser repetido nos próximos anos.

O Departamento Cultural do C.A.O.C. vem funcionando com grande rendimento este ano. Convidando os colegas e conseguindo abatimento de preços em teatros e outros locais, sempre se está dando um passinho para a melhoria do que se vê e depois se pensa.

O Departamento Cultural do C.A.O.C. vem funcionando com grande rendimento este ano. Convidando os colegas e conseguindo abatimento de preços em teatros e outros locais, sempre se está dando um passinho para a melhoria do que se vê e depois se pensa.

O Departamento Cultural do C.A.O.C. vem funcionando com grande rendimento este ano. Convidando os colegas e conseguindo abatimento de preços em teatros e outros locais, sempre se está dando um passinho para a melhoria do que se vê e depois se pensa.

# Estudante também é Povo

(Continuação da pág. 3)

que é bom) é mero reflexo da política geral de nossa terra. É uma série enorme de considerações de ordem sociológica (que não nos arriscamos a tentar) nos explicaria o porquê. Talvez se pudesse chamar a isso de «sindrome do crescimento» (em todos os sentidos). Seriam essas fases de primarismo e tenacidade que atravessamos, no momento um aspecto normal da evolução do processo político? Parece-nos provável. E tudo isso faz parte de um aprendizado de vida.

A política universitária é então um instrumento de conquista das posições chave do movimento universitário, única possibilidade (ou pelo menos aparentemente a melhor) de se conseguir atingir a base. É isso através da luta pelas reivindicações estudantis.

**REIVINDICAÇÕES ESTUDANTIS — SÃO LEGÍTIMAS?** — Tem-se trabalhado para construir restaurantes, casas de estudantes, meia entrada em diversões públicas, etc. enfim uma série de «direitos» a que nos arrogamos mais ou menos apressadamente. Ciberia aqui uma pequena reflexão sobre essas regalias. Em nossa sociedade 50% das crianças não atinge a idade escolar, porque morre antes: nosso índice de analfabetismo é um dos maiores do mundo e entre nós a doença mais comum é a fome. Em nosso país o número daqueles que chegam a ter possibilidade de atingir fontes superiores de cultura é de 1 para cada 120 (Brito, Gregori e Baroni). Nessas circunstâncias será lícito que estudantes egressos de um meio de condições econômicas médias relativamente está-

veis, cujos problemas de manutenção, (ainda em termos médios) são ridículos em relação aos da grande massa da sociedade, pleteiem vantagens dessa ordem? Devemos lembrar que essa grande massa da sociedade é composta dos trabalhadores do campo e da cidade, únicos reais responsáveis por tudo o que temos crescido e progredido.

Esse é, entretanto, o sentido que muitos assim ditos «líderes» universitários em prestam até agora ao movimento universitário, colocando em segundo lugar, como algo de meramente acessório, a preocupação com assuntos de transcendência maior.

Mas, considerando o primarismo e o natural egoísmo da grande maioria da massa universitária, é necessário ainda que se trabalhe em realizações dessa ordem. Simplesmente porque isso trará a atenção para as entidades e assim será possível atingir-se aquele objetivo anterior; fornecer elementos para uma tomada de consciência. Uma vez conquistados através dessas realizações materiais, os universitários ouvirão com maior facilidade a voz das entidades, quando estas abordarem problemas que aparentemente não lhes dizem respeito.

**IMPORTÂNCIA ATUAL DO MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO** — Todo o mundo está cansado de saber que o Brasil é um país sub-desenvolvido. Da mesma forma, todos sabem que as causas disso (pelo menos as atuais) são a política errada que vêm tomando os governos em relação aos problemas do desenvolvimento, deixando que o país se afunde cada vez mais em sua condição de centro de

economia subsidiária de estruturas mais fortes, notadamente a economia norte-americana, que realiza em relação a nós aquilo que se chama imperialismo. E frequentemente são pressões da mais variada natureza, que forçam os governos a tomarem posições desse tipo. E daí decorre a fome, o assustador índice de mortalidade infantil, a falta de uma cultura nacional (tudo o que temos é importado) e as demais dificuldades de nosso país. Quando chega a hora de se lutar pela mudança desse estado de coisas, verifica-se que a maior parte dos políticos estão comprometidos, e têm interesses pessoais radicados à manutenção dessa situação desvantajosa. É preciso então que vozes desassombadas e independentes se ergam, vozes que não temam polícia ou difamação, que tenham suficiente energia e consciência para liderar a batalha da libertação de nossa sociedade. E onde achá-las, senão no seio das universidades e das fábricas? É aí se delineia a grande tarefa histórica de nossa geração: a luta pela emancipação em todos os terrenos. Traçamos há pouco um retrato desfavorável do estudante. E ele para nós é real. Mas, a esperança (que é uma certeza) nos acena com um futuro, em que o universitário brasileiro, acordado de sua longa dormira pela atuação cada vez mais consciente de suas entidades, levantar-se-á empunhando a bandeira do nacionalismo, para marchar junto com o povo, em boa proporção já desperto. E isso acontecerá simplesmente, porque afinal de contas o estudante também é povo.

Antonio Carlos Cesarino

Síndromes carenciais polivitamínicas durante a gravidez, lactação e o período do crescimento...

## TOTAVIT

- \* TOTAVIT é o mais completo polivitamínico existente no mercado, pois contém todas as vitaminas sintéticas conhecidas (13 ao todo), extrato de fígado e sais minerais essenciais.
- \* As doses de vitaminas contidas no TOTAVIT são superiores à dose diária recomendada pelo «Committee on Food and Nutrition of the U.S.A. National Research Council»
- \* Os sais minerais são em doses suficientes para completar a deficiência constante da nossa alimentação habitual.

APRESENTAÇÃO: Frascos com 30 drágeas de Vitaminas (verdes) 60 drágeas de Sais Minerais (amarelas)



Rua Teixeira Leite, 498 - Fone: 34-0535 São Paulo

# NOTAS DA A.A.A.O.C.

AUGUSTO H. SANTO

## CONTINUA COM A MEDICINA A LIDERANÇA DA TAÇA EFICIÊNCIA

Terminado o primeiro semestre, liderava a Medicina a Taça Eficiência, troféu estabelecido pela FUPE, secundada pela Escola Politécnica.

Com a realização das provas programadas para o início do segundo semestre, mereceu resultados felizes e honrosos para nossas cores, conseguimos manter-nos na liderança de tão almejado título. E, sem dúvida, das mais louváveis até o momento a atuação dos nossos atletas, e, em particular, as moças, que desempenham esplêndida campanha, constituindo-se mesmo num dos principais fatores de nossos sucessos.

A diretoria da AAAOC, reconhecendo o trabalho de seus associados no afã de elevar o nome da Casa de Arnaldo nos campos esportivos, desde já se compromete a realizar um grandioso banquete comemorativo, caso a Taça Eficiência de 1958 venha a engalantar sua sede social. Compromete-se também a oferecer uma medalha comemorativa do feito a todos aqueles que de qualquer modo tenham colaborado na vitória final da Taça Eficiência.

Lutemos todos, então. A etapa inicial, mais difícil, foi transposta. Resta-nos manter constante ou então aumentar a diferença de pontos que nos separa de nossos mais próximos rivais. Compareçamos assim a todas as competições com a mais inabalável das vontades de vencer. A vitória é dos fortes, e, desta vez, será nossa.

## VAMOS VENCER A XXIV MAC-MED

Realizar-se-á, em meados de outubro próximo, a XXIV Mac-Med. Como sempre, é imensa a expectativa geral em torno da empolgante reunião esportiva social universitária, que coloca frente a frente a nossa querida Med e o tradicional rival Mac. Desde já, convergem os comentários e discussões sobre as possibilidades e capacidades deste ou daquele, cada um fazendo prognósticos apaixonados, desejando vê-los confirmados no dia da prova.

O mesmo acontece conosco. Observamos o comportamento ativo dos litigantes no decorrer do ano de 1958, comparando atentamente os resultados obtidos pelos atletas da Med e do Mac, e, assim, tiramos uma série de conclusões que esperamos sejam reais.

Antes demais nada, queremos ressaltar o grande incentivo e impulso que tiveram os esportes, de maneira geral, na Casa de Arnaldo. Nenhum setor deixou de apresentar certa atividade, uns mais, outros menos; no entanto, o panorama geral é bastante auspicioso. Verificamos também que os treinos têm sido proveitosos, com regular comparecimento de atletas. Com a aproximação da semana da Mac-Med, deverá naturalmente haver maior intensidade e frequência, condicionando melhoras de ordem técnica. Este fato, aliás, é o que se tem observado no decorrer de todo ano.

Os fatores acima determinaram a gênese de uma vontade única de vencer a XXIV Mac-Med. Nossos atletas adentrarão as quadras com um único objetivo: o de VENCER. Para tanto, existe a suficiente e necessária base moral.

Também queremos notar o esforço feito no sentido de preencher as lacunas deixadas pelos colegas que se formaram o ano passado. Evidentemente novos tudo fazem para se colocar em forma e assim ocupar legítima e satisfatoriamente o lugar de seus antecessores. E' o que se nota, por exemplo, no polo-aquático, voleibol, futebol, atletismo, etc.

Estabeleceu-se então um panorama geral otimista em relação às nossas cores, consubstanciado na brilhante campanha desenvolvida durante os torneios da FUPE e refletida através da liderança da Taça Eficiência.

Por outro lado, o Mackenzie, embora nossa observação não possa ser tão objetiva, aparece como que estacionário. Superficialmente, parece-nos que seu poderio é o mesmo de sempre, que conhecemos. E' verdade que alguns atletas de grande porte deixaram de pertencer às suas fileiras, mas, no entanto, não nos devemos iludir com o fato. O Popeye sempre é o mesmo adversário que se deve respeitar.

Sintetizando, concluímos que as possibilidades de vitória deste ou daquele não podem ser prognosticadas a priori num comentário sem maiores pretensões, como este. Evidenciamos, isto sim, a grande vontade e possibilidade de alcançar um triunfo que apresentava a Medicina, desde que o mesmo espírito predomine, norteador nossos atletas, e que este mesmo espírito esteja presente nos treinos e principalmente no dia da competição. Para tanto a constância aos treinos é um imperativo capital.

AOS TREINOS!!!

VAMOS VENCER A XXIV MAC-MED!!!

## ATIVIDADES ESPORTIVAS DA AAAOC

### NATAÇÃO

Conseguimos os primeiros triunfos logo no início do mês de agosto, no decorrer do Campeonato Paulista Universitário de Natação.

No setor masculino, conquistamos o título de Vice-Campeão, tendo o campeonato sido levantado pela Politécnica. Devemos lamentar aqui a ausência de alguns nadadores, que não compareceram à piscina do DEFE afim de defender as cores verde e branco da Med.

Por outro lado, das mais brilhantes foi a vitória conseguida na parte feminina, conquistando o campeonato sem deixar a mínima dúvida. Participando na maioria das provas, com duas representantes, as moças facilmente se laurearam campeãs paulistas.

Ingrid, Verena, Edith Krauss, Waltraut e Edith Pastore merecem os elogios.

### TIRO AO ALVO

Verificamos aqui que no setor masculino tivemos a quinta colocação na prova de carabina calibre 22. Como obtivemos a oitava colocação na prova de revólver "38", ficamos em sexto lugar no Campeonato Paulista Universitário de Tiro ao Alvo.

Nossos atiradores, com a experiência adquirida este ano, devem treinar afim de aprimorar sua técnica.

Na parte feminina, novamente uma brilhante vitória foi conquistada por Maria Belmira, que se sagrou campeã paulista e Claudete Hajaj, quarta colocada, o que nos deu o título coletivo de Campeão Feminino.

### TENIS

Coletivamente, na parte masculina, conseguimos a terceira colocação. Merecem nossos tenistas um voto de louvor, dado a dificuldade apresentada no Campeonato.

As moças, Dinah e Edith Krauss, foram, no entanto, as que mais se destacaram, sagrando-se respectivamente campeã e vice-campeã paulista de tênis, absoicando ambos os títulos e consequentemente vencendo a parte coletiva.

### TENIS DE MESA

NA PARTE MASCULINA COUBE-NOS A QUARTA COLOCAÇÃO NO CAMPEONATO DA FUPE. NO SETOR FEMININO, O VICE-CAMPEONATO FOI CONQUISTADO.

TAMBÉM MERECEM AS MOÇAS ELOGIOS. POR ESTE LADO, LAMENTAMOS A FALTA DE ESPÍRITO DE EQUIPE OBSERVADO EM ALGUNS JOGADORES.

### ATLETISMO

Conquistamos a terceira colocação na parte masculina e feminina. Os nossos atletas ressentiram-se de falta de preparo físico. Esperamos que recuperem até a Mac-Med sua melhor forma técnica. As moças, no entanto, quase nada puderam fazer, visto estarem competindo com duas escolas de educação física.

Queremos lamentar alguns fatos que infelizmente ocorreram e que, por assim dizer, nos tiraram o vice-campeonato: são a nossa chegada após o prazo de inscrição de três provas, que nos daria pontos preciosos; e a ausência de alguns atletas e a displicência de outros.

### JUDO

Esteve realmente notável nossa equipe de judô. Conquistamos o Vice-Campeonato Estudantil, no setor universitário, de uma forma das mais elogiáveis. Cabem honras particulares a Lenhita Missaka, que, no desempate final com o Odontológico, teve um ligamento distendido e, apesar disto, suportou ainda, contra o representante do I.T.A., além do combate regular, três prorrogações consecutivas, ao final dos quais o empate foi o mais justo dos resultados, sendo o vice-campeonato decidido por sorteio. Notamos que posteriormente o atleta participou do torneio individual, onde obteve a 3.ª colocação na categoria de L.O DAN, Yasuhiro Tanigushi, na categoria de DAN GA1, obteve a 2.ª colocação individual, e também participou brilhantemente da equipe da Med.

### HALTEROFILISMO

Brilhantemente foi levantado o Campeonato Paulista Universitário de Halterofilismo. Apesar da Medicina se apresentar com uma equipe formada por poucos elementos, conseguiu impor-se frente seus rivais mais sérios dentro os quais salientava-se o Mackenzie. Este departamento da AAAOC, dos mais novos, por certo intensificará para o futuro suas atividades, estimulando os iniciantes no esporte, e formando um espírito de equipe e competição, principalmente espírito de equipe, que só o tempo poderá trazer. Parabéns aos halterofilistas.

### XADREZ

Ras mais felizes foi a participação da Med no torneio de xadrez da FUPE. Um honroso terceiro lugar veio premiar os esforços de nossos enxadristas. Peter, Luiz Henrique, França, Peluz e Artamis conquistaram para a AAAOC valiosos pontos que muito influirão na contagem final da Taça Eficiência.

### REMO

Sagrou-se nossa representação Vice-Campeã Paulista. Apesar da quase certeza de vitória final, uma série de pequenos incidentes veio desmentir as esperanças iniciais, fazendo com que viessemos a perder o título máximo pela diferença mínima de meio ponto. No entanto, deve ser louvado o esforço e a constância aos treinos dos remadores, que tudo fizeram para bem representar a Med.

### BASE-BALL

O quarto lugar no Torneio-Início da FUPE foi conquistado pelos adeptos do esporte da base. Creemos que neste setor tivemos algumas falhas, dentre as quais o pequeno número de treinos e jogos em conjunto. Esperamos que os atletas se recuperem a tempo afim de disputar a Mac-Med na sua melhor forma.

## MIK DO PORÃO



... "e quando desceu ao Inferno não viu Dante que horrendos castigos sofriam as almas condenadas"

## HOSPITAL DE ACIDENTADOS

AVENIDA BRIGADEIRO LUIS ANTONIO, 2.056

37-37-37

PRONTO SOCORRO

Fraturas — Cirurgia Ortopédica — Cirurgia Plástica  
Especialistas de Plantão Dia e Noite

## W. M. JACKSON, INC., ao público brasileiro

Editores, desde muitos anos, das obras do Fundador da Academia Brasileira de Letras, esse vulto extraordinário que foi MACHADO DE ASSIS, é com grande honra e satisfação que vimos transmitir ao povo brasileiro em geral o nosso pronunciamento em relação ao parecer aprovado pelo Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, já publicado pelo Diário Oficial da União.

Quando, em 1935, adquirimos os direitos autorais sobre as obras de Machado de Assis, então pertencentes à Livraria Garnier não só por escritura de compra como pela confirmação contida no testamento do grande escritor, como bem esclarece o douto Procurador-Geral da República em seu parecer, apenas 20 eram os volumes até então publicados, e muitos deles esgotados, porque, na época, Machado de Assis era desconhecido do grande público. Passamos a editar não somente esses 20 volumes, como também, à custa de sacrifícios ingentes, mediante buscas e pesquisas, com esforço e tenacidade, consultando jornais e revistas antigas, solicitando aqui e ali, vasculhando velhas bibliotecas, conseguimos reunir escritos esparsos do grande escritor brasileiro, para entregar ao grande público mais 11 alentados volumes da grandiosa obra de Machado de Assis. Orgulhamo-nos desse pioneirismo no garimpo de tantas jóias literárias que pudemos desde logo difundir junto aos livros já publicados pela antiga Livraria Garnier, mostrando não só ao Brasil como a todo mundo quanto é grande Machado de Assis.

Dessa divulgação extraordinária é que surgiu o interesse dos demais países pelo grande escritor brasileiro, e jamais negamos a firmas idôneas e nossas amigas do exterior a permissão para a tradução de suas obras, gratuitamente, tudo facilitando com o objetivo único de difundir ao máximo as obras-primas da literatura brasileira. Muitas cartas de nosso arquivo, algumas delas recebidas por via diplomática, são um honroso e eloquente atestado de nossa divulgação de Machado de Assis no exterior.

Surgiram, é verdade, algumas críticas às nossas edições, que, entretanto, sempre foram feitas à base de honestidade de editores que há mais de 40 anos se estabeleceram no Brasil, quando vender livros não era ainda um bom negócio. Mas, como bem assinala um grande machadiano que é o Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior, o notável Machado de Assis muita vez refundiu seus escritos, mesmo anos depois da publicação desta ou daquela produção literária, especialmente de seus contos. Dai pequenas divergências encontradas entre as nossas edições, segundo uma ou mais fontes de confronto de Machado de Assis, nos seus 50 anos de atividade literária.

Ninguém, porém, poderá negar-nos, em tempo algum, o mérito da iniciativa de recolher os escritos esparsos de Machado de Assis, entregando-os reunidos em volumes, para gáudio de milhões de brasileiros, desde o recuado ano de 1935.

Nesta oportunidade grandiosa em que o Brasil cultua a memória de seu grande escritor, marchando no campo literário com a mesma decisão em que nos demais setores que o tornarão uma nação sempre maior e prestigiosa, fomos autorizados pelos nossos Diretores de New York, que sabem compreender o sentimento brasileiro, e vimos declarar que não desejamos tomar qualquer medida em defesa dos direitos autorais de Machado de Assis quanto à exclusividade que nos é assegurada pelo Código Civil, acatando e respeitando o ponto de vista aprovado pelo Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, muito embora firmado apenas num parecer que não é, do ponto de vista jurídico, a palavra final sobre o assunto.

E' um gesto cordial e amistoso de nossa Casa Matriz de New York ao grande povo do Brasil, é uma retribuição ao prestígio que desfruta a nossa firma neste grande país e é, principalmente, a homenagem mais alta que podemos prestar ao público brasileiro, simbolizada na liberação, por nossa própria vontade, dos direitos autorais de tão grande escritor brasileiro.

O que desejamos, sinceramente, é que as obras de Machado de Assis sejam cuidadas com o mesmo carinho que sempre dispensamos a essas jóias literárias, o que certamente se verificará na edição crítica recomendada pelo Exmo. Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Essa liberação, aliás, nada mais é do que uma ampliação da atitude que vimos mantendo até hoje, já que nunca recusamos autorização a editores nacionais para a publicação de seleções de contos em antologias e mesmo volumes inteiros, e não opusemos a menor objeção quando da publicação dos volumes reunidos pelo eminente Acadêmico Raimundo Júnior, o que seria um caso a discutir.

Tão certos estamos do alto nível de correção da nossa atual edição que manteremos editorial os nossos volumes tanto em coleções como para venda avulsa.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1958  
p.p. W. M. JACKSON, INC.  
Roberto Castro, Diretor

GAUDIO SCARABEL NOGUEIRA

Vimos de longe,  
de Alagoas,  
de Sergipe,  
Pernambuco,  
Bahia,  
vimos de outros Estados;  
vimos do interior  
para encontrar São Paulo.

São Paulo era um sonho:  
cidade grande,  
muito movimento,  
indústria e comércio,  
bons salários,  
vida melhor!

A viagem foi penosa.  
As fileiras de emigrantes famintos  
em meio a seus trapos, matulas e filhos,  
sob os olhares do paulistano,  
não conheciamos.  
Vimos sem nada e nada encontramos.

Cansados ainda procuramos.  
Onde há um teto?  
Ouvimos falar de albergue noturno.  
Uma semana... e seremos chamados  
[vagabundos!]

Onde encontrar uns poucos cruzeiros?  
Não temos dinheiro!  
Não temos emprego!  
Sem documentos...  
Não somos ninguém!

Já temos fome!  
Encarnamos os seus efeitos:  
a dor de estômago,  
o choro,  
a palidez,  
a fraqueza,  
as torturas que nos perseguem.  
Proferimos blasfêmias,  
Imprecações.  
Elas não nos aliviam.

Já temos frio!  
Pés no chão, corpo desnudado.  
Nem vemos a sujeira,  
a promiscuidade,  
o mau cheiro e as mósas.

O choro dos pequenos não incomoda  
[mais!]

E' choro de fome!  
E' choro de frio!  
E' a doença que chega!  
Nem sabemos se são nossos filhos!  
A família é empecilho.

Vamos para a favela.  
Há muitas em São Paulo.  
Seremos favelados, não mais vagabun-  
[dos].

A favela é um ambiente estranho...  
aos outros homens.  
à sociedade.  
Sociedade que nos renegou,  
que nos fez favelados.  
Não nos importa, nada sabemos.

Os barracos são toscos,  
são de madeira,  
de latas e panos.  
Cobertos de telhas,  
de latas,  
de zinco,  
de folhas de flandres.  
Assoalhados,  
Abjogados ou de chão batido.

Há muitas frestas.  
Há muitas goteiras.

Há muita umidade,  
insolação precária,  
falta de arejamento.  
Os barracos são apertados,  
exíguos,  
sujos.  
Os alugueis são pesados.

Centenas de barracos...  
e cinco ou seis fossas sépticas.  
Não há sanitários.  
Não há esgotos.  
Mas há promiscuidade,  
sujeira e mósas,  
teias de aranha,  
ratos,  
dejetos humanos...  
e lizo por todo canto,  
mesmo onde brincam as crianças,  
também as que estão engatinhando.

Continuamos com fome,  
com frio,  
descalços,  
sem agasalhos.

Nossos filhos são numerosos.  
O número deles aumenta.  
Nem todos são legítimos.

Nossas famílias estão despedaçadas.  
Somos ajuntados,  
amigados,  
não podemos falar em famílias.  
Nossos lares... não são lares.

A doença é um ciclo.  
A assistência médica faz parte dele.  
dêle não saímos.

Não temos emprego.  
Precisamos de documentos.  
Ignoramos onde nascemos,  
onde fomos registrados.  
Não cumprimos o serviço militar.  
Nas fábricas há seleção de pessoal.  
No comércio também.  
Não temos profissão!  
Não somos mendigos!  
Não somos ladrões!  
Queremos viver!

Como viver?  
Tudo não deixa!  
Nem nossos vícios:  
o alcoolismo,  
a prostituição,  
ignorância e analfabetismo,  
brigas e furtos...  
O desequilíbrio emocional...  
Desconhecemos a moral!  
Ninguém nos acode!

Deus é qualquer coisa longínqua.  
Se lhe falarmos... não nos ouve.  
Não lhe falamos.  
Sabemos que existem cristãos.  
Eles vivem longe de nós.  
Nossa miséria nos leva à descrença,  
às superstições,  
ao espiritismo,  
macumbeiros... e para mais longe de  
[Deus!]

Já não somos mais homens!

(Continuação da pág. 10)

**U. I. E. — UNIÃO INTERNACIONAL DOS ESTUDANDOS**

Esta entidade tem sede em Praga, na Checoslováquia.

Sua orientação doutrinária é comunista. Atualmente desenvolve um amplo programa de atividades e juntamente com a COSEC divide a primazia da coordenação das atividades estudantis internacionais.

Recentemente a U.I.E., enviou ao Brasil dois seus representantes, cuja estada entre nós, no mês de Junho de 1956, culminou com um triste epílogo que por certo, todos já conhecem.

Além de um Congresso de Imprensa Estudantil, que já foi realizado («O Bisturi» participou), a U. I. E., promoveu um Congresso Internacional de Estudantes de Medicina, na Rússia; trata da organização de vários jogos de Inverno e Verão, e está promovendo várias conferências e encontros internacionais sobre problemas políticos e outros. Recentemente ficamos ao par de que essa entidade está procurando fundar um Bureau Internacional de Estudantes de Medicina.

A U.I.E. está em fase de grande divulgação de suas atividades e envia frequentemente grande quantidade de material impresso para os vários

centros estudantis. «O Bisturi» periodicamente recebe o órgão oficial da U.I.E., que é a revista «Mundo Estudantil», a qual os colegas poderão encontrar em nossa redação.

**COSEC**

Anualmente, mais de 50 Uniões Nacionais de vários países participam das Conferências Internacionais de Estudantes, que são organizadas pelo chamado Secretariado Coordenador — (COSEC) sediado em Leiden, na Holanda.

COSEC possui uma orientação marcadamente anticomunista e como é de se esperar, anda sempre às turras com a U.I.E. no plano estudantil internacional.

Sua orientação atual é de luta anti-imperialista principalmente depois que grupos universitários afroasiáticos começaram a ter presença mais marcante em suas atividades.

Em seu programa de expansão, a COSEC está enviando frequentemente delegações estudantis a vários países do mundo para conhecer «in loco» os problemas dos universitários, e transmitir-lhes seu apóio.

Nesse sentido esteve entre nós um universitário do Chile, em 1956, que veio como representante de uma Comissão de Estudos da COSEC e que esteve visitando inclusive nossa Faculdade.

Esta entidade também possui sua revista oficial «El Estudiante», que os colegas encontrarão em nossa redação.

**PAX ROMANA**

Tem sede em Friburgo, na Suíça.

E' uma entidade que se constitui em um movimento internacional de estudantes e intelectuais católicos.

Pax Romana se divide em dois grandes ramos que trabalham paralelamente e colaboram entre si: Movimento Internacional de Estudantes Católicos (M. I. E. C.) e Movimento Internacional de Intelectuais Católicos (M. I. I. C.). Cada ramo é formado de federações nacionais que são os membros constituintes de Pax Romana. Estas federações são formadas de grupos locais, através dos quais se faz a ação universitária de Pax Romana. Em Janeiro de 1953, esta entidade contava com 77 federações nacionais de estudantes em 47 países e 50 federações nacionais de intelectuais católicos em 37 países.

Pax Romana também realiza conclaves internacionais a exemplo do seu Congresso Mundial e das Semanas de Ação Social. Os programas que são elaborados nessas ocasiões são desenvolvidos através de coordenação de várias Secretarias especializadas.

**AMPRAZIN**

**PROMAZINA**

Apresentação:

**AMPÓLAS**

50 mg.

100 mg.

**DRÁGEAS**

25 mg.

100 mg.

**INDICAÇÕES:**

**Neurologia e psiquiatria:** Psicoses com agitação, agitação maníaca, delírios agudos, esquizofrenia, toxicomanias, delírium tremens, agitação senil, insônia e algias agudas.

**Clínica geral:** Distúrbios neuro-vegetativos — Hemicranias rebeldes — Úlcera gastro-duodenal — Asma — Pruridos — Dóres cancerosas — Condições em que se manifestam vômitos: intoxicações de várias origens, gastroenterite, neoplasias hipertensão crônica, radioterapia.

**Obstetrícia e ginecologia:** Vômitos gravídicos — Eclampsia — Na preparação ao parto e como analgésico durante o trabalho — Dismenorréias — Dóres rebeldes por neoplasias.

**Anestesia e cirurgia:** Pré-anestésico — Potencializador dos anestésicos gerais — Agitação e hipertemia post-operatória — Hibernação artificial — Dóres pré e post-operatórias.

**Pediatria:** Vômitos dos lactentes — Tratamento sintomático dos vômitos na coqueluche — Estenose pilórica — Meningites.

**Dermatologia:** Neurodermites — Herpes-zoster.

**Oftalmologia-Otorrinolaringologia:** Nas provas diagnósticas e nas intervenções cirúrgicas (laringoscopia, broncoscopia) — Pré-anestésico e sedativo.

**Urologia:** Calculose e cistites — No preparo do paciente para o caterismo.

**LABORATÓRIO XAVIER — JOÃO GOMES & CIA. LTDA.**

RUA TAMANDARÉ, 984

SÃO PAULO

**REVISTA do Hospital das Clínicas**

A Secretária da Revista do Hospital das Clínicas, autorizada pela Comissão de Redação, tem a satisfação de comunicar que foi concedido um desconto de 50%, no preço da assinatura anual, aos senhores médicos internos, residentes e aos estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paul. FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

AVENIDA ADHEMAR DE BARROS  
SÃO PAULO BRASIL

**DR. ROBERTO BROLIO**

**MÉDICO**

PRAÇA DA SÉ, 87 — 2.º ANDAR - CONJ. 8

SÃO PAULO

LEIA EM ANAIS CIENTIFICOS

N.º 67

“A ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ”

Trabalho do Prof. Erico Nobre

# Por uma Política Universitária Progressista

Tem sido, ultimamente, alvo de debates acirrados a questão da formulação de uma política progressista para o movimento universitário. O termo — progressista — é indubitavelmente ambíguo e está a exigir maior precisão de conceito, de tal modo que possamos empreender, com eficiência, a discussão necessária.

É quase inútil afirmar-se que, os estudantes não constituem uma classe social e sim uma simples camada, formada por pessoas das proveniências as mais diversas e portanto com interesses por vezes antagonísticos. Há entre tanto uma origem preponderante: a classe média, a chamada pequena burguesia. Esta camada social caracteriza-se pela sua instabilidade, pelas profundas divisões que grassam em seu seio. Um de seus setores mais importantes é constituído pelos estudantes, quer pela sua influência na sociedade, pelo seu prestígio, quer pela sua participação na produção, considerada no seu aspecto mais geral, de elaboração de produtos e de matérias. Isto é tanto verdade que os pronunciamentos dos Centros Acadêmicos, das Unões Estudantis e da UNE são ouvidos e respeitados, que os jornais e os políticos procuram de todo modo prestigiarem-se junto às entidades estudantis.

Com grande frequência os estudantes encontram-se juntos menos ligados aos interesses egoísticos de seus grupos que pessoas de mais idade, já inteiramente mergulhadas na luta pela vida que leva os homens, sejam eles bons ou maus, e isto pouco importa, a antagonismos extremamente sérios.

Estes estudantes tornam-se portanto particularmente sensíveis às necessidades sociais que implicam, com frequência, em prejuízo aos interesses das classes onde vivem. Elevam-se acima dos conceitos predominantes na sociedade e vêm, com certa acuidade, que algumas medidas tornam-se necessárias para que o progresso mate-

rial e cultural possam processar-se.

Por motivos diversos — interesse cultural, amizades, condições de vida — uns chegam antes que outros a uma visão avançada da sociedade. Cabe portanto aos que possuem esta visão e que pretendem atuar no sentido de favorecer o progresso, fornecer aos colegas elementos que lhes permitam discutir, compreender e, eventualmente, dentro do mais rigoroso espírito democrático, tomar determinadas posições.

É nesta perspectiva que devemos enfrentar, e com relativa urgência, a tarefa de elaborarmos algumas idéias gerais, que sejam comuns aos vários elementos progressistas que participam do movimento universitário. Estas idéias gerais devem partir de considerações relativas ao nosso desenvolvimento econômico e político: somos um país em relativo crescimento industrial, onde se desenvolve um movimento nacionalista, que é a expressão deste crescimento. Movimentos idênticos em suas origens têm abalado a estrutura do colonialismo e serviram de base para a formação de um terceiro bloco mundial, o chamado bloco de Bandung.

O movimento nacionalista é um elemento relativamente novo em nossa sociedade e portanto ainda confuso e pouco diferenciado. Nele encontramos pessoas ontem comprometidas com a finança internacional e que procuram o apoio popular para suas aventuras políticas e para seus empreendimentos. Encontramos também um conjunto de pessoas dos meios industriais que procuram criar um mercado próprio no país, libertar sua economia de uma dependência asfixiante das grandes firmas estrangeiras. E neste setor que encontram

grandes firmas estrangeiras, maior eco e aceitação, soluções do tipo Nasser com a formação de um Estado forte nacionalista que colocasse entre os dois blocos que dividem o mundo, para utilizar-se de ambos. Nesta solução estaria implícita a limitação, senão a abolição das liberdades públicas, das liberdades acadêmicas e sindicais.

O outro componente do movimento nacionalista é constituído por setores mais modestos da população, que vêm no nacionalismo não apenas a formação de um mercado próprio e a afirmação do país como grande potência, mas também melhores condições de existência, uma vida econômica e cultural mais rica e plena.

Este setor está interessado em nosso desenvolvimento econômico, como meio de atingir algo e não somente como fim em si; visa utilizar as enormes riquezas de que dispõe o país, o tesouro cultural que nos legou a humanidade estudiosa.

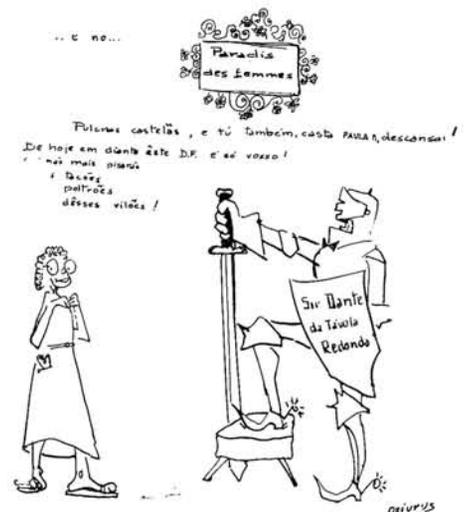
Tanto um quanto o outro setor pretendem defender as empresas nacionalizadas como a Petróbrás, a Fábrica Nacional de Motores; as classes conservadoras porém, aceitam de bom grado o compromisso com o capital estrangeiro (do qual, aliás nunca se desligam, pois o mundo hoje é um só), aceitam a contemporização, o recuo e o sacrifício das aspirações plebéias. E, aliás, o que ocorreu com Perón, cuja demagogia nacionalista foi muito além do que aqui se tem dito e que não vacilou, embora tivesse prometido mundos e fundos, em capitular. E o que hoje parece acontecer com Frondizi, autor de um livro de cunho nacionalista, há pouco publicado entre nós. Nem bem composto anuncia ele que vai fazer o que justamente

combatia: um acordo comprometedor com companhias particulares de petróleo.

O setor popular e plebeu do movimento nacionalista está ainda em diferenciação; é profundamente influenciado por líderes duvidosos e vacilantes; seus interesses levar-no-ão, inevitavelmente, a colocar certos problemas que a direita do movimento nacionalista não poderá nem quererá resolver. Dentre estes problemas citemos o da Reforma Agrária radical, indispensável para que a indústria tenha a quem vender seus produtos.

Destas breves e talvez esquemáticas constatações derivam-se conclusões determinantes: a parcela mais esclarecida do movimento universitário, que constitui fração ponderável do movimento nacionalista deve aproximar-se das aspirações populares, do movimento sindical. É este aliás o sentido da recente constituição, na UEE, de uma Secretaria de Assuntos Sindicais e da existência de uma Aliança Operária Estudantil, formalizada pela troca do martelo e do livro. Devemos animar estas organizações, dar-lhes vida e projeção. Um colega nosso da Faculdade de Filosofia, Aníbal Fernandes, publicou há pouco um artigo onde sugere que se criem formas de colaboração e de estreitamento entre estudantes e operários: formar-se-iam nos sindicatos cursos ministrados por estudantes que ajudariam a elevar o nível cultural dos trabalhadores. Sem grande dificuldade conseguir-se-iam verbas oficiais, de tal modo que os estudantes seriam pagos; além de tudo a formação destes cursos criaria empregos estáveis para nós, que com frequência lutamos com dificuldades materiais. Nesta perspectiva talvez os estudantes de Direito pudessem colaborar, dando assistência jurídica trabalhista; os de medicina, trabalhando em ambulatórios.

As tarefas são tantas que exigem a organização dos estudantes de uma modo permanente, não apenas em fun-



ção de um Congresso ou de um movimento qualquer. Ora, a constituição de uma organização implica em sacrifícios efetuados pelos empreendedores, implica numa enorme dose de trabalho de divulgação e numa desdobrada atividade.

É necessário inicialmente discutir os problemas com todos os colegas, quaisquer que sejam suas opiniões atuais; é preciso empreender a tarefa de sua politização, lutando contra o ceticismo e contra o espírito constabulado na afirmativa: «Não me interesse por política», que decorre de que os políticos usuais transformaram a política em comércio, desmoralizaram-na.

Devemos desenvolver o espírito democrático entre nós, abrindo-o a uma visão crítica e equilibrada dos acontecimentos mundiais.

Certos malentendidos devem ser combatidos: uma opinião avançada não significa que entre os dois blocos tenhamos escolhido o orien-

tal, simplesmente porque a URSS tem atacado o colonialismo.

Nesta análise cumpre evitar um enorme perigo: muitos de nós, justamente chocados por brutalidades ocorridas nos países do Oriente Europeu, como na torturada Hungria, temos esquecido que neste nosso «civilizado» continente o «Mundo Ocidental» atrocidades monstruosas são cometidas, sem que os «democratas» elevem o seu protesto.

Nossa posição progressista será então denúncia de todos atos contrários à dignidade humana: os que esmagaram a democracia na Guatemala não têm autoridade moral para defender a Hungria.

Estes e muitos outros problemas não são fruto de nossas cabeças, mas resultam de uma realidade social que grita a nossos olhos; sabemos então enfrentar com responsabilidade o momento atual, assumir corajosamente o posto, que nos está reservado.

## Notas de Clínica Cirúrgica

Os alunos dos 3.º, 4.º e 5.º anos da FMUSP são os que tiveram o Curso de Clínica Cirúrgica, segundo os novos moldes adotados para o ensino dessa matéria.

Acontece que o Prof. Vasconcelos ganhou o mandato de segurança, por ele impedido e não assina as notas de ninguém. Consequência: aluno nenhum registra seu Diploma.

«O BISTURI» já ventilou amplamente o assunto e não se arrisca a prever como é que a história vai acabar. Os profs. E. Vasconcelos e E.

Bastos foram à Congregação de Alunos e expuseram o assunto, cada qual da maneira como o entende. A Congregação do C.A.O.C. está estudando o problema, possivelmente chegará a uma conclusão, dando a opinião dos alunos.

Aliás, os alunos esperam que a questão se resolva logo, porque senão, no fim eles é que vão sofrer: as consequências do fato de os professores de Cirurgia e a Congregação da Faculdade não entrarem num acordo. Nós vamos é bancar o holandês...

**SUPER-CONVAIR**

**PARA O**

**SUL**

2 vezes por dia

**CURITIBA**

Diariamente

**FLORIANÓPOLIS**

Diariamente

**PÔRTO ALEGRE**

**REAL**

Cabine pressurizada

Ar condicionado

Macias poltronas reclináveis

Serviço de luxo

★

Libero Badaró, 370 — T. 35-2155

Cons. Crispiniano, 375 — T. 35-8151

## Medicos Militares

Há questão de umas semanas atrás, os jornais da Capital noticiaram o projeto do Ministro da Saúde, Dr. MARIO PINOTTI, com relação à prestação do Serviço Militar pelos médicos.

Através de mecanismos ainda por estudar, dever-se-iam criar disposições para dispensar os estudantes de Serviço Militar, conforme existe atualmente. Em vez disso, o médico, logo após a sua formatura, iria para o interior, onde ficaria pelo menos um ano. E «interior»

aqui refere-se a municípios, que não têm médico.

O assunto vai ser estudado pelo Ministério da Guerra e naturalmente levará alguns anos em julgamentos, pareceres, Câmaras, etc. Oxalá julgue-se em função do enorme benefício para grandes regiões brasileiras sem médico. Mas, médico só, não adianta, é preciso equipamento, material, instalações, remédios.

Só o fato, porém, de que se busca uma solução para o problema, após tantos anos de falatório inconsequente, é bastante animador.

1933 **AO «BISTURI»** 1958

Órgão oficial do CENTRO ACADÊMICO «OSWALDO CRUZ»

as

**CONGRATULAÇÕES**

do

**Laboratório «Crino-Sêda» de Suturas Cirúrgicas S. A.**

que se associa às merecidas HOMENAGENS que lhe serão tributadas na data de seu

**JUBILEU DE PRATA**

**CRINO-SÊDA**

*Tudo em fios cirúrgicos de elevado padrão de qualidade*

# A Linguagem Médica

ANIS HAUAD

Os problemas, que envolvem a linguagem médica, são múltiplos e por tal forma complexos, que qualquer tentativa de uma exposição panorâmica não daria senão uma superficialíssima idéia de seus aspectos principais.

Talvez os fatores que interferem na sua fisionomia sejam os mesmos, em essência em que participam da caracterização da linguagem dos demais ramos do conhecimento humano especializado.

E eles são numerosos.

Ao lado dos fatos que condicionam feições próprias às formas de expressão, existem os que as deturpam ou desfiguram.

O progredir vertiginoso da medicina acarretou um dilúvio de estrangeirismos e neologismos forçados; a necessidade tornou-os irremovíveis.

E a premência inexorável de aceitá-los trouxe, muita vez, o inconveniente de facilitar a invasão do idioma por formas, se não espúrias, pelo menos imperfeitas.

E' natural que a linguagem médica se individualiza por determinados fatos particulares; mas, a integridade, a indole, a essência do idioma não podem ser comprometidas.

Outra questão, ao meu ver mais grave, é a que se refere à sintaxe.

Observa-se, em alguns trabalhos médicos, o completo desconhecimento das mais elementares regras sintáticas. Os deslizes são de toda espécie.

Talvez a razão disso reside no fato de os autores, inseguros no manejo de idioma, se deixarem influenciar pelas construções das obras estrangeiras consultadas ou traduzidas.

Aliás, a tradução de qualquer trabalho deve ser extremamente cuidadosa.

A falta de zelo, de cautela, tem levado muitos autores a erros condenáveis. Até os escritores de boa nota, como Camilo, deslizarão por tais enganos.

As incorreções sintáticas, decorrentes do desinteresse pelo estudo da língua, embora não se justifiquem, têm uma explicação que lhes atenua a gravidade: o conhecimento da sintaxe exige uma carinhosa dedicação, que não seria tão espinhosa se o ensino básico do idioma não estivesse inchado de tantas falhas; é bem provável que aquele desinteresse seja realmente o reflexo do desencorajamento provocado pelo ensino irregular, defeituoso, deficiente, confuso, que arma os espíritos de uma prevenção prejudicial a um estudo verdadeiramente proveitoso.

Um outro fator, que nos chama a atenção, é o da ortografia.

Neste caso não podemos aceitar qualquer explicação que não reconheça o gritante desleixo com que é tratada

a língua, em alguns trabalhos.

Existe uma ortografia oficial que deve ser respeitada; entretanto, o que se nota é, muita vez, a adoção de um sistema ortográfico obsoleto, se não completamente estranho. O trabalho de revisão não é tão árduo que justifique o desprezo às regras vigentes de acentuação e grafia.

Em síntese, os problemas que afetam a língua são numerosos.

E' mister que se faça alguma coisa para preservar o nosso idioma dos vícios de linguagem, dos solecismos, das construções embaraçosas e confusas, das frases dúbias ou inexpressivas.

Consta-me que se não fizeram trabalhos verdadeiramente profícuos, nesse sentido; os que existem constituem contribuições esparsas que, embora valiosíssimas, não representam uma solução segura.

Creio que o mais útil seria um movimento amplo, que vise à conjugação de esforços, a fim de que medidas mais sólidas e eficientes, codificadas nos moldes de instruções oficiais, tragam a orientação de que há muito necessitamos. Aqui fica a sugestão.

## Uma Crôneca

Uma crôneca a três, Eu, a Dinah e o Augusto. Falaremos de temas mais ou menos consuetos. Por exemplo, o rufar de asas de uma libélula, a cor das azaléias do jardim (que é mais nosso do que o Dr. Dante Nese, apesar de tudo), o verde da piscina.

Por que crôneca e não crônica? Porque crônica implica em cronicidade e crôneca termina em neca, símbolo imortal das negações filosóficas. E vamos negar tudo? Não.

Admitiremos por exemplo

a falta de habilidade política do Dante, ao mesmo tempo que não negamos a utilidade dessa crôneca e concordamos com a eficiência das negociações sistemáticas que prespõem uma análise apriorística da generalidade das coisas de nosso pequeno mundo. (Nosso, não o de D. Camilo).

Negamos entretanto muita coisa. Negamos (peremptória e definitivamente) a falta de capacidade mental daqueles que fazem essa crôneca. Ou crôneca?

Continuando: negamos a existência de cobras nas ruas de São Paulo (enquanto admitimos essa exigência nos cérebros de muitos dos nossos circuns.antes); negamos a existência de onças no jardim da Faculdade, negamos mesmo a existência do jardim.

E uma negação mais ampla porque mais grave: a da possibilidade de sermos bem recebidos pela comissão redatorial do BISTURI.

Não somos destrutivos, porém: Louvamos também. Louvamos a Deus sobre todas as coisas (Dinah); louvamos o CORINTHIANS entre todos os quadros menos dignos (Augusto); louvamos o sorriso do RISADINHA, prova incontestada de que apesar de tudo a gente pode ter a esperança de ser feliz (Eu).

Mas cabe ainda uma digressão final, séria, quanto aos motivos que nos levaram a escrever estas linhas (é preciso que ninguém se esqueça que em tudo que se faz há sempre seriedade, porque em tudo isso, mesmo por piada, sempre colocamos um pouco de nós mesmos — Eu). Notem, os que ainda não conseguiram perceber pelo brilho de um terço dos raciocínios expostos, que eu não poderia ser outra pessoa senão aquele que é a luz das luzes, nobre entre os mais nobres e probo entre os que mais o são.

Parágrafo exclusivo dos dois terços restantes: fazemos notar aos leitores para que evitem perda de tempo no manuseio do dicionário que:

EU = mais probo, + luz das luzes + nobre = CESARINO.

Digressão final (dos três terços). notamos a falta de

## INDICADOR MÉDICO

**DR. OSWALDO LACRETA**  
OBSTETRICIA E GINECOLOGIA  
Livre Docente de Clínica Obstétrica da Universidade de S. Paulo  
Cons.: RUA MARCONI, 23 - 1.º Andar — Telefone: 34-9339  
Residência: RUA DOS OTTONIS, 911 — Telefone: 7-3629  
Horário: das 15 às 18 horas

**DR. JOSÉ SILVEIRA DE ARAUJO**  
CLÍNICA MÉDICA  
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina  
Cons.: Rua Barão de Itapetininga, 120 - Salas 708 e 709  
Telefone: 34-5699  
Residência: Rua Conselheiro Zacharias, 59 — Fone: 8-4694

**DR. ANTONIO B. LEFEVRE**  
LIVRE DOCENTE DE CLÍNICA NEUROLOGICA U.S.P.  
Rua Marconi, 94 — 9.º Andar — Telefone: 36-6073

**DR. WLADIMIR DO AMARAL**  
CIRURGIA REPARADORA E ESTÉTICA  
Rua Benjamin Constant, 61 — 7.º Andar — São Paulo  
Telefone: 33-5709  
Consultas: 2.as, 4.as e 6.as feiras — Das 15 às 17 horas

**DR. EDWIN BENEDITO MONTENEGRO**  
MÉDICO  
Assistente da Clínica do Prof. Dr. B. Montenegro  
Resid.: Rua Vicente de Paulo, 501 - Apt. 503 - Fone: 32-4252  
Cons.: Rua Marconi, 34 9.º and. - Fone: 34-8538 - S. Paulo  
(Das 16 às 18 horas)

**DR. NORBERTO BELLIBONI**  
PELE — ALERGIA — SIFILIS  
Cons.: Praça da República, 386 — 9.º Andar — Fone: 36-5141  
Consultas com hora marcada

**DR. ARY LOPES DE ALMEIDA**  
MOLESTIAS DO APARELHO DIGESTIVO E DA NUTRIÇÃO  
Cons.: R. Barão de Itapetininga, 273 - 7.º Andar - Fone: 34-3276  
Resid.: Rua Itapeva, 210 — Fone: 32-1406 — São Paulo

**DR. ALFREDO ABRÃO**  
Cirurgião Titular do Instituto Central da Assoc. Paulista de Combate ao Cancer  
Cons.: R. Cons. Crispiniano, 53 - 7.º a. - Conj. 71 - Tel.: 36-2578  
Resid.: Rafael de Barros, 252 6.º a. - Ap. 64 — São Paulo

**DR. ALBERTO COTTINI**  
CLÍNICA MÉDICO-CIRURGICA  
Cons.: Praça da Sé, 96 - 2.º S/ 46-47 — Telefone: 32-5866  
Resid.: Rua Traipá, 394 — Tel.: 52-7099 — São Paulo

**DR. J. MORETZSOHN DE CASTRO**  
MÉDICO-RADIOLOGISTA  
Barão de Itapetininga, 120 - 6.º andar — Telefone: 34-7080  
São Paulo

**DR. A. TISI NETTO**  
TRATAMENTO ESPECIALIZADO EM MOLESTIAS PULMONARES — EXAME PELO RAIOS X  
Res.: Rua Conselheiro Brotero, 1273 — Telefone: 51-7397

**DR. OCTAVIO G. TISI**  
PULMÃO — CORAÇÃO  
Assistente da Clínica Médica da Faculdade de Medicina  
Residência: Rua Lisboa, 190 — Telefone: 8-3190  
Cons.: Rua Xavier de Toledo, 210 - 6.º andar - Ap. 63  
Telefone: 34-3864

**DR. AMERICANO V. GARALDI**  
MÉDICO  
RADIO DIAGNOSTICO — ROENTGENFOTOGRAFIA  
Rua Xavier de Toledo, 210 — Prédio Regência — 5.º andar  
Conj. 53 — Telefone: 33-9646 — São Paulo

**DR. EDGARD BRAGA**  
Da Academia Nacional de Medicina — Do Colégio Brasileiro de Cirurgiões — Da Pró-Matru Paulista — Partos — Higiene Pré-Natal — Molestias de Senhoras — Operações  
Rua 7 de Abril, 118 3.º Andar - Conj. 301 Fone: 32-2064  
Das 3 às 6 horas da tarde  
Resid.: Rua Piauí, 561 -3.º Andar - Fone: 51-4871 S. Paulo

**DR. ERMELINDO DEL NERO JUNIOR**  
Clínica Médica — Cardiologia — Eletrocardiografia — Metabolismo basal — Médico da Terapêutica Clínica do Hospital das Clínicas e do Serviço de Eletrocardiografia do Hospital das Clínicas.  
Cons.: Rua Marconi, 71 - 11.º and. — Fone: 35-0676  
(Das 14 às 18 horas)  
Resid.: Rua Itapicuruá, 653 — Fone: 52-7825 — São Paulo

### A' CLASSE MÉDICA

Oferecemos o recanto ideal para fins de semana.

**ESTÂNCIA PORTO VELHO em Jacaré.**  
Frente para o rio Paraíba - Represa - Restaurante  
Pescarias Passeios a Cavalos - Barcos etc.  
Arrumamento completo - todos os lótes demarcados - arborização das ruas com ipês roxos e amarelos.

Informações com PORTO VELHO EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S. A.  
Rua Boa Vista, 314, 5.º andar, Cj. «D» - Tel. 34-9270

duas coisas nos últimos números do BISTURI: falta de leveza e de substância em sua matéria e portanto viemos colocar nossos intelectos privilegiados a serviço da coletividade através das páginas desse mensário (infelizmente bi-mensal, por enquanto), que a partir de ter estampadas em suas páginas, as nossas idéias passará a gozar também da possibilidade de ser considerado o

melhor jornal universitário do MUNDO. E terminamos (eruditamente) com a citação daquelas palavras que vêm norteando nossas existências olímpicas:

«Restituito ad Integrum».

**OS TRÊS TERÇOS**  
Nota para a redação: os três (brilhantes) terços são DINAH, a Olímpica AUGUSTO, Augusto CESARINO, o Probo.



verifique antes se pode ir pelo

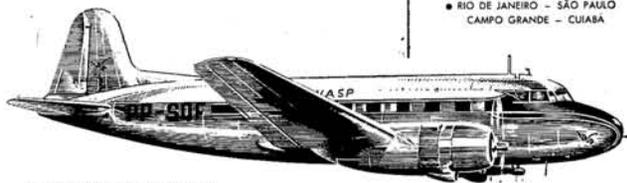
## "SCANDIA"...

Para qualquer lugar que V. v. se estiver pensando em termos de horas, em termos de comodidade, verifique antes se há um "SCANDIA" fazendo essa linha. O "SCANDIA" cobre maiores distâncias em menos tempo... e a mais perfeita combinação de velocidade e extremo conforto!



ALGUMAS LINHAS JÁ SERVIDAS PELOS "SCANDIA" DA VASP:

- SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO
- RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO CURTIBA
- RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO CAMPO GRANDE — CUIABÁ



De dia ou de noite, voe somente pelo frota "FITA AZUL" da VASP.

VIAÇÃO AÉREA SÃO PAULO



# As Coronárias Cardíacas

O coração é irrigado pelo sistema coronário. As artérias coronárias direita e esquerda nascem da aorta, cerca de 1 cm acima da válvula aórtica e possuem quase o mesmo diâmetro de uma artéria radial, sendo a esquerda mais ampla que a direita.

Nos animais, o fluxo coronário é aproximadamente de 50-75 cm<sup>3</sup> de sangue por 150 gramas e por minuto. Cifras que referidas ao homem, no qual o coração tem um peso médio de 200 g se transformam em valores de afluxo de 140-200 cm<sup>3</sup>. Desta quantidade, 50%, aproximadamente, passam através do ramo circumflexo da coronária esquerda, 30% através do ramo descendente da mesma e 20% através da coronária direita.

Admitindo-se que o rendimento cardíaco (ou seja: a quantidade de sangue que sai do coração na unidade de tempo) no homem, seja de 3-4 litros por minuto, podemos calcular que cerca de 5% da quantidade de sangue passam através das artérias coronárias em condições de repouso; e esta uma quantidade enorme de sangue, se pensarmos que o coração não representa mais que 0,4% do peso total; enquanto que 1 g de coração requer 0,5 ml de sangue por minuto, 1 g do restante do corpo requer somente em média,

4.000

$70.000 = 0,05 \text{ ml}$

É de grande importância prática o considerar-se ou não, como artérias terminais, as coronárias. De um ponto de vista estritamente anômico, as coronárias não são artérias terminais, porém, no coração normal funcionam como se o fossem, pois, que as anastomoses aí existentes, não superam os 40 microns de diâmetro. Se não existirem colaterais, o metabolismo de um setor do miocárdio dependerá exclusivamente do ramo coronário que o irriga; uma oclu-

são neste nível determinará, forçosamente, um enfarte a-nêmico. Recentes descobertas demonstraram, porém, que no coração doente podem formar-se novas colaterais de 40 até 200 microns de diâmetro (Blumgart e col.). Estes vasos, neoformados, são importantes quando advém uma oclusão ou estenose de um ramo coronário. De fato, Plüger sustenta que a isquemia é o estímulo determinante da circulação colateral e isto explicaria porque é possível encontrar-se, numa necropsia, uma oclusão coronária total sem nenhuma cicatriz de enfarte miocárdio e sem que o indivíduo, em toda sua vida tenha sofrido de "angina pectoris". A capacidade compensatória da circulação colateral depende, não só do lugar da oclusão, como também da rapidez com a qual se produz.

É importante conhecer quais os fatores que regulam a circulação do sangue nas coronárias, uma vez que dela depende a nutrição e, portanto a funcionalidade do miocárdio.

As oscilações de pressão das coronárias são condicionadas pelas variações de pressão na aorta e pela atividade do miocárdio. A quantidade de sangue que, da aorta passa para o sistema das artérias coronárias, é regulada por fatores nervosos, químicos e hidráulicos.

As artérias coronárias são providas de uma abundante rede de inervação, cujas fibras provêm em parte do vago e em parte do sistema simpático. As de origem vagal, exercem, sobre as coronárias, uma ação vaso constritora e, conseqüentemente, reduzem a quantidade de sangue que nelas circula; de fato, a secção dos vagos, simultaneamente a uma aceleração do ritmo cardíaco, provoca relaxamentos dos vasos coronários e, em conseqüência, a irrigação das artérias coronárias.

Gregg e Shypley (1942) obtiveram por estimulação do gânglio estrelado, um aumento, até o dobro, do fluxo coronário.

A dilatação das coronárias pode ser reproduzida pela ação de várias substâncias, tais como: o ácido láctico, o ácido adenílico, etc. Observa-se um acentuado aumento do afluxo, toda vez que se estabelecem condições de anóxia no tecido cardíaco, seja por queda da saturação da hemoglobina com o O<sub>2</sub>, como se verifica em altitudes elevadas, seja por falta de O<sub>2</sub> no coração, relativamente insuficiente, condição verificada no trabalho muscular.

O afluxo sanguíneo através das coronárias, é regulado passivamente pela pressão média existente na aorta e em parte também pelas mudanças de calibre das coronárias, que se produzem pelas contrações e relaxamentos rítmicos da musculatura cardíaca.

A pressão nas coronárias será tanto mais baixa, com relação à pressão aórtica, quanto menor for a resistência oposta à circulação coronária, ou seja, quanto mais alto for o afluxo neste distrito.

O mecanismo da regulação da funcionalidade coronária é muito complexo e ainda não foi suficientemente esclarecido.

Na patologia humana produzem-se, com certa frequência, fenômenos de oclusão, parcial ou total, das coronárias ou das suas ramificações, por trombose, por espasmos, ou por alterações de tipo arteriosclerótico das paredes arteriais. Estes repercutem sobre a eficiência funcional do miocárdio e a isquemia que dele deriva faz-se anunciar por uma dor que pode ser fortíssima, ou limita-se a uma sensação de opressão. A dor, conseqüentemente, não é no coração mas sim na parede torácica da região precordial, irradiando-se a todo o lado esquerdo do tórax, ao ombro es-

quero e ao lado cubital do braço esquerdo.

A origem do sintoma da dor cardíaca, que constitui o caráter clínico fundamental dos síndromes coronários e, em particular, da "angina pectoris" é atribuída a um desequilíbrio entre o trabalho cardíaco e a irrigação sanguínea do miocárdio.

Quando, por um estado patológico das coronárias (estenose), ou, em casos muito raros, por uma anormal composição do sangue (anemia, oxigenação deficiente), tem-se um afluxo de O<sub>2</sub> e um drenagem sanguínea do miocárdio insuficientes para compensar a elevação dos produtos metabólicos numa fase de aumento do trabalho do coração (esforço físico, crise hipertensiva), estes produtos acumulam-se nos tecidos e, estimulando as terminações nervosas, provocam a dor. As outras teorias aventadas, para interpretar o síndrome anginoso (distensão da aorta do coração, etc.) carecem de dados suficientemente comprobatórios.

Naturalmente, além deste mecanismo local, do ponto de vista clínico e particularmente terapêutico, são considerados outros fatores gerais: a reatividade neurovascular do indivíduo perante os estímulos físicos e emocionais possibilidades de espasmos em terreno de esclerose coronária - a sua sensibilidade à dor e as condições de circulação visceral, que se refletem sobre as condições circulatórias miocárdicas.

Entre os fatores causais da doença coronária, o etiológico mais importante é, sem dúvida, uma disposição particular, não raro familiar, para a esclerose precoce e eletiva, do distrito vascular coronário. As estatísticas demonstram (Gregg "Coronary circulation in Health and Disease" H. Vimpton Ed. London 1950) que 23% dos indivíduos entre 20 e 30 anos che-

gados à mesa de necropsia, apresentam sinais de arteriosclerose; tal porcentagem sobe a 30,5% nos indivíduos entre 30 e 40 anos e a 41% naqueles entre 40 e 50 anos. Segundo Rössler, a porcentagem entre 45 e 50 anos é de 50%. Observa-se, assim, que uma pessoa entre duas, aos 50 anos, está afetada de esclerose coronária; partindo desta idade de a curva da frequência eleva-se de forma branda. Quanto à terapêutica da "angina pectoris", é aconselhável adotar tratamentos diferentes, dada a complexidade dos mecanismos patogênicos que a sustentam e a natureza crônica e acessual suas manifestações clínicas;

a) — Durante a crise, aliviar o paciente administrando-lhe preparados coronario-dilatadores de ação rapidíssima, tais como os nitratos. Porém a extrema fugacidade do efeito terapêutico destes medicamentos e a sua toxicidade, limitam o seu uso às crises e são contraindicados aos velhos. (Harris e Aravanis)

b) — Eliminar todas as causas ocasionais capazes de determinar hipersecreção de catecolaminas (adrenalina e noradrenalina). Recomendar-se-á portanto, ao paciente que evite emoções, abusos, excessos alimentares, etc.; o fumo deve ser proibido.

c) — Individualizar e tratar as condições mórbidas capazes de determinar a doença coronária. Como foi visto, pelas estatísticas supra referidas, a luta contra a arteriosclerose reveste-se de uma fundamental importância. O fator etiopatogênico deste processo degenerativo está ligado a um alterado metabolismo do colesterol. A descoberta, recente, da importância das lipoproteínas plasmáticas (lipoproteínas macromoleculares) na origem da arteriosclerose abre novos horizontes para a solução deste difícil

problema. O nível do colesterol plasmático é regulado pelo fígado, através de um mecanismo que pode ser resumido em dois tipos: o relativo à distribuição do colesterol no fígado e no plasma e o relativo ao seu conteúdo total no sistema hepato-sanguíneo. O fígado contribui também para manter constante a relação "colesterol-fosfolípidos", que assumiu grande importância na gênese da arteriosclerose. É, então, evidente, que melhorando as condições do fígado, pode-se normalizar o síndrome bioquímico da arteriosclerose. Merecem destaque, a este propósito, os fatores lipotrópicos (metio-col-inosil), pela sua influência quer seja sobre o funcionamento hepático, quer sobre o metabolismo lipídico.

d) — Obter uma coronariodilatação eficiente e duradoura, por meio de um tratamento intensivo, o qual pode ser proporcionado por medicamentos que possam ser administrados continuamente durante longos períodos de tempo, sem provocarem efeitos tóxicos, nem influírem sobre a pressão arterial e o metabolismo cardíaco.

Não se deve julgar o valor de uma droga pelo seu efeito dilatador sobre as coronárias, mas também pela sua capacidade de aumentar o fluxo coronário. Entretanto, até há pouco tempo, não dispunhamos de um medicamento que preenchesse as necessidades ideais e só, recentemente, depois de anos de estudos, foi sintetizada a flavona - 7 oxiacetato de etila. Este produto é atóxico e age somente sobre o distrito vascular coronário e, não influenciando sobre a pressão arterial, pode ser administrado seja com finalidade profilática ou terapêutica. A descoberta desta nova substância representa um verdadeiro progresso na terapêutica da moléstia coronária.

V. PEDRINHO

## Prof. Celestino Bourroul

Perdeu a Faculdade de Medicina da USP uma de suas figuras mais ilustres e renomadas: o Prof. Celestino Bourroul.

Mestre na acepção do termo, cientista ilustre, conhecido e respeitado nos círculos médicos de todo o mundo, deixa também Celestino Bourroul, como homem e como cidadão, imorredoura lembrança no coração de todos quanto o conheceram e que, dele se aproximando, beneficiaram-se das suas inexauríveis reservas de bondade e de compreensão, virtudes que figuraram sempre em primeiro plano no conjunto geral de atributos que lhe exornavam a personalidade.

Foi-lhe a Medicina um apostolado, não uma simples profissão. Quer percorrendo os corredores cheios de leitões onde se ocultava a dor, quer ministrando, do alto de sua cátedra, os ensinamentos que plasmaram a consciência profissional de centenas e centenas de outros médicos, deixou traços indeleveis de sua passagem. Dele se pode dizer, em síntese, que foi excelente médico, notável mestre e cidadão íntegro.

Nascido nesta Capital, a 13 de novembro de 1880, fez o curso de Humanidades no Colegio São Luiz de Itu. Da-

li saiu para ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se diplomou após curso dos mais brilhantes. Defendendo a tese "Mosquitos do Brasil", mereceu da Congregação não só unânime aprovação como também prêmio de viagem à Europa.

No Velho Mundo frequentou diversos cursos, dentre eles os ministrados pelo professor Grasset, um dos luminários da Medicina da época. Depois, no Instituto Pasteur de Montpellier, colaborou, como preparador, nos trabalhos então desenvolvidos pelo eminente bacteriologista Rolart.

Regressando à Patria, começou a clinicar nesta Capital, granjeando desde logo merecida nomeada.

Em 1913, num vôo largo de idealismo, o saudoso professor Arnaldo Vieira de Carvalho lançou os fundamentos da Faculdade de Medicina de São Paulo, convidando então o jovem médico para ocupar o cargo de professor substituído da cadeira de Física e Historia Natural, da qual era catedrático o sábio francês, de renome mundial, Brumpt, autor de diversos livros de extraordinário valor científico sobre Parasitologia.

Em 1914, com o regresso de Brumpt à Europa, assu-

miu o dr. Celestino Bourroul a cadeira de Parasitologia, para a qual foi definitivamente nomeado no ano seguinte.

Foi vice-diretor da Faculdade de Medicina de 23-1-1922 a 14-2-1922, de 29-11-1941 a 14-3-1946 e de 3-10-1946 a 13-11-1950. Por duas vezes, em 1946, substituiu o professor Benedito Montenegro na direção daquele instituto da UPS. A 13-11-1950 deixava a cadeira de Moléstias Tropicais e Infecciosas, aposentando-se. No dia 9 de agosto do ano seguinte, a Faculdade de Medicina, premiando-lhe os relevantes serviços prestados à ciência, conferia-lhe o título de "professor emerito"

Deixa o professor Celestino Bourroul expressiva bagagem científica. Era membro da Associação Paulista de Medicina, da Academia Nacional de Medicina, do Colegio Internacional dos Cirurgiões (Secção Médica) da Sociedade de Historia da Medicina, da Academia de Medicina da Argentina e de diversas outras entidades médicas.

Filho do dr. Paulo Bourroul e de d. Sebastiana Bourroul, foi o saudoso mestre casado com d. Maria da Conceição Monteiro de Barros Bourroul, também já falecida.



## Bismocetina

Lepetit



Apresentação:  
Caixas com 2 supositórios

Lepetit

# A MISSÃO HUMANA DA VELHA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO

VÁRIOS SÉCULOS A ILUSTRAM NA ILUSTRAÇÃO ADMIRÁVEL DE SEUS FASTOS E FEITOS, ATRAVÉS A MAIS GIGANTESCA DAS OBRAS: — A DE SERVIR AOS QUE CARECEM DE SER SERVIDOS

Longa a caminhada dessa augusta Casa da Misericórdia! A santidade que se lhe ajusta ao nome, é a mais real, a mais autêntica, a mais visível, a mais soberana das santidades!

Já lá se foram os dias, somados em cerca de quatro séculos, e nesse Instituto não se arquivou o imperativo cristão de servir, de socorrer, de amparar, de esperar!

Grande missão a dos missionários da Misericórdia! Simples, modesta, raquítica, quase sem vida, sem futuro, cresce, viveu, agigantou-se...

Sofreu, e por ter sofrido, que padronizar-se, embelezar-se, glorificar-se na mensagem que lhe é própria, a de apagar o sofrimento, transformar a dor, em sorriso, a angústia, em alegria, o desalento, em ressurreição! Serviu, é certo, ineludível.

Mas foi servida. Ante a majestade de seus propósitos, vieram em socorro da Casa Santa da Misericórdia, os Benfeitores que lhe confiaram haveres, conquistados pelo labor, pela virtude. Seria uma caudal de nomes a referir, e muitos deles foram anônimos. Lá estão entronizados na sensibilidade da Misericórdia, em soberbas telas que reclamam, que impõem, nosso respeito, nossa gratidão.

Contribuíram para isso que aí está, ante nossa visão e nossa reverência!

O enfermo bate-lhe às portas, as portas se lhe abrem; o médico o atende, a enfermeira o cuida, a Irmã de Caridade o conforta. Eis a Misericórdia!

A viúva, em desamparo, entrega-lhe as filhas, recolhidas à pluralidade de asi-

los e educandários que mantêm. Crescem, educam-se, formam-se. Eis a Misericórdia!

Nos tempos idos, o infante abandonado na velha roda dos expostos, tornou-se filho da Instituição. Eis a Misericórdia!

Aboliu-se, há longos anos, a vala comum dos indígenas; deu-se-lhe a sepultura numerada e a cruz. Eis a Misericórdia!

No seu Templo se realizam os atos da fé, os mais solenes e comovedores de todos os atos. Eis a Misericórdia!

Na administração confraternizam, na austeridade, dos que a representam, a virtude, a honradez, a piedade, o desinteresse. Eis a Misericórdia!

Benditos sejam por Deus

os seus criadores! Bendito seja José de Anchieta!

Ela é, além de mais, um pensamento.

Dante chamou danados os homens que não pensam: «il gente dolorose ch'anno perduto il bene dell'intelletto». Os que, intramuros dela, vem ajudando-a na sua marcha silenciosa para cumprir um fim ideal, não são os «danados» a que alude o fiorentino, antes homens que «meditam» sempre na sorte de outros homens.

Resta-lhe olhar serena e confiante para o futuro certo de que o porvir não será «le fantôme aux mains vides», de que nos fala o poeta — Victor Hugo — mas a continuidade de propósitos que a norteiam e a transformam na mais bela e autêntica «Aerópole da Caridade».

João Belline  
Burza,

Antigo diretor de «O Bisturi» e Ex-Presidente do C.A.O.C., de regresso de sua viagem de estudos aos países da Europa e da Ásia, saúda cordialmente o jornal pelos seus 25.º anos e ao Centro Acadêmico pelos 45 anos de trabalhos; e oferece os seus préstimos aos distintos colegas, estudantes da Faculdade de Medicina.

Av. Paulista, 960  
17.º and., apto. 1701

LAPSO DE REVISÃO:

A colaboração «AS AURORAS SÃO VERMELHAS», na página 20 deste número é de autoria do colega Marden Ivan Negrão.

## UNIVERSITÁRIO...

(Continuação da pág. 9)

...em tal mentalidade ideatista, aceitando somente os assuntos tais como foram expostos em aula, ou seja, orientam seu ensino para os exames e não para as necessidades dos alunos. Isso também contribui para a atrofia do senso crítico dos futuros pesquisadores e profissionais, que assistem às aulas de maneira passiva. O professor deve ter bem consciente que quem se educa é o próprio educando, sua tarefa se concentra em estimular o desenvolvimento das forças do próprio indivíduo e coordená-las. O ensino não pode esquecer a sensibilidade e a liberdade de cada ser humano, em suma, as diferenças de cada indivíduo. O enciclopedismo de nosso sistema de ensino leva o aluno a memorizar alguns conhecimentos que serão expostos no exame e rapidamente esquecidos, porque não assimilados. A educação deve respeitar a plasticidade espiritual do jovem, formando-o como homem adulto, capaz de se conduzir livremente. Em

lugar de formar integralmente, nossas Universidades têm modelado apenas especialistas, esquecendo-se que o universitário é antes de tudo um homem, elemento vivo de uma sociedade (cidadão eleitor, com direitos e deveres políticos, etc.).

Se examinarmos o corpo docente de nossas Faculdades, dificilmente encontraremos um filho de operário fazendo parte dele. Esse fato mostra que a seleção econômica interfere de maneira abusiva na composição do corpo docente, com sérias consequências: a falta de elementos de uma determinada classe social na Universidade impede a veiculação de problemas dessa classe na vida universitária, ficando prejudicados os que não têm representação.

Quando o corpo docente, repetem-se várias características já apontadas no corpo docente. No Seminário, surgiram debates a respeito de investidura de cátedra, cátedra vitalícia (alguns professores se fossilizam ou não ligam para os problemas relacionados à sua cadeira). De um modo geral, o contacto entre alunos e professores é insuficiente, sendo

poucos os professores que, além do ensino técnico, se preocupam em orientar os alunos dentro de uma visão social, ética e humanística da profissão. Não chega a haver uma comunidade consciente de professores e alunos, faltando desse modo um elemento fundamental para existir uma verdadeira Universidade: consciência de problemas e interesses comuns.

Falta ainda à Universidade brasileira definir os termos de sua autonomia; uma legislação falha vem permitindo constantes intromissões de poderes estranhos na vida universitária (escolha de Reitor, de Diretor de Faculdade, etc.), o que determina greves estudantis, perturbação no ritmo de vida escolar, etc.

O anteprojeto trata ainda da jubilação escolar dos alunos que forem reprovados por dois anos seguidos; procura abolir as transferências abusivas; estipula frequência obrigatória para a entrada em exames; prevê elementos para a orientação profissional e assistência psicológica e social dos alunos.

## Instituto de Gastroenterologia de São Paulo

RUA JAPURÁ, 42 — SÃO PAULO  
Fones: 34-4048, 35-7499, 37-8497, 34-2297



DRS. JOSÉ FERNANDES PONTES — AGOSTINHO BETTARELLO — ARNALDO DE GODOY — DIRCEU PFUHL NEVES — FRANCO FRANCHINI — HELLADIO F. CAPISANO — J. V. MARTINS CAMPOS — JOÃO O. MARTINEZ — JOSÉ POLIZINI — JOSÉ DE SOUZA MEIRELLES F.º — JOSÉ THIAGO PONTES — LUIZ CAETANO DA SILVA — LUIZ TRABULSI — RUBENS MARCONDES PEREIRA — VINICIO P. CONTE — WALDEMAR PODOLSKY



DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO, NUTRIÇÃO E ANO RETAIS — ENDOSCOPIAS — LABORATÓRIO CLÍNICO — RADIOLOGIA

**Resolvido!**

**AGOSTO DE QUEIROZ**

**Seringas Hipodérmicas**

**PRECISA-SE**

**desinfetante das vias biliares completamente novo**

**NIFORMIN**

**Desinfetante das vias biliares**

FILIAIS:  
RIO DE JANEIRO  
PORTO ALEGRE  
BELO HORIZONTE  
RECIFE  
CURITIBA  
SALVADOR

Ind. Farm. Endoquímica S. A.  
MATRIZ  
SÃO PAULO — BRASIL

END. TELEGRÁFICO  
"ENDOQUÍMICA"  
CAIXA POSTAL 7.230

# HISTÓRIA DE CALÇAS

R. HUTZLER

Giovanni Grasseti estava fazendo a barba. Fazer a barba, dirão, é um ato trivial na vida comum de qualquer varão que se preze. Mas, o caso é que era a primeira vez, que Grasseti usava a máquina de barbear elétrica. Até tinha ficado um tempão a namorar as letras douradas do aparelho «Remington»; era Cr\$ 3.000,00, paga à vista.

O vendedor mostrara como é que devia fazer: movimentos amplos e circulares pela face abalxo. Diacho, se tivesse ficado na Itália, nunca é que iria ter uma máquina de raspar a barba. E, não podia se queixar da vida aqui. A fábrica de tampinhas de cerveja lá indo bem, em casa tudo azul, tinha até filho em faculdade. Até o Palestra tinha desentantado e socado 4 a 0 no Corinthians; iria gozar com a cara daqueles corinthianos bestas.

— Paí, — era a Sandra, a filha mais nova —, o homem lá da loja quer saber se o senhor vai ficar com o corte p'ro termo, éle disse que o senhor sabe, se não éle vende p'ra outro freguês.

Era verdade, aquele pano azul, tropical inglês, «Acidente», Cr\$ 2.500,00 o metro, fêz a conta depressa, dois metros e oitenta, sete mil cruzeiros, era muito dinheiro, mais dois mil de feição.

— Diz a mãe que eu fico.

A Sandra aproveitou para caçoar:

— Se é para o bem de todos, eu fico, viva il signore Grasseti, o novo D. Pedro I.

Mãcriada aqueia menina, vivia fazendo troça dele. Tão boazinha, merecia um bom noivo. Ia ver isso, precisava convidar aquele Julio Paoletti a dar uma jantada em casa. Macarronada, pizza, a Sandra servindo, talle e qualle, qui-proquo, esquecera de perguntar no Alfredo o que era aquele raio de qui-proquo, se era de comer; o advogado bem que iria da cara de boca que éle fizera, lá no processo do Tribunal. Bene, a Sandra já estava em tempo de namôro de portão. Ponto pacífico.

O corte foi direto para o alfaiate, seu Luigi. Era azul claro, com listrinhas um pouco mais claras, leve.

A bem dizer, a história em verdade começa aqui, mas era preciso contar o estado de espírito do sr. Giovanni Grasseti, dono de uma fábrica de tampinhas de cerveja, no Brás dos tutti italiani desta Paulicéia de nacionalidades sem fim, ao comprar aquele tropical azul. Mesmo porque não podia ser marron, que dava um bruta péso, fóra no dia da estréia de um marron, aquela trombada com o caminhão FNM do Frigorífico.

Seu Luigi estava de azar. Era éle a bem dizer, um dos únicos italianos em tôda São Paulo, a torcer pelo Corinthians. E o cliente não perdia vaza em gozá-lo de alto a baix. Era Julinho p'ra cá, Chinezinho p'ra lá, inho, inho, inho, nós vamos ser campeão.

Ainda por cima era aquele Grasseti metido a gráfino, não ia com a cara do gajo já de há muito tempo. Mediu, tomou nota, marcou prova para a outra terça-feira, no sábado então estaria pronto. Três botões, boca vinte e um. Até logo. Passar bem.

Parece que é costume internacional dos alfaiates não costurarem éles mesmos as calças dos ternos. Recortam o pano, juntam fóro, entreteia, linha, botões, amarram tudo juntos e dão o bôto a uma senhora costureira, que costura a coisa tôda, de jeito que resulte uma calça. É a calceira.

O paletó, fazem éles mesmos. A calceira que trabalhava para seu Luigi era português. Dona Maria dos Santos, o marido não tinha nem padaria nem botequim. Era pobre, coitado, por isso era motorneiro de bonde.

Naquele dia passou ela pela casa do alfaiate. Ouviu a recomendação.

— Este azul aqui é do Gressetti, capricho nêle, hein, dona Maria!

O que aconteceu com a costureira foi bem chocante.

Mas, como a história quer passar por verdadeira, é preciso narrar o ocorrido.

Dona Maria seguia pela calçada de sua rua, com todos aqueles buracos, que a Prefeitura não conserta nem em época de eleição, com o Jânio Quadros do outro lado. Perdi-da sabe Deus em que pensamentos, quando o subconsciente lhe avisou que era hora de atravessar a rua. Foi o que fêz, ou melhor, tentou fazer, porque um caminhão, que passava, pegou-a em cheio, jogou-a no chão, onde ficou numa poça de sangue, sem sentidos.

Veio a ambulância e a trouxe para o Hospital das Clínicas. No Pronto Socorro recebeu sangue, sôro, tiraram raio-X, auscultaram, examinaram, fizeram. Morreu no dia seguinte, às seis horas da manhã. Hemorragia cerebral.

Três dias depois, seu Luigi recebeu o recado. A calceira havia falecido. Ficou sem saber o que fazer. Pedir os panos de volta, assim na semana de luto, não ficava bem. Passando o primeiro choque, raciocinou que aquilo era muito azar seu. Profissão desgraçada.

A hesitação passou, quando a filha do fabricante de tampas de cerveja telefonou, pedindo a confirmação da prova.

Na casa enlutada, recebeu a informação de que tudo o que a extinta dona Maria carregava na hora do desenlace ainda estava no Hospital das Clínicas. Se quisesse, fôsse lá buscar.

Foi. Chegou à portaria do Pronto Socorro, pediu informações. Mandaram-no à Sala de Admissões. A enfermeira até que foi solícita.

— Entrou sábado à tarde, óbito no domingo... Só se fôr esta aqui. Desconhecida, 50 anos, e deu-lhe um número.

De posse daquela série de algarismos, foi mandado à tesouraria, onde lhe disseram que não, ali só guardavam jóias e pertences de valor. Mas, que fosse ao Registro Geral, ver se a pessoa do número já havia sido identificada.

Chegada a sua vez, havia fila, é lógico, informaram-no. Número tal; Maria dos Santos. Tinha que ir à rouparia, no segundo andar.

Nessa altura, há já uma boa hora estava no Hospital. Na rouparia: — Sim senhor, vá ao primeiro andar, peça o pacote 27.

O pacote 27 veio. Viu o vestido, os sapatos, a roupa da sua finada calceira. O triste destino dela emocionou-o; tornou-se-lhe a vista e um grande nó existia na sua garganta. O pano azul com listrinhas mais claras do tropical inglês do Giovanni Grasseti não estava ali. Mexeu e remexeu, custando a acreditar. Não estava mesmo, sumira na hora em que a ambulância veio, na certa tinham esquecido o embrulho, ou talvez algum celerado havia-se aproveitado da ocasião para roubá-lo.

Procurou na Polícia, nos Achados e Perdidos. Que nada. Outra vez na rua, viram-no fazendo contas de cabeça. Tecido inglês daquele, só vendiam de cortes inteiros. Vinham todos já com 2,80m, 7 contos. Contar a história ao cliente, outra mixórdia. Profissão besta. Depois dessa, aposentava-se, ia pedir esmola, dava mais lucro.

Ao telefone com o Grasseti, contou tudo tím-tim por tím-tim. Vinte minutos cravados, na conversa mais comprida, que já houve.

Quando depôs o fone no gancho, olhou a cara da mulher apreensiva e caiu na risada. «Coitado, ficou gagá o pobre do meu velho», pensou ela.

Mas não, o Grasseti, que não usava terno marron, porque dava azar, quando soube de tudo aquilo, fêz o sinal da Cruz. Não quis saber nem de conversa, quanto mais do terno azul, que tinha um passado tão horrível.

Não, não e não. Seu Luigi podia ficar com o resto do tropical. Não reparasse também não, que ia trocar de alfaiate.

Ecco, seu Luigi não teve que pagar o prejuízo, que aliás não fóra éle, que causara. Agora respirava, aliviado, feliz.

O que, em relação à tristeza do resto da história tôda, não deixa de ser um happy-end.



VINTE E CINCO ANOS DE UM JORNAL

ACADÊMICO

**CLÍNICA**  
**«DR. MARIO DEGNI»**  
 Cirurgia Geral — Cirurgia Torácica — Cardiovascular  
 e do Aparelho Digestivo  
 — O —  
**CONSULTAS COM HORA MARCADA**  
 — O —  
 Diretor — PROF. DR. MARIO DEGNI  
 Corpo Clínico:  
 DR. PAVEL NUNES  
 DR. WALTER LANFRANCHI  
 DR. DAGOBERTO PETRILLI  
 DR. ORIVALDO DE ALMEIDA  
 DR. JOSÉ CASSIANO FIGUEIREDO  
 DR. NELSON POZI — (Clínico)  
 DR. OSCAR PIMENTEL PORTUGAL — (Cardiologista)  
 DR. JOSÉ MORETSONH DE CASTRO — (Radiologista)  
 DR. RUBENS XAVIER GUIMARÃES — (Analista)  
 — O —  
 Consultório — RUA DONA VERIDIANA, 661 —  
 TELS.: 34-4444 — 35-9700  
 Residência — AV. EUSEBIO MATOSO, 786 —  
 TEL.: 8-7492 — SÃO PAULO

VOE PELA **REAL**  
TRANSPORTES REDES  
**SALVADOR dista de SÃO PAULO uma «boa viagem» pela R E A L. RECIFE, FORTALEZA, BELEM, SÃO LUIZ e NATAL também estão na rota do vôo «O JANGADEIRO» com o Super Convair da REAL.**  
 FONE : 35-8151  
 Rua Cons. Crispiniano, 379 — São Paulo

*Rinaldi Flores*  
 Serviço Internac. com os maiores Floristas de todos os países.  
 Membro da Florists' Telegraph Delivery Association Inc.  
**FLORISTAS DECORADORES**  
**Angelo Rinaldi & Filhos Ltda.**  
 Praça da Republica, 176 - São Paulo (Brasil)  
 Tels.: da Loja 32-2316 - da Residência 8-2208  
 (Orquidário e Chácara Estrada Campo Limpo, 200) Município de Santo Amaro  
 Ex-Membro do Juri da Exposição Internacional de Flores em Gandi

**TÉTANO**  
 O Dr. Ricardo Veronesi apoiado em amplos poderes públicos, lançou-se numa campanha pela vacinação anti-tetânica.  
 Em exaustivo trabalho, éle demonstra que o número

de casos de tétano tem aumentado nestes últimos anos. Em 1944 foram internados no H.C., 10 casos e em 1956 o numero de casos chegou a 197.

Prova o Dr. Veronesi que com o custo do tratamento destes 197 casos dá para va-

cinar profilaticamente cerca de 200.000 pessoas.

O Pronto Socorro do Ipiranga, pretende introduzir em suas receitas o uso de anatóxina. Porque não se faz o mesmo no Hospital das Clínicas?

**CARDIOPATIAS**

Num artigo publicado no Public Health Report de fevereiro de 1956, Ferrec, apresenta dados estatísticos mostrando que ainda é de cardiopatias que se morre mais nos Estados Unidos.



**QUALIDADE YORK EM TODO O BRASIL**  
**O ESPARADRAPO YORK**  
**É 100% BRASILEIRO!**

Fabricado inteiramente no Brasil, segundo os padrões internacionais, o Esparadrapo York é garantido pela primeira grande indústria brasileira de produtos cirúrgicos. É o único que lhe oferece sempre as mesmas imutáveis características da mais alta qualidade!

- adere imediatamente
- absolutamente impermeável
- não resseca
- não mela

Insista na marca

**york**

*Quem conhece... confia!*

industrias **york** s.a.

produtos cirúrgicos

Em tôdas as medidas — branco e cor da pele

RUA PROF. APRÍGIO GONZAGA, 435 — C. POSTAL 8693 — SÃO PAULO  
 Representantes em todo o país

# Considerações Eleicoeiras



NELSON SIMÕES

«O BISTURI» desejava de conhecer a opinião política dos alunos da FMUSP promoveu uma prévia eleitoral. Foram consultados 50% dos alunos (250) da Faculdade, aos quais foram formuladas oito perguntas que transcrevemos abaixo, acompanhadas das respectivas respostas em números absolutos e em porcentagem.

1.ª pergunta:

Em quem você votará para Governador?

Respostas:

Carvalho Pinto	167	66,8%
Adhemar de Barros	24	9,6%
Auro Moura Andrade	15	6,0%
Indecisos	18	7,2%
Nulos e Brancos	25	10,0%
Não revelados	1	0,4%
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100,0%</b>

2.ª Pergunta:

E para Vice-Governador?

Respostas:

Cid Franco	142	56,8%
Porfirio da Paz	15	6,0%
Pedro Geraldo Costa	3	1,2%
Indecisos	63	25,2%
Nulos e Brancos	26	10,4%
Não revelados	1	0,4%
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100,0%</b>

3.ª Pergunta:

Já tem candidato a Deputado Federal?

Respostas:

Sim	141	56,4%
Não	99	39,6%
Nulos e Brancos	8	3,2%
Não Revelados	2	0,8%
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100,0%</b>

4.ª Pergunta:

Qual a Legenda do seu candidato a Deputado Federal?

Respostas:

PR	31	12,4%
PDC	20	8,0%
UDN	20	8,0%
PSB	18	7,2%
PSP	9	3,6%
PTB	8	3,2%
PSD	17	6,8%
PRT	1	0,4%
PRP	1	0,4%
Desconhecem a legenda dos seus Candidatos	32	12,8%
Sem Legenda nem Candidatos	83	33,2%
Nulos e Brancos	8	3,2%
Não Revelados	2	0,8%
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100,0%</b>

Muito se tem falado e escrito sobre o sistema de eleições no Brasil. E sobre o nível eleitoral da população votante. Ainda mais com a proclamação da concessão do voto ao analfabeto. Discutiu-se, com argumentos razoáveis, que o analfabeto não teria possibilidades de escolher bem os seus candidatos.

Na prévia eleitoral, realizada aqui na FMUSP e cujos resultados são expostos a seguir, os resultados são decepcionantes, de certo modo.

Nas votações para governa-

dor e vice-governador, respectivamente 7,2% e 25,2% dos estudantes não tinham candidato; enquanto 10% e 10,1% declararam pretender votar em branco.

Para as deputações, os votos são dados a amigos pessoais ou familiares, sem sequer saber-se os partidos a que pertencem; é a votação «não sabe a legenda», que apontamos. Esses votos e mais outros são dados em votação a partidos diversos, por vezes politicamente de todo antagônicos. Deputado Fede-

ral, 12,8%; Deputado Estadual, 13,6%; Senador, 6,4%. A porcentagem de individual, sem legenda e nem candidato definido é assustadora: Deputado Federal, 33,2%; Deputado Estadual, 36,0%; Senador, 51,8%. Declaram ir votar em branco, na mesma ordem 4%, 6,2% e 7,6%.

O dado principal, que a prévia mostra é que a apenas 40 dias das eleições, dentre os nossos estudantes de medicina, nas votações:

## BLASTOMICOSE

O prof. Lacaz e Dr. Sebastião Sampaio comunicaram na A. P. M. as experiências que realizaram com um novo antibiótico Amphoterin B, no tratamento da blastomicose sulamericana.

O novo antibiótico foi isolado nos Lab. Squibb e é obtido graças a atividade biológica de um Streptomicos do rio Orinoco, na Venezuela.

O antibiótico é de uso endovenoso e sua aplicação deve ser feita em ambiente hospital, devido a sua toxicidade.

Em quatro casos aplicados as lesões regridiram prontamente, resta observar se com a suspensão da droga, como acontece com a sulfa, as lesões não reaparecerão.

Estes casos eram sulfaresistentes.

O BISTURI

## LABORATÓRIOS ANDRÔMACO

O emblema que distingue medicamentos éticos de introdução exclusiva entre médicos.

São Paulo — Rua Independência, 706 e 715  
Rio de Janeiro — Rua Moncorvo Filho, 101

## As Auroras são Vermelhas

As auroras não de ser sempre vermelhas. Queiram ou não queiram as igrejas.

É o sangue dos heróis, que vem fazer pulsar os próprios ideais. Em corações alheios. A todo Cristo, Senhor da verdade,

Que não tem viseiras, que quer redimir a humanidade Da torpeza, da miséria. Impõe-se-lhe um calvário.

Porisso, as auroras não de ser sempre vermelhas, Para lembrar aos que ma- [drugam] [drugam]

Que não há outro caminho. Nem tampouco outro atalho.

## CARTA DO C.A.O.C. AO MINISTRO DA SAÚDE

### Serviço Militar dos Médicos

Casa de Arnaldo, 1 de outubro de 1958.

Excelentíssimo Senhor:

Tendo notícia, pela imprensa de 12 de setembro p.p., da exposição feita por V. Excia. sobre o problema sumamente importante da Saúde Pública nos Municípios desprovidos de médicos e da solução apresentada, queremos comunicar-lhe que:

1.º) — Nós, estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, representados pelo Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» em sua Congregação de Alunos, em prestamos nosso irrestrito apoio às iniciativas que venham colaborar para a solução dos graves problemas médico-sociais que afligem a população brasileira. Lembramos, aliás, que em julho de 1956, por ocasião do Primeiro Seminário Nacional de Reforma do Ensino Superior, um grupo de acadêmicos representando o Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz», procurou V. Excia. a fim de verificar possibilidade de uma melhoria na Assistência Médica aos Municípios. Já naquela ocasião, conhecedores do pensamento de V. Excia.

a esse respeito, expusemos-lhe o nosso ponto de vista que hoje vemos, a uma próxima realidade se a Providência assim o permitir.

Em vista disso achamos muito oportuna a iniciativa de V. Excia. no sentido de proceder, em substituição ao Serviço Militar, o estágio obrigatório de um ano para médicos recém formados em municípios onde a medicina é exercida por curiosos e curandeiros. Esta posição é digna do apóio e do encorajamento de todos os estudantes de Medicina, conscientes de sua função como cidadãos e futuros profissionais.

2.º) — Pedimos a V. Excia. que nos envie mais dados e pormenores sobre seu trabalho inclusive os passos que deverão ser dados para à sua real concretização, a fim de que possamos dar-lhe a difusão que merece por todas as Escolas Médicas do País.

Sendo o que se nos apresenta no momento, aproveitamos a oportunidade para enviar-lhe nossos protestos de respeito e consideração.

a) Diretoria do CAOC

**PRODUTOS BYK**

EUPHYLLIN  
EPIDOSIN  
MYOCARDON  
PANKREON  
RAWYOLFINA  
THYREOCORDON

★  
**Produtos de confiança**

**POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA**  
— DE —  
**CAMILLO MORELLI & IRMÃO LTDA.**  
Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha TEXACO  
GASOLINA — MOTOR — OLEOS — GRAXA  
ACESSÓRIOS  
Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis.  
ATENÇÃO E CORTESIA  
AVENIDA REBOUÇAS, 158 — AVENIDA ANGÉLICA, 2843  
TELEFONE: 51-6865  
CONFIAM OS SEUS CARROS AO  
**POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA**  
OS MÉDICOS, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DO H. C.